



Dinis Manuel Nhangá Mona

**O PROPÓSITO DAS PARÁBOLAS DE JESUS:
Um estudo exegético de Mc 4,10-12**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia da PUC-Rio como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. José Otácio Oliveira Guedes

Rio de Janeiro
Março de 2017



Dinis Manuel Nhangá Mona

**O PROPÓSITO DAS PARÁBOLAS DE JESUS:
Um estudo exegético de Mc 4,10-12**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. José Otácio Oliveira Guedes
Orientador
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Waldecir Gonzaga
Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Dionísio Oliveira Soares
Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Prof. Monah Winograd
Coordenadora Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa
do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 6 de Março de 2017

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

Dinis Manuel Nhangá Mona

Graduou-se em Teologia no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia (Faculdades Adventistas da Bahia) em 2010. Coursou especialização em Interpretação e Ensino da Bíblia na mesma Instituição de 2011-2014.

Ficha Catalográfica

Mona, Dinis Manuel Nhangá

O propósito das parábolas de Jesus: um estudo exegético de Mc 4,10-12 / Dinis Manuel Nhangá Mona ; orientador: José Otácio Oliveira Guedes. – 2017.

93 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Parábolas. 3. Ensinos de Jesus. 4. Propósito das parábolas. 5. Reino de Deus. 6. Endurecimento-Facilitamento. I. Guedes, José Otácio Oliveira. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por tornar este sonho real; pela forma como guiou este projeto de vida até aqui suprindo no caminho as condições necessárias. Por Sua múltipla bondade expressa por vários meios que me assistiram neste processo. Por prover para mim amparo mesmo em terra distante da minha; enfim, agradeço a Deus por tudo.

A Minha esposa Rose, por ser um braço direito neste processo, pela maravilhosa compreensão, incentivo apoio. A minha filha Laura, que nasceu junto com esta pesquisa, me proporcionando mais aprendizado.

Aos meus familiares em Angola, pela coragem que têm me concedido e pela compreensão de longa ausência e paciência pelo retorno.

Aos administradores da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Angola, por aceitarem meu pedido para que pudesse continuar os estudos.

Ao Departamento de Teologia da PUC-Rio, pela oportunidade de participar deste excelente programa de pós-graduação; pela admissibilidade ao mesmo programa e pela oportunidade de crescimento acadêmico.

Ao meu orientador Dr. José Otácio Oliveira Guedes, por ter aceitado ser orientador desta pesquisa, pela maravilhosa experiência proporcionada tanto em sala de aula como no processo de orientação; pela inspiração na postura de pesquisar seriamente o texto sagrado e pelo exemplo humano que serviu de inspiração. Agradeço pela orientação acadêmica e também de vida aprendida neste processo.

Aos professores do Departamento de Teologia PUC-Rio, por terem compartilhado conosco seus saberes notáveis aperfeiçoando nossas ferramentas de pesquisa; e pela amizade oferecida.

Aos funcionários da secretaria do Departamento de Teologia-PUC-Rio, pela paciência e eficiência no atendimento, pela orientação que constantemente passaram, pela prestatividade, e pela forma humana destacada em atender a todos, sua assistência tornou o processo agradável. Muito obrigado.

A CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios financeiros sem os quais não seria possível a participação no programa e a elaboração desta pesquisa.

Aos colegas de mestrado e outros amigos, pela amizade desenvolvida e pela ajuda neste processo. E a todos que colaboraram diretamente ou indiretamente neste processo.

Resumo

Mona, Dinis Manuel Nhangá; Guedes, José Otácio Oliveira. **O propósito das parábolas de Jesus: um estudo exegético de Mc 4,10-12**. Rio de Janeiro, 2017. 93 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O propósito das parábolas de Jesus, um estudo exegético de Mc 4,10-12. Esta pesquisa abordou o propósito do uso de parábolas nos ensinamentos de Jesus, isto é, qual ou quais os motivos que levaram Jesus a usar parábolas em seus ensinamentos. Para alcançar os objetivos traçados, esta pesquisa combinou a metodologia da análise narrativa e análise retórica, considerando também os elementos históricos do texto. Com isto a exegese chegou a um resultado, apresentando outra possibilidade de interpretação da teoria sobre o ensino por parábolas expressa em Mc 4, 10-12. A pesquisa concluiu que na atual configuração há possibilidades de admitir que a perícopes referida não afirma que Jesus ensinou por meio de parábolas para endurecer o coração de Seus ouvintes, e dificultar-lhes o acesso as coisas do Reino de Deus. Ao contrário disto a exegese concluiu que Jesus usou parábolas em Seus ensinamentos com o propósito de facilitar o processo de entendimento de todos que O ouviam, trazendo à compreensão as coisas do Reino de Deus através de uma linguagem que era familiar e natural aos Seus ouvintes.

Palavras-chave

Parábolas; Ensinos de Jesus; propósito das parábolas; Reino de Deus; Endurecimento-Facilitamento.

Abstract

Mona, Dinis Manuel Nhangá; Guedes, José Otácio Oliveira (Advisor). **The purpose of Jesus parables: an exegetical study of Mk 4,10-12**. Rio de Janeiro, 2017. 91 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of Jesus parables, an exegetical study of Mk 4,10-12. This research survey the purpose of the use of parables in Jesus teachings, namely, what is or which are the reasons that led Jesus to use parables in his teachings. To achieve the goals outlined, this research combined narrative analysis and rhetorical analysis methodology, considering of historical elements of the text. Thereby the exegesis reached a result, bring up another interpretation possibility of theory about Jesus teaching by parables as it appear in Mk 4, 10-12. The research concluded that in current setting there is the possibility to acknowledge that the referred section of text does not state that Jesus taught by parables with the purpose of hardening hearts of his listeners, and to rise difficulties upon him in accessing of the things of the kingdom of God. Instead this exegesis conclude that Jesus used parables in his teachings with purpose to make easy the understanding process of all his listeners, bring up to the understanding the things of the kingdom of God through a language that was familiar and natural to his listeners.

Keywords

Parables; Jesus Teachings; Parables purpose; Kingdom of God; Hardening-Facilitator.

Sumário

1. Introdução	9
2. História da interpretação das parábolas	11
2.1. Período Patrístico e Idade Média	11
2.2. Período Moderno (de A. Jülicher à J. Jeremias)	14
2.2.1 A. Jülicher	15
2.2.2. C. Dodd	16
2.2.3. J. Jeremias	17
2.3. Período Contemporâneo	18
2.3.1. A nova crítica literária	19
2.3.2. Nova hermenêutica	20
2.3.3. Crítica estética	21
2.3.4. Estruturalismo	22
2.3.5. Desconstrutivismo	23
2.3.6. Resposta-do-leitor	24
2.3.7. Outras abordagens	25
3. Exegese de Mc 4,10-12	27
3.1. O texto e o contexto	27
3.2. Segmentação e tradução	29
3.3. Crítica Textual	30
3.4. A constituição do texto	33
3.4.1. Delimitação da perícopes	33
3.4.2. Verificação da unidade	36
3.4.3. Uso de fontes literárias	37
3.5. Estrutura literária	40
3.5.1. A estrutura da unidade menor 4,10-12	44
3.5.2. A organização do texto	46
3.5.3. Contexto literário-teológico do dito em Mc 4,12	50
4. Comentário exegético	53
4.1. οἱ περὶ αὐτὸν εὐαγγελιστὰς (v.10c)	53

4.2. ὑμῖν ἔοικότες, τοῖς ἔξω (v.11bd)	56
4.3. τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ (v.11c)	59
4.4. O motivo de falar em parábolas e a temática do endurecimento	63
4.4.1. O motivo de falar em parábolas	63
4.4.2. O contexto literário-teológico do <i>mashal</i> do endurecimento	66
4.4.3. A temática do endurecimento	68
5. Leituras Teológicas da perícope	73
5.1. Leitura dificultante	73
5.2. Leitura facilitadora	77
5.3. Leitura harmonizante	79
6. Conclusão	82
7. Referências bibliográficas	84
7.1. Obras de referência	84
7.2. Livros/partes de livros e verbetes de dicionário	84
7.3. Artigos	91

1 Introdução

As parábolas de Jesus foram e continuam sendo uma área de estudo do Novo Testamento que têm ocupado a atenção de muitos pesquisadores. Uma das questões basilares dentro desta área de pesquisa é a declaração que expressa o propósito pelo qual Jesus usa parábolas em Seus ensinamentos, que está contido na perícopes de Mc 4,10-12 (também nos paralelos de Mt 13,10-12 e Lc 8,9-10). A maioria dos estudiosos afirma que no atual contexto a perícopes de Marcos sugere que Jesus ensinou por parábolas para ocultar ou impedir que os de fora tivessem acesso ao Reino de Deus, endurecendo-lhes os corações.

Esses estudiosos compreendem que nesta configuração o texto soa estranho no contexto do Evangelho de Marcos, inserindo uma contradição dentro do próprio Evangelho. Segundo esses estudiosos, visto que a declaração da perícopes provoca uma ruptura e contradiz outras declarações do Evangelho, a conclusão é que se trata de uma adição. A explicação para a origem desta adição apresenta grande variação, cada estudioso explica a seu modo.

Há, no entanto, uma possibilidade de um olhar alternativo para Mc 4,10-12, considerando a atual configuração dentro de seu contexto e de toda narrativa do Evangelho de Marcos. É com esta possibilidade que esta pesquisa procurará interpretar o propósito das parábolas de Jesus na perícopes de Mc 4,10-12.

O objetivo desta pesquisa é apresentar uma explicação na atual configuração do texto sobre o uso que Jesus fez das parábolas. Desejaria Ele ocultar ou dificultar o acesso ao Reino de Deus para os de fora e endurecendo-lhes os corações? Para alcançar os objetivos pretendidos esta pesquisa combinará a metodologia da análise narrativa, algumas vezes da análise retórica, com uma análise dos elementos históricos do texto.

Assim, no primeiro capítulo desta pesquisa se resumirá como as parábolas foram interpretadas desde o período patrístico até a contemporaneidade, tal resumo se torna importante para a temática proposta nesta pesquisa por servir como horizonte para a mesma.

No segundo capítulo serão analisados os aspectos internos e externos do texto, isto é, as questões introdutórias do Evangelho de Marcos e os procedimentos da análise do texto.

No terceiro capítulo se apresentará o resultado do capítulo anterior, um comentário exegético, destacando-se a temática do título οἱ περὶ αὐτὸν e os δώδεκα (10c); a tensão entre ὑμῖν e ἐκείνοις - τοῖς ἔξω (11bd); ο μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ (v.11c); o motivo de falar em parábolas e a temática do endurecimento.

E finalmente, o quarto capítulo apresentará a síntese e uma breve análise teológica das três grandes teorias relativas ao conceito de endurecimento em Mc 4,10-12, a proposta do endurecimento, a facilitadora e a harmonizante.

2 História da interpretação das parábolas

Neste capítulo se apresentará um breve resumo histórico sobre como as parábolas foram interpretadas ao longo dos séculos. Neste resumo histórico não se seguirá estritamente uma sequência histórica, o enfoque será dado mais nas formas de interpretação ao longo de alguns períodos da história. Este capítulo se torna importante para a temática proposta nesta pesquisa por servir como horizonte para a mesma, isto é, contextualiza a temática central desta pesquisa. O capítulo se baseará nas obras bibliográficas que descrevem a história da interpretação das parábolas, resumirá a história da interpretação no período patrístico e idade média (mais expressivamente a interpretação dos pais da Igreja), o período moderno (período posterior das pesquisas mais científicas) e finalmente o período contemporâneo (considerando as seis últimas décadas).

2.1 Período Patrístico e Idade Média

Neste período o pensamento Greco-Romano predominava, e neste pensamento a “alegoria era uma abordagem comum para interpretar textos religiosos [...]. Alguns primeiros cristãos adotaram acriticamente alguns dos métodos interpretativos de seus dias”¹, em muitas gerações passadas era comum tratar a alegoria como interpretação imposta sobre um texto². Kissenger observa que “do período Patrístico ao final do século XIX a interpretação alegórica das parábolas (com poucas exceções) prevalecia”³. Os registros disponíveis sobre a exegese patrística relacionados às parábolas confirmam que a alegorização foi uma ferramenta comumente usada naquele período. Alguns exemplos ajudam na compreensão do exposto.

A seção Mc 4,1-34 foi objeto da prática descrita acima. Sobre a semente que é lançada sobre a terra e frutifica (Mc 4,8) Clemente de Roma sugere que seja a

¹ PLUMMER, R. Parables in the Gospels: History of interpretation and hermeneutical guidelines. *Souther Baptist Journal of Theology*, Louisville, v. 13, n. 3, p. 4-11, 2009, p. 5.

² Cf. WHITMAN, J. (Ed.). *Interpretation and Allegory: Antiquity to the Modern Period*. Leiden: Brill, 2000, p. 34.

³ KISSINGER, W. S. *The Parables of Jesus: A History of Interpretation and Bibliography*. London: The Scarecrow Press, 1979, p. xiii.

indicação da ressurreição futura⁴. Na Parábola do semeador Pastor de Hermas afirma que os cardos representam os ricos, os espinhos os envolvidos em vários negócios não se unem aos servos de Deus, pois temem que se lhes peça algo⁵. Sobre a possível lâmpada debaixo do suporte ou cama (Mc 4,21), Clemente de Alexandria afirma que equivale à sabedoria que não faz sábio a quem é capaz de entendê-la⁶.

Tertuliano equivale a semente que cresce (Mc 4,26-29) com a justiça que junto com a criação estavam em seus rudimentos no começo; depois chegou a infância por meio da Lei e os profetas; mais tarde alcançou a exuberância da juventude mediante o Evangelho, e então chega à maturidade do grão, ao Paráclito⁷. Atanásio entedia que as aves que colocam seus ninhos em Mc 4,31 são os anjos de Deus e as almas sublimes⁸. A parte dessa estrutura outros exemplos de alegorização neste período também são notáveis.

Irineu identifica o campo do tesouro oculto (Mt 13,44-46) com a Escritura e o tesouro com Jesus⁹. Sobre os trabalhadores na vinha ele interpreta o primeiro chamado como o começo do mundo criado, o segundo chamado simboliza a antiga aliança, o terceiro chamado o ministério de Jesus, o quarto chamado é a longa era que vivemos, e o quinto chamado é o fim do tempo. A vinha é a justificação, o dono da casa é o Espírito de Deus e o denário a imortalidade¹⁰.

Já Orígenes interpreta a mesma parábola da seguinte forma: o primeiro turno de trabalhadores significa a geração da criação até Noé, o segundo aqueles de

⁴ Cf. CLEMENTE DE ROMA, *Carta a los Corintios*, 24, 1-26, apud ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p. 106.

⁵ Cf. PASTOR DE HERMAS, *Comparación*, 9, 20, 1-3, apud ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p. 108. JOÃO CRISÓSTOMO também identifica os espinhos com os ricos (cf. *Homilías sobre el Ev. de Mateo* 44, 4-5, apud ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p. 112.

⁶ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata* 1, 12, 2-3, apud ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p. 113.

⁷ TERTULIANO, *El velo de las vírgenes* 1, 5-7, apud ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p. 115.

⁸ ATANASIO, *Fragmentos* 7, 2, apud ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patrística*: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000, p. 116.

⁹ Cf. IRINEU, *Against Heresies*, book 4, chap. 26. 1, apud KISSINGIR, W. S. *The Parables of Jesus*: a history of interpretation and bibliography. London: Scarecrow, 1979, p. 2.

¹⁰ Cf. *Ibid.*, chap. 36. 7, apud KISSINGIR, W. S. *op. cit.*, p. 2-3.

Noé até Abraão, o terceiro de Abraão a Moisés, o quarto de Moisés a Josué, o quinto os do tempo de Jesus. O senhor da casa é Deus, enquanto o salário representa a salvação¹¹. Esses exemplos ilustram como essa forma de interpretação predominou no período patrístico, no entanto alguns intérpretes tinham uma postura oposta.

Havia algumas exceções nesse período, “os antioquenos no quarto século desafiaram a abordagem alegórica adotada pelos alexandrinos no terceiro [século...]. Em suas afirmações anti-alegóricas, os antioquenos destacaram a *historia*”¹² e a gramática¹³. Os dois grandes nomes desta escola são Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo¹⁴. Este último afirmava que “as parábolas não deveriam ser explicadas palavras por palavras, uma vez que muitos absurdos se seguirão”¹⁵.

Na parábola do semeador Crisóstomo interpretava a semente como a doutrina de Jesus, os solos como a alma dos homens, o semeador o próprio Jesus, que ao semear não faz distinção dos solos, lançando indiferentemente a semente. Assim Jesus não faz acepção de pessoas, mas procura discursar com todos. Crisóstomo conclui que os vários solos simbolizam as diferentes formas de destruição, mas o bom solo dá esperança para o arrependido e a possibilidade de afastamento da condição anterior¹⁶. Crisóstomo aplicava o mesmo princípio de interpretação para outras parábolas.

Julius Africano é outro nome da escola de Antioquia, ele introduziu os princípios exegéticos dessa escola no Oeste, ele traduziu para o latim uma introdução ao estudo bíblico de Paulo de Nisibis, obra que reflete os métodos de Teodoro de Mopsuéstia¹⁷. Tomás de Aquino também poderia ser citado junto com o grupo que não usou a alegoria, pois, “insistia num significado literal como a base para

¹¹ Cf. ORÍGENES, *De la Rue*, 1862, T. 3, p. 1347, apud BUGGE, A. C. *Die Haupt-Parabeln Jesu*. Giessen: J. Ricker Verlagsbuchhandlung, 1908, p. 283 (cf. HUNTER, A. M. *Interpreting the Parables*. London: SCM Press, 1960, p. 25).

¹² HAUSER, A. J.; WATSON, D. F. (Eds.). *A history of biblical interpretation*. v. 1. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2003, p. 334, 342.

¹³ Cf. KISSINGER, W. S. *The parables of Jesus: a history of interpretation and bibliography*. London: The Scarecrow Press, 1979, p. 27.

¹⁴ Cf. MARSHALL, I. Howard. *New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods*. Milton Keynes, UK: Paternoster, 1977, p. 20.

¹⁵ Cf. JOHN CHYSOSTOM, *Homilie*, XLVII. 1, apud SCHAFF, P. (Ed.). *The Nicene and Post-Nicene Fathers*. v. 10. Oregon: Sage Software, 1996, p. 621.

¹⁶ Cf. *Ibid.*, XLIV, 4-7, apud SCHAFF, P. (Ed.). *The Nicene and Post-Nicene Fathers*. v. 10. Oregon: Sage Software, 1996, p. 597.

¹⁷ MARSHALL, I. Howard. *New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods*. Milton Keynes: Paternoster, 1977, p. 27.

todas as outras interpretações”¹⁸, no entanto não rejeitou a alegoria completamente, mas sua ênfase na interpretação das parábolas era literal e metafórica¹⁹. Outros nomes de épocas pós-patristica também rejeitaram a alegoria na interpretação das parábolas.

Martinho Lutero advogava uma abordagem histórico-cristológica²⁰; João Calvino procurava ir diretamente ao ponto central da parábola²¹; João Maldonado ignorava o periférico e se centrava na intenção e mensagem central²²; Alexander B. Bruce se propôs a expor as parábolas como um crítico de arte, mostrando quão habilmente as parábolas foram pintadas em seus detalhes²³, e foi o primeiro intérprete das parábolas que experimentou tratar as mesmas ao longo das linhas da alta crítica²⁴. Na opinião de Jülicher, Bruce quebrou com o método de interpretação alegórica e foi quem adotou a abordagem linguística às parábolas²⁵. Em períodos posteriores a interpretação alegórica deixou de ter predominância, teve sua crítica severa principalmente na voz de Adolf Jülicher.

2.2

Período Moderno (de A. Jülicher à J. Jeremias)

Alguns outros pesquisadores surgiram neste período, no entanto serão destacados três nomes, pelo fato de que suas pesquisas deram notável contributo e continuam influenciando as pesquisas recentes. Estes são A. Jülicher, C. Dodd e J. Jeremias.

¹⁸ BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura e teologia. São Paulo: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2016, p. 102.

¹⁹ Cf. KISSINGER, W. S. **The parables of Jesus**: a history of interpretation and bibliography. London: The Scarecrow Press, 1979, p. 41.

²⁰ Cf. *Ibid.*, p. 45.

²¹ No entanto, embora em menor grau, interpretou certas parábolas alegoricamente. Assim também Lutero (cf. *Ibid.*, p. 48; STEIN, R. The Parables of Jesus in Recent Study. **Word & World**, Minnesota, v. 5, n. 3, p. 248-257, 1985, p. 249.

²² Cf. KINGBERRY, J. D. Major trends in the parables interpretation. **Concordia Theological Monthly**, Missouri, v. 42, n. 9, p. 579-596, 1971, p. 56.

²³ BRUCE, A. B. **The Parabolic Teaching of Christ**: a systematic and critical study of the parables of our Lord. 4th. New York: Hodder & Stoughton. 1882, p. 1.

²⁴ Cf. KISSINGER, W. S., *op. cit.*, p. 70.

²⁵ Cf. JÜLICHER, A. **Die Gleichnisreden Jesu 1**, p. 300, apud KISSINGER, *op. cit.*, p. 71.

2.2.1 A. Jülicher

Embora o próprio Jülicher reconheça que Bruce tenha quebrado o método de interpretação alegórica²⁶, como visto acima, a maioria dos autores da atualidade colocam Jülicher como expoente na mudança da pesquisa sobre as parábolas. Hunter o qualifica como o “estudante mais científico das parábolas no século dezanove”²⁷, para Theissen & Merz com ele “começa a moderna pesquisa sobre as parábolas”²⁸. Jeremias afirma que “é mérito de Adolf Jülicher, ter rompido definitivamente com a interpretação alegórica”²⁹ e Kingsburry observa que a ideia de muitos estudiosos expressa uma aceitação, modificação ou suplementação da teoria sobre as parábolas de Jülicher³⁰.

Este sustentava que as parábolas eram claras e pretendiam transmitir um ponto ou moral que deveriam ser entendidas de forma mais geral possível, que os evangelistas não apresentaram corretamente a essência das parábolas de Jesus, que as parábolas são autoexplicativas com propósito de compelir o leitor a formar um julgamento³¹. No entanto, a despeito de sua forte importância algumas de suas posturas foram fortemente criticadas por autores posteriores, o que sugere que a história da interpretação é dinâmica.

Jeremias observa que “no esforço por libertar as parábolas da fantasia e do arbítrio da interpretação alegórica de cada um dos detalhes, Jülicher deixou-se levar a um erro nefasto [...], olhar as parábolas como uma peça de vida real e [...] em não se tirar delas a não ser uma só ideia, sendo esta a mais geral possível [...] Jülicher parou a meio do caminho”³², Kissinger observa que o caráter da teologia liberal em Jülicher é destacada³³. Ricoeur observa que o erro inicial de Jülicher foi “identificar o *maschal* da literatura hebraica com a *parabolè* da retórica grega”³⁴ e

²⁶ Jülicher também reconhece que J. Maldonatus, J. Calvinus, M. Butzer, C. E. van Koetsveld e B. Weiss lutaram contra o método alegórico e procuraram aplicar um método mais histórico e crítico (cf. **Die Gleichnisreden**, 1, p. 226-229, 314-320, apud TUCKER, J. **Example Stories: Perspectives on Four Parables in the Gospel of Luke**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 79-80.)

²⁷ HUNTER, A. M. **Interpreting Parables**. London: SCM Press, 1960, p. 21.

²⁸ THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 344.

²⁹ JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 11.

³⁰ Cf. KINGBURRY, J. D. Major Trends in the Parables Interpretation. **Concordia Theological Monthly**, Missouri, v. 42, n. 9, p. 579-596, 1971, p. 579.

³¹ Cf. KISSINGER, W. S. **The Parables of Jesus: A History of Interpretation and Bibliography**. London: The Scarecrow Press, 1979, p. 74-76.

³² JEREMIAS, J., op. cit., p. 12.

³³ KISSINGER, W. S., op. cit., p. 77.

³⁴ RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 181.

ainda ter errado duplamente em sua análise sobre a comparação entre dois enunciados e duas correntes de pensamento que requer um terceiro, a ‘ratio’³⁵.

A despeito destas observações não se pode desmerecer a grande contribuição de Jülicher na pesquisa sobre as parábolas, pois influenciou fortemente as gerações posteriores. Muitos outros estudos relacionados diretamente ou indiretamente (os que tratam sobre o Reino de Deus) às parábolas foram elaborados depois de Jülicher. Kissinger destaca algumas pesquisas elaboradas depois de Jülicher³⁶, no entanto, nesta pesquisa se destacam as obras de Dodd e Jeremias que foram as mais notáveis e continuam influenciando as pesquisas recentes.

2.2.2 C. Dodd

Após Jülicher, Dodd é outro nome proeminente na pesquisa da exegese sobre as parábolas. Jeremias reconhece que uma de suas contribuições notáveis foi situar as parábolas dentro da vida de Jesus³⁷. Para Dodd as parábolas são expressão natural da verdade por meio de figuras concretas e não abstrações³⁸. Dodd compartilha a mesma ideia de Jülicher sobre o ponto único de comparação³⁹, mas observa que nesta tarefa não se deve ser muito rigoroso, pois se o ouvinte fizer corretamente a aplicação, então um significado secundário será visto⁴⁰. Dodd também se distancia de Jülicher no que se refere à categorização generalista, porque para ele se trata mais do que uma ética comum⁴¹. Dodd procura interpretar as parábolas no contexto do ministério de Jesus e sugere que as mesmas têm um significado específico para o ouvinte.

Outro aspecto distinto de Dodd na interpretação das parábolas é sua ideia sobre a escatologia relacionada ao Reino de Deus. O autor sustenta que “Jesus

³⁵ RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006, p. 180-181.

³⁶ Sobre aquelas pesquisas que tratam especificamente das parábolas KISSINGER, W. S. op.cit., p. 77-117 destaca: BUGGE, C. A., **Die Haupt-Parabeln Jesu**, 1903; FIEBIG, P. **Altjüdische Gleichnisse und die Gleichnisse Jesu**, Tübingen: Mohr, 1904; CADOUX, A. T. **The Parables of Jesus: their art and use**. London: James Clarke & Co, 1930; menciona-se também as obras de DIBELIUS, M., **From Tradition to Gospel**, 1971 e BULTMAN, R. **The History of the Synoptic Tradition**, 1968, que aplicaram sistematicamente a crítica da forma às parábolas influenciando pesquisadores posteriores neste aspecto.

³⁷ Cf. JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 14.

³⁸ Cf. DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p.

16.

³⁹ Cf. Ibid., p. 18.

⁴⁰ Cf. Ibid., p. 20.

⁴¹ Cf. Ibid., p. 22.

pretendia proclamar o Reino de Deus não como algo por vir no futuro próximo, mas como um assunto de experiência presente”⁴², para ele “o *eschaton* se moveu do futuro para o presente, da esfera da expectativa para a da experiência realizada”⁴³. Tal postura é criticada por Jeremias que observa que o restringimento das parábolas do reino a categoria de algo já irrompido definitivamente acarreta um encolhimento da escatologia⁴⁴, e de fato a argumentação de Dodd neste ponto carece sólidos fundamentos.

Em suma, Dodd resume sua interpretação para chegar ao significado e aplicação original das parábolas de Jesus em dois princípios: (1) deve-se encontrar o fio condutor, uma guia (frequentemente o AT) e (2) o significado que se atribui as parábolas deve ser adequado com a interpretação do ministério de Jesus nos ditos explícitos e ambíguos⁴⁵. As pesquisas de Dodd influenciaram os pesquisadores posteriores⁴⁶, o que inclui Jeremias.

2.2.3 J. Jeremias

Jeremias propõe novos enfoques no estudo das parábolas. Sua metodologia para interpretação das parábolas traz alguns elementos de pesquisadores anteriores e acrescenta novos elementos. Ela se resume na tentativa de chegar a ‘*ipsissima vox*’ de Jesus⁴⁷. Sua metodologia compreende:

a) ênfase no *Sitz im Leben* da vida de Jesus e não da Igreja; b) reconstrução linguística hipotética (para ele as parábolas foram traduzidas do aramaico para o grego o que o leva a propor que uma retradução é importante para se obter o significado original⁴⁸); c) tentativa de reconstrução hipotética da história da transmissão das parábolas da forma oral à forma escrita; d) remoção dos acréscimos da tradição das comunidades cristãs para se chegar ao estágio original; e) consideração de apenas um ponto único principal. Um resumo da metodologia de

⁴² DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, p. 38.

⁴³ *Ibid.*, p. 41.

⁴⁴ Cf. JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 14.

⁴⁵ Cf. DODD, C. H. *op. cit.*, p. 27.

⁴⁶ KISSINGER menciona uma pesquisa antes de Jeremias: SMITH, B. T. **The Parables of the Synoptic Gospels**, Cambridge: Cambridge University Press, 1937 (cf. KISSINGER, W. S. **The Parables of Jesus: A History of Interpretation and Bibliography**. London: The Scarecrow Press, 1979, p. 125-131).

⁴⁷ Cf. JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 10.

⁴⁸ Cf. *Ibid.*, p. 19.

Jeremias e seu desdobramento em dez pontos podem ser encontrados em Kissinger⁴⁹.

Esta metodologia de Jeremias foi um marco na história da interpretação das parábolas, sua influência continua forte até o momento. Perrin afirma que quando se fala de interpretação das parábolas hoje, significa interpretá-las como Jeremias as reconstruiu⁵⁰. No entanto, além de apontar os pontos fortes na metodologia de Jeremias (principalmente no aspecto da crítica textual e crítica-histórica), Perrin também aponta como seus limites:

a) a não consideração da integridade do texto em si mesmo que exige ser interpretado em seu próprio correto modo; b) se preocupa com a mensagem de Jesus como um todo, mas sua interpretação das parábolas é apenas um meio para a reconstrução desta mensagem; c) apresenta a interpretação das parábolas sob uma série de estatutos que reduzem sua mensagem, algo que a própria natureza do texto proíbe; d) não percebeu a forma de funcionamento como metáfora ou metáfora estendida para ilustrar ou narrar; e) seu patente interesse pela mensagem das parábolas como um meio para se chegar ao que Jesus disse originalmente O estorvaram grandemente; f) este mesmo interesse patente o estorvaram também de explorar a interação dinâmica entre o texto e o intérprete, sua forte ênfase é no ouvinte original de Jesus, não evidencia esforço para o leitor atual⁵¹.

Certamente, como afirmou Perrin, as pesquisas de Jeremias são a base para um número expressivo de pesquisadores contemporâneos sobre as parábolas de Jesus. No entanto, deve se observar que na contemporaneidade outras metodologias continuam surgindo.

2.3 Período Contemporâneo

A crítica da forma e posteriormente a crítica da redação foram as metodologias que dominaram a pesquisa das parábolas na modernidade. No entanto seu uso expressivo, já desde a modernidade teve limitações. Outras abordagens começa-

⁴⁹ KISSINGER, W. S. **The parables of Jesus: A History of Interpretation and Bibliography**. London: The Scarecrow Press, 1979, p. 134-138.

⁵⁰ Cf. PERRIN, N. **Jesus and the Language of the Kingdom**. Philadelphia: Fortress Press, 1976, p. 101.

⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 105-106. Similar crítica é feita por THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 346 quando observam sobre os dois problemas das abordagens contextualizantes.

ram a surgir na modernidade e continuam surgindo na contemporaneidade (para os devidos efeitos serão considerados aqui somente as seis últimas décadas).

2.3.1 A nova crítica literária

A nova crítica literária⁵² é uma reação ao método crítico histórico e compreende o texto como literatura, isto é, “o texto em si mesmo é objeto único de investigação [...] tem vida em si mesmo, independentemente de seu contexto original [...] é autônomo; tem seu significado próprio; deve ser interpretado exclusivamente em seus próprios termos”⁵³. Assim, para Perrin, por exemplo, um texto é aberto e apresenta diferentes interpretações em diferentes situações, e a intenção original do autor, o significado original que o autor deu ao texto não é determinativo para uma interpretação futura⁵⁴, no entanto observa que a natureza do texto como texto deve ser respeitada a fim de se evitar a alegoria no caso das parábolas⁵⁵.

Para alguns estudiosos esta metodologia tem levado alguns à alegorização das parábolas. Stein observa que a nova crítica literária conduziu a todo tipo de abuso do texto por meio da alegorização e alguns dos mais recentes tratamentos críticos literários das parábolas ressurgem Orígenes da morte como um existencialista do século vinte⁵⁶. Esta postura é endossada por Parsons ao afirmar que há uma tendência de alegorizar por parte dos críticos literários⁵⁷. Stein ainda observa que uma abordagem somente literária será sempre menos satisfatória como um método para interpretar as parábolas⁵⁸. Na prática da pesquisa das parábolas os proponentes desta metodologia a aplicam em conjunto com outra, e uma delas é a Nova Hermenêutica.

⁵² PARSONS, M. C. Allegorizing Allegory: Narrative Analysis and Parable Interpretation. *Perspectives in Religious Studies*. v. 15, n. 2, p. 147-164, 1988, p. 149 identifica esta metodologia com a análise narrativa.

⁵³ BAIRD, W. *New Testament Criticism*. In: FREEDMAN, D. N. *The Anchor Bible Dictionary*. v. 1. London: Yale University Press, p. 734.

⁵⁴ Cf. PERRIN, N. Historical Criticism, Literary Criticism, and Hermeneutic: The Interpretation of the parables of Jesus and the Gospel of Mark today. *The Journal of Religion*. Chicago, v. 52, n. 4, p. 361-375, 1972, p. 367.

⁵⁵ Cf. *Ibid.*, p. 370.

⁵⁶ STEIN, R. H. *An Introduction to the Parables of Jesus*. Philadelphia: Westminster Press, 1981, p. 69.

⁵⁷ PARSONS, M. C. Allegorizing Allegory: Narrative Analysis and Parable Interpretation. *Perspectives in Religious Studies*. v. 15, n. 2, p. 147-164, 1988, p. 150.

⁵⁸ STEIN, R. The Parables of Jesus in Recent Study. *Word & World*, Minnesota, v. 5, n. 3, p. 248-257, 1985, p. 257.

2.3.2 Nova hermenêutica⁵⁹

Esta abordagem tem ganhado espaço na pesquisa sobre as parábolas. Ernst Fuchs e Gerhard Ebeling são dois dos grandes nomes desta corrente. A abordagem enfatiza a subjetividade na interpretação, buscando superar a distinção tradicional entre o intérprete (sujeito) e o texto (objeto) através da fusão de horizontes do texto e o intérprete⁶⁰. Esta ferramenta trouxe novos enfoques sobre as parábolas. Perrin observa que “o caminho para uma compreensão alternativa e nova das parábolas de Jesus foi pavimentada pela *Nova Hermenêutica*”⁶¹. Um dos enfoques da Nova Hermenêutica é uso do termo metáfora, a ferramenta enfatiza a importância do termo e o coloca em oposição direta com a alegoria⁶².

Outro enfoque que se pode destacar da Nova Hermenêutica é a forte influência da filosofia, muitos autores (e.g.: Ernst Fuchs, Eberhard Jüngel, Hans Wedder, Eta Linnemann) interpretam as parábolas como evento linguístico dinâmico⁶³. “Robert Funk e Amos Wilder ligaram a parábola mais estritamente com metáfora, e Dominic Crossan chegou a propor as parábolas como um ‘anti-mito’ que quebra a expectativa de mito estabelecido normal”⁶⁴. Estes novos enfoques suscitaram críticas.

Blomberg afirma que “a nova hermenêutica descreve o que as parábolas fazem, mais do que elas significam”⁶⁵. Blomberg ainda observa que a nova compreensão ou metáfora é fundamentalmente enganosa por pelo menos algumas razões⁶⁶.

Estes aspectos relacionam a Nova Hermenêutica diretamente com outra abordagem, o existencialismo. Muitos dos autores que advogam uma, adotam a

⁵⁹Esta nomenclatura é usada pelos pesquisadores nos EUA, os pesquisadores alemães a denominam simplesmente por *Hermeneutik* (cf. KISSINGER, W. S. **The Parables of Jesus: A History of Interpretation and Bibliography**. London: The Scarecrow Press, 1979, p. 173).

⁶⁰ Cf. BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990, p. 134, 135.

⁶¹ PERRIN, N. **Jesus and the Language of the Kingdom**. Philadelphia: Fortress Press, 1976, p. 110-126.

⁶² Cf. BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990, p. 135.

⁶³ Cf. THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 346.

⁶⁴ HENAUT, B. W. **Oral Tradition and Gospels: the problem of Mark 4**. Sheffield: Sheffield Press, 1993, p. 193.

⁶⁵ BLOMBERG, C. op.cit., p. 137.

⁶⁶ Cf. BLOMBERG, C. op.cit., p. 139-144.

outra⁶⁷. Dan Via, por exemplo, expressou menos interesse na voz do Jesus histórico, procurando uma compreensão de vida através de uma leitura existencial das parábolas⁶⁸. Para o mesmo autor Jesus não deu informação sobre Sua situação, mas uma compreensão das possibilidades de existência que Sua situação trouxe⁶⁹. Outra abordagem similar a estas que também prioriza o texto em si é a crítica estética.

2.3.3 Crítica estética

Também designada como crítica retórica estética⁷⁰ a crítica estética se assemelha em muitos pontos com as abordagens anteriores. Foi Amos N. Wilder (com a obra *Early Christian rhetoric*, 1964) que introduziu mais efetivamente esta abordagem à pesquisa das parábolas nos EUA⁷¹. Esta abordagem entende a parábola como elemento puramente estético e autônomo que não aponta para nada fora dela, seu sentido está no contato dos elementos inter-relacionados da narração. Elas podem ser entendidas fora de sua situação original e também de seu autor⁷².

Scott afirma que a estrutura de superfície de uma parábola é composta pela performance dos evangelistas e a estrutura originadora, e que prestando atenção à algumas características literárias (e.g: recursos mnemônicos, quiasmos, jogos de palavras) pode se perceber como a estrutura originadora oscilou desde a língua até o atual discurso⁷³. Assim para se chegar ao efeito original de uma parábola e sua estrutura originadora das atualizações é necessário uma descontextualização radical do contexto dos Evangelhos e da história interpretativa⁷⁴. Estas posturas confirmam a relação desta abordagem com as citadas anteriormente.

⁶⁷ E.g.: FUCHS, E. **Studies of the Historical Jesus**. Napperville: A. R. Allenson, 1964, p. 23, 213-228; LINNEMANN, E. **Parables of Jesus**: introduction and exposition. London: SPCK, 1966.

⁶⁸ VIA Jr, D. O. **The Parables**. Philadelphia: Fortress, 1967 (cf. SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. **Bulletin for Biblical Research**. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 61-62.)

⁶⁹ Ibid., p.46, 94, 185 (cf. SNODGRASS, K op.cit., p. 61-62).

⁷⁰ Cf. GOWLER, D. B. **What they are Saying about the Parables**. New York: Paulist Press, 2000, p. 16.

⁷¹ STEIN, R. The Parables of Jesus in Recent Study. **Word & World**, Minnesota, v. 5, n. 3, p. 248-257, 1985, p. 254.

⁷² Cf. VIA Jr, D. O. **Die Gleichnisse Jesu**. Ilre Literarische und Existentielle Dimension. Kaiser Verlag: München, 1970, apud THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 347.

⁷³ SCOTT, B. B. **Hear then the Parable**. Minneapolis: Fortress Press, 1990, p. 74-75.

⁷⁴ Cf. Ibid., p. 189-202, apud THEISSEN, G; MERZ, A. O. op. cit., p. 347.

Theissen & Merz observam que Robert W. Funk, Dan O. Via, John D. Crossan e Bernard B. Scott são devedores da hermenêutica existencial na interpretação das parábolas, que se baseia na metáfora e modifica a existência. Eles veem as parábolas como obras literárias autônomas e que contêm mensagens que contradizem as posturas religiosas estabelecidas. Estes autores apresentam esta postura devido a seu interesse estritamente científico-literário e estrutural nas parábolas⁷⁵. Esta postura certamente apresenta muitas limitações na compreensão das parábolas por desconsiderar a contribuição de outras metodologias, como por exemplos os elementos históricos, visto que as parábolas não surgiram no vácuo. Outra metodologia, que também tem seu foco excessivo no texto, similar a esta é o estruturalismo.

2.3.4 Estruturalismo

O estruturalismo se caracteriza como uma metodologia estritamente sincronista, “que envolve uma combinação da teoria linguística e pesquisa antropológica” de Claude Lévi-Strauss⁷⁶. O objetivo desta metodologia “é a estrutura profunda que está codificada dentro do próprio texto. A preocupação é com a estrutura linguística do texto, não com a mensagem que a linguagem transmite”⁷⁷. Ela se interessa “primariamente com a estrutura profunda do significado que repousa abaixo da superfície de uma narrativa”⁷⁸. Por isto, de acordo com os estruturalistas não há salvação fora do texto⁷⁹. É com estes instrumentos que o estruturalismo analisa as parábolas.

Blomberg destaca algumas implicações do estruturalismo sobre a autenticidade e interpretações das parábolas: a) muitas análises estruturalistas têm discernido padrões de narrativas que acredita-se caracterizar as parábolas autênticas de Jesus. Divergências destes padrões tomaram certas parábolas como suspeitas de não autênticas; b) uma análise estruturalista mais cuidadosa realça o argumento para a autenticidade das parábolas; c) algumas análises estruturais oferecem uma

⁷⁵ Cf. THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 347.

⁷⁶ Cf. BAIRD, W. **New Testament Criticism**. In: FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. v. 1. London: Yale University Press, 1992, p. 735.

⁷⁷ Ibid., p. 735.

⁷⁸ STEIN, R. H. **An Introduction to the Parables of Jesus**. Philadelphia: Westminster Press, 1981, p. 65.

⁷⁹ Cf. BAIRD, W. *op.cit.*, p. 735

forma útil de classificar as parábolas; e) muitos estudos estruturalistas das parábolas se focam em outras questões, a mais popular é a análise actancial⁸⁰. Alguns autores, porém, chamam atenção para as limitações da metodologia.

Os autores apontam como limites do estruturalismo os seguintes pontos: a) perde de vista o contexto histórico no qual a parábola foi proferida e apresenta tendências alegorizantes⁸¹; b) o fim aberto significa que o sentido da parábola não é determinado pela intenção original de Jesus⁸²; c) rejeita a possibilidade da revelação transcendente e a verdadeira liberdade pessoal⁸³; d) é dialético quando procura identificar oposições no texto e como elas são mediadas e superadas⁸⁴. Por conta destas limitações duas outras abordagens surgiram como reação ao estruturalismo, nominalmente o desconstrutivismo e a resposta do leitor.

2.3.5 Desconstrutivismo

Juntamente com a resposta-do-leitor o desconstrutivismo tem sido designado como pós-estruturalismo, pois “se originaram em repúdio direto de certos princípios chave do estruturalismo, [...] ambos rejeitam as reivindicações do estruturalismo [que busca] encontrar significado objetivo no texto”⁸⁵. O propósito do desconstrutivismo é gerar conflitos de significado do mesmo texto e jogar esses significados um com outro para mostrar como cada peça do escrito finalmente se desconstrói ou se enfraquece a si mesmo⁸⁶. Alguns autores, de forma mesclada com outras abordagens, têm aplicado esta abordagem no estudo das parábolas.

Segundo Blomberg⁸⁷, John Dominic Crossan, tem adotado muitos métodos literários em suas obras, incluindo o desconstrutivismo, visto que alguns de seus conceitos sobre as parábolas, como por exemplo, o de que as parábolas subvertem o mundo, expressam essa abordagem. O desconstrutivismo também está presente em sua ideia quando define que as parábolas são “paradoxos formados na história

⁸⁰ Cf. BLOMBERG, C. *Interpreting the Parables*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990, p. 146-149.

⁸¹ STEIN, R. H. *An Introduction to the Parables of Jesus*. Philadelphia: Westminster Press, 1981, p. 69.

⁸² *Ibid.*, p. 69.

⁸³ Cf. BLOMBERG, C. *op.cit.*, p. 145.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 145.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 152.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 153.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 153.

efetuando reversões simples ou duplas das expectativas mais profundas da audiência”⁸⁸. A postura desconstrutivista de Crossan é muito mais explícita em sua análise sobre a parábola do semeador e em sua discussão da interpretação polivalente (multifacetada)⁸⁹. Como ocorre com outras metodologias, o desconstrutivismo apresenta suas limitações.

Stein afirma que o desconstrutivismo rejeita a situação histórica em que o texto foi produzido, a transmissão do texto, a história de sua interpretação⁹⁰ e tende a reduzir o significado de toda literatura para verdades antropológicas universais⁹¹. Blomberg observa que a crítica desconstrutivista inevitavelmente mina a si mesma, e também não acredita que a realidade seja entidade objetiva para ser tomada seriamente⁹². Como já observado acima, outra reação ao estruturalismo semelhante a esta é a resposta-do-leitor.

2.3.6 Resposta-do-leitor

A nomenclatura desta abordagem naturalmente indica a sua ênfase, o leitor. Esta abordagem estabelece que “pelo menos uma parte do significado do texto é criado pelo leitor durante o processo de interação com o texto, frequentemente em conjunto com abordagens prévias à obra que o leitor está familiarizado”⁹³. Baird observa que esta abordagem sustém que o autor implícito manipula o leitor real a fim de que este reaja e se torne como o leitor implícito (ou ideal)⁹⁴.

A leitura nesta abordagem “não é estática, se move através do texto numa sequência de tempo e este processo temporal e sequencial envolve antecipação, reflexão e diálogo”⁹⁵, por conseguinte é uma leitura que “ênfatiza a subjetividade

⁸⁸ Cf. CROSSAN, J. D. **Raid on the Articulate: Comic Eschatology in Jesus and Borges**. New York: Harper & Row, 1976, p. 98, apud BLOMBERG, C. op.cit., p. 153.

⁸⁹ Cf. BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990, p. 150.

⁹⁰ Cf. STEIN, R. The Parables of Jesus in Recent Study. **Word & World**, Minnesota, v. 5, n. 3, p. 248-257, 1985, p. 252.

⁹¹ Cf. Ibid., p. 254.

⁹² Cf. BLOMBERG, C. op. cit., p. 154.

⁹³ Ibid., p. 155.

⁹⁴ Cf. BAIRD, W. **New Testament Criticism**. In: FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. v. 1. London: Yale University Press, 1992, p. 735.

⁹⁵ Ibid., p. 735.

da interpretação”⁹⁶. Esta postura é observada em muitos autores quando analisam as parábolas.

Segundo Plummer, alguns críticos resposta-do-leitor e também estéticos, por exemplo, Via⁹⁷, tomam as parábolas como tendo um significado dinâmico, produzindo vida polivalente nela mesma, isto é, as parábolas podem significar o que o leitor quiser que elas signifiquem⁹⁸. Susan Wittig advoga por uma aplicação combinada do estruturalismo e a resposta-do-leitor no estudo das parábolas⁹⁹, e Tolbert também pende para esta linha¹⁰⁰.

Com tal postura, esta abordagem é alvo de algumas críticas. Plumer observa que esta abordagem insiste em ler as parábolas à parte de seu contexto histórico¹⁰¹. Blomberg informa que esta abordagem alega que o significado não repousa tanto na intenção do autor original, nem no que o texto diz atualmente, mas sim na escolha que o intérprete faz¹⁰²; Parson afirma que ela cria espaço para múltiplas interpretações das parábolas¹⁰³ e Blomberg ainda afirma que a aplicação desta abordagem às parábolas assemelha-se em algumas formas ao desconstrutivismo, especificamente sua abertura à alegoria¹⁰⁴. Outras abordagens com foco nas parábolas têm surgido na contemporaneidade.

2.3.7 Outras abordagens

⁹⁶ BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990, p. 155.

⁹⁷ VIA, D. O. **The parables: Their Literacy and Existencial Dimension**. Philadelphia: Fortress, 1967.

⁹⁸ Cf. PLUMMER, R. Parables in the Gospels: History of Interpretation and Hermeneutical Guidelines. **Souther Baptist Journal of Theology**, Louisville, v. 13, n. 3, p. 4-11, 2009, p. 6. O próprio Via declara em sua obra que usa uma metodologia baseada na hermenêutica existencialista e análise literária (cf. VIA Jr, D. O. **The Parables: Their Literary and Existencial Dimension**. Philadelphia: Fortress, 1967, p. ix.).

⁹⁹ WITTIG, S. **Meaning and Modes of Signification: Toward a Semiotic of the Parable**. In: PATTE, D. (Ed.). **Semiology and Parables**. Pittsburgh: Pickwick, 1976, p. 319-47; A Theory of multiple Meanings. **Semeia**, v. 9, p. 75-103, 1977 (cf. BLOMBERG, C. op.cit., p. 159).

¹⁰⁰ TOLBERT, M. A. **Perspectives on the Parables**. An Approach to Multiple Interpretations. Philadelphia: Fortress, 1979, p. 68-72, apud BLOMBERG, C. op.cit., p. 159.

¹⁰¹ Cf. PLUMMER, R. Parables in the Gospels: History of Interpretation and Hermeneutical Guidelines. **Souther Baptist Journal of Theology**, Louisville, v. 13, n. 3, p. 4-11, 2009, p. 6.

¹⁰² Cf. BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990, p. 155.

¹⁰³ Cf. PARSONS, M. C. Allegorizing Allegory: Narrative Analysis and Parable Interpretation. **Perspectives in Religious Studies**. v. 15, n. 2, p. 147-164, 1988, p. 159.

¹⁰⁴ Cf. BLOMBERG, C. op. cit., p. 155.

Muitas outras abordagens surgiram no cenário da pesquisa sobre as parábolas. Destas podem se mencionar a abordagem histórica social ou simplesmente social, que tem como representante expressiva Luise Schottroff¹⁰⁵. Similar a esta é a abordagem sociológica-cultural-antropológica, principalmente nas parábolas que têm tópicos sobre economia¹⁰⁶. Theissen & Merz informam sobre uso da compreensão homilética das parábolas¹⁰⁷. Fala-se também da análise psicológica na parábola do filho pródigo¹⁰⁸. Há também uma rede interpretativa da economia Marxista, na qual Jesus se torna um oponente explícito do capitalismo¹⁰⁹. Khatry observa que alguns estudiosos têm proposto que algumas parábolas poderiam ser explicadas como midrash em passagens do AT¹¹⁰.

Esta vasta proposta metodológica interpretativa sobre as parábolas, começando no período patrístico e chegando à contemporaneidade, demonstra que o campo de estudos sobre as parábolas é dinâmico, composta por vários tipos de propostas.

3 Exegese de Mc 4,10-12

¹⁰⁵ SCHOTTRUFF, L. **As parábolas de Jesus: uma nova hermêutica**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

¹⁰⁶ BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove: InterVarsity Press, 1990, p. 161 nota 73, apresenta uma lista de autores que usam esta metodologia: TIDBALL, D, **An Introduction to the Sociology of the New Testament**. Exeter: Paternoster, 1983 (= **The Social Context of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1984). Cf. MALINA, B. J. **Christian Origins and Cultural Anthropology**. Atlanta: John Knox, 1986; HARRINGTON, D. J. **Second Testament Exegesis and the Social Sciences: A Bibliography**. **Biblical Theology Bulletin**, v. 18, p. 77–85, 1988, este último apresenta bibliografia detalhada.

¹⁰⁷ Cf. THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 349.

¹⁰⁸ BLOMBERG, C. op.cit., p. 161 indica os seguintes autores: BOVON, F. **The Parable of the Prodigal Son, Luke 15:11–32, Read by an Analyst**. In: BOVON, F; ROUILLER, G. (Eds.). **Exegesis: Problems of Method and Exercises in Reading (Genesis 22 and Luke 15)**. Pittsburgh: Pickwick, 1978, p. 197–210; VIA, D. O. **Via. The Prodigal Son: A Jungian Reading**. **Semeia**, v. 9, p. 21–43, 1977; **The Parable of the Unjust Judge: A Metaphor of the Unrealized Self**. In: PATTE, D. (Ed.). **Semiology and parables**. Oregon: Pickwick, 1976, p. 1–32.

¹⁰⁹ BLOMBERG, C. op.cit., p. 161, nota 75 indica os seguintes autores: BELO, F. **A materialist reading of the Gospel of Mark**. Maryknoll: Orbis, 1981, p. 185–86; CASSIDY, R. J. **Jesus, politics and society**. Maryknoll: Orbis, 1978; TALBERT, C. H. **Martyrdom in Luke-Acts and the Lukan social ethic**. In: CASSIDY, R. J; SCHARPER, P. J. (Eds.). **Political Issues in Luke-Acts**. Maryknoll: Orbis, 1983, p. 99–110.

¹¹⁰ KHATRY, R. **The Authenticity of the Parables of the Wheat and Tare and its Interpretations**. 1991. 276p. Monografia (Tese) – Council for National Academic Awards, Reino Unido, 1991, p. 6 lista os seguintes autores que propõem esta leitura: FORD, J. M. **The Parable of the Foolish Scholars**, 1967; SANDERS, J. A. **The Ethic of Election in Luke's Great Banquet Parable**. In: CRENSHAW, J. L; WILLIS, J. T. (Eds.). **Essays in Old Testament Ethics**. Michigan: Ktav, 1974; DERRETT, J. D. **Law in the New Testament**, 1970.

Neste capítulo serão abordados os aspectos internos e externos do texto. Primeiramente serão descritas de forma resumida as questões introdutórias do Evangelho de Marcos, isto é, conteúdo, autoria, local, data, destinatários, propósito, gênero, estilo e teologia. Estas questões ajudarão na contextualização da unidade em estudo. Após estes aspectos externos, se analisarão os aspectos internos. Assim, primeiramente se procederá com a segmentação da unidade e tradução, em seguida se observarão as questões de crítica textual, a seguir a delimitação da unidade e sua verificação, a estrutura da mesma, a organização do texto e o contexto literário-teológico da unidade.

3.1

O texto e o contexto

Antes de analisar o texto faz-se necessário situar o texto dentro de seu contexto, isto é, questões prévias. A respeito das questões introdutórias¹¹¹ referentes ao evangelho de Marcos os autores apresentam opiniões diferentes e abertas até a presente época. Em resumo, o evangelho de Marcos enfatiza os relatos sobre os feitos de Jesus. A questão relacionada à autoria do evangelho de Marcos permanece aberta. Em nenhuma parte do Evangelho o autor é indicado, porém muitas tendências ainda pendem para a tradição, de que seja João Marcos.

¹¹¹Para uma discussão sobre as questões introdutórias de Marcos ver:-HAGNER, D. A. **The New Testament: A Historical and Theological Introduction**. Grand Rapids: Baker Academic, 2012, p. 163-186; HOLLADAY, C. R. **A Critical Introduction to the New Testament: Interpreting the Message and Meaning of Jesus Christ**. Nashville: Abingdon, 2005, p. 146-180; MARTIN, D. B. **New Testament History & Literature**. SCHREINER, J; DAUTZENGERG, G. **Forma e exigência do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977; CRANFIELD, C. E. B. **The Gospel According to Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 1959; TENNEY, M. C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 163-176; COMBET-GALLAND, C. **O Evangelho segundo Marcos** in: MARGUERAT, D. (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 45-78; MARIE, L. E.; LANGRAGE, J. **Évangéle selon Sant Marc**. Paris: Librairie, 1947, p. xvi-xix; CULLMAN, O. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1979, p. 29-34; BRUCE, F. F. **Merece confiança o Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 45-54; DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1982, p. 7-12; WINN, A. **The Purpose of Mark's Gospel**. Tubingen: Mohr Siebeck, 2008; ROSKAM, H. N. (Ed.). **The Purpose of the Gospel of Mark in its Historical and Social Context**. Leiden: Brill, 2004; CROSSLEY, J. G. **The Date of Mark's Gospel: Insight from the Law in Earliest Christianity**. London: T & T Clark International, 2004; MANN, C. S. O. **Mark**. New York: Doubleday, 1986, p. 72-83; STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 1-37; MARCUS, J. **El Evangello según Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 31-106; EDWARDS, J. R. **The Gospel According to Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2002, [S/P]; BENOIT, P; BOISMARD, M.E; MALILLOS, J. L. **Sinopsis de los Cuatro Evangelios**. Tomo II. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1977, p. 15-34.

Para alguns, não há objeção séria para tal questionamento¹¹². Essa incerteza referente ao autor também se nota quanto ao local. Não há unanimidade desde os pais da igreja até os tempos atuais. Locais como Antioquia, Cesareia, Galileia, Síria e Transjordânia têm sido sugeridos, porém a alternativa mais indicada tem sido Roma. A falta de unanimidade também está presente, com maior grau, na determinação da data. Muitas propostas têm sido apresentadas, “tem se atribuído a Marcos datas de quatro décadas diferentes: os anos quarenta, os anos cinquenta, os anos sessenta e os anos setenta”¹¹³, uma harmoniosa conclusão está longe de ser alcançada.

O público alvo de Marcos são cristãos vindos do paganismo, isto é, étnico-cristãos, sem se excluir uma minoria judeu-cristã¹¹⁴. A identificação do objetivo do Evangelho de Marcos também apresenta inúmeras identificações. É possível mencionar de forma resumida “três interpretações típicas: a primeira concentra-se na escatologia; a segunda, na cristologia; e a terceira, na apologética”¹¹⁵, portanto a afirmativa de abertura do Evangelho destaca o principal objetivo.

Quanto ao gênero Marcos pode se dizer que é um evangelho¹¹⁶ certamente alguns outros gêneros secundários estão contidos no livro de forma menos expressiva. Seu estilo é despretensioso e próximo do grego comum da época¹¹⁷, “milagreiro, clarividente, exorcista, poderosos em sinais e palavras de Jesus”¹¹⁸. Destacam-se ainda suas narrativas históricas e curtas. Quanto à teologia, Marcos apresenta diversos temas, portanto desde o princípio fica claro que o tema central e dominante é a cristologia¹¹⁹, do qual os demais temas estão relacionados. Feita esta apresentação resumida das questões prévias ao texto, que permitem uma

¹¹² Cf. CULLMAN, O. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 1979, p. 30; MALLY, E. J. **Evangelio según San Marcos**. In: BROWN, R. E; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Eds.). **Comentario Bíblico San Jeronimo**. Tomo 3. Madrid: Crisandad, 1972, p. 58-64; LANE, W. L. L. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1974, p. 7-28.

¹¹³ CARSON, D. A.; MOO, D. J; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 108-112.

¹¹⁴ Cf. MONASTERIO, R. A. **Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave-Maria, 2000, p. 163; DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1982, p. 10.

¹¹⁵ CARSON, D. A.; MOO, D. J; MORRIS, L. *op.cit.*, p. 113.

¹¹⁶ Cf. KÜMMEL, W. G; FEINE, P; BEHM, J. **Introdução ao Novo Testamento**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 97.

¹¹⁷ Cf. CRANFIELD, C.E.B. **The Gospel According to Saint Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 1959, p. 20.

¹¹⁸ Cf. MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004, p. 17.

¹¹⁹ Cf. STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 21.

compreensão melhor do mesmo, faz-se necessário avançar para outros passos da exegese propriamente dita.

3.2 Segmentação e tradução

O procedimento exegético começará com a segmentação e tradução do texto. A segmentação do texto em unidades semânticas menores será baseada em frases verbais e nominais. Se torna necessário a segmentação “Porque as palavras falam e suscitam atitudes. Tudo no texto é elemento de comunicação com o ouvinte-leitor. [...] as partes recebem do conjunto seu horizonte de compreensão, [...] o todo do texto é composto pelo belo mosaico das palavras e da relação das palavras entre si”¹²⁰, assim, segue o texto segmentado e traduzido.

Καὶ ὅτε ἐγένετο κατὰ μόνας	10a	e quando se encontrou ¹²¹ sozinho
ἡρώτων αὐτὸν	10b	indagavam-lhe
οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα τὰς παραβολάς	10c	os que [estavam] ¹²² ao redor dele com os doze [a respeito] ¹²³ das parábolas
καὶ ἔλεγεν αὐτοῖς	11a	e dizia para eles
ὕμῖν τὸ μυστήριον δέδοται τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ	11b	para vós o mistério do Reino de Deus tem sido dado ¹²⁴
ἐκείνοις δὲ τοῖς ἔξω ἐν παραβολαῖς τὰ πάντα γίνεται	11c	mas para aqueles, aos de fora, em parábolas todas coisas

¹²⁰ GUEDES, J. O. O. **A gênese do discípulo**: uma relação semântica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 19.

¹²¹ Uma tradução literal da frase verbal Καὶ ὅτε ἐγένετο κατὰ μόνας (10a) poderia ser ‘e quando se tornou por sozinho’ ou ‘e quando fez-se por só’, portanto esta tradução não faria muito sentido na língua de chegada. A tradução ‘ficou’ para o verbo ἐγένετο (10a) também é cabível visto se tratar de um verbo médio deponente na forma, mas ativo no significado. (cf. ZERWICK, M. **Il Greco nel Nuovo Testamento**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010, 1997, p. 105; BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, § 307).

¹²² O verbo εἶναί pode ser omitido no NT (cf. BLASS, F.; DEBRUNNER, A. op.cit., § 127).

¹²³ Este complemento está ausente no texto, porém o verbo ἡρώτων (10a) requer tal complemento que completa o sentido de toda estrutura do v. 10.

¹²⁴ Visto que o perfeito “denota continuação de uma ação completada” (cf. BLASS F.; DEBRUNNER, A. op.cit., p. 175; ZERWICK, M. op.cit., p. 128; ROBERTSON, A.T. **A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research**. London: Hodder & Stoughton, 1919; (Logosbible 2006, p. 893), optou-se por esta equivalência do perfeito composto na voz passiva.

		acontecem ¹²⁵
ἵνα βλέποντες βλέπωσιν	12a	a fim de que vendo vejam
καὶ μὴ ἴδωσιν	12b	mas ¹²⁶ não notem
καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν	12c	e ouvindo ouçam
καὶ μὴ συνιῶσιν	12d	mas não compreendam
μήποτε ἐπιστρέψωσιν	12e	a fim que não se convertam ¹²⁷
καὶ ἀφεθῆ αὐτοῖς	12f	e seja-lhes perdoado

3.3

Crítica Textual

As questões sobre a crítica textual envolvendo a perícopes sob estudo não afetam, de certa forma, profundamente o texto. Talvez seja este o motivo que o *Textual commentary o the greek New Testament*¹²⁸ não ter dedicado nenhuma discussão textual sobre essa perícopes; e embora a crítica textual já esteja descrita no aparato das edições críticas ainda assim a mesma será apresentada, a fim de apresentar as justificativas que levaram a preferência do texto apresentado e não as leituras variantes.

A primeira variante na perícopes aparece no v.10. Onde a maioria da tradição lê *περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα* (10b), os maiúsculos D, W, Θ e os minúsculos *f*¹², 28, 565, 2542 e as versões it, sir^s e Or^{lat} leem *μαθηταὶ αὐτοῦ*. A variante talvez traga uma implicação exegética, pois, a leitura *μαθηταὶ αὐτοῦ* ‘discípulos dele’ levanta uma pergunta: *μαθηταὶ* se refere somente aos doze ou considerar também *οἱ περὶ αὐτὸν* (10b) ‘os [que estavam] ao redor dele’?¹²⁹ Embora a leitura variante

¹²⁵ Este tipo de construção de sujeito plural neutro com verbo singular é frequente no NT. Visto que o neutro se refere a coisas impessoais, o verbo singular considera o sujeito como coletivo. Assim, ambos devem ser traduzidos no plural (cf. WALLACE, D. B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**, São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009, p. 399).

¹²⁶ Visto que a conjunção *καὶ* além de ser copulativa também pode marcar contraste ou adversidade (cf. BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, p. 225, 227; ZERWICK, M. **Il Greco nel Nuovo Testamento**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010, 1997, p. 185) optou-se traduzir a mesma por uma adversativa, ‘mas’. A sintaxe e dinâmica do texto indicam que há um contraste estabelecido, corroborando a ideia adversativa. O mesmo ocorre em 12d.

¹²⁷ Literalmente ‘retornem’. A inserção do elemento passivador se deve a adaptação de sentido para a língua de chegada.

¹²⁸ METZGER, B. M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. 3th. London: United Bible Societies, 1971, p. 83.

¹²⁹ Sobre este assunto ver o tópico 4.1.

esteja dentro do critério *lectio brevior = lectio potior*, deve haver cautela, pois este critério “não pode ser aplicado de forma mecânica ou automática”¹³⁰.

Visto que se trata de uma passagem com paralelos (Mc 4,10//Mt 13,10//Lc 8,9) há que se lembrar que “é antiquíssimo o afã de harmonizar e equilibrar os lugares paralelos”¹³¹. Quando outros critérios são levados em conta, a fragilidade da leitura variante é clara. Observa-se que a leitura como consta no texto contém testemunhas mais antigas, e melhor categorizadas para o Evangelho de Marcos. Observa-se ainda que a lição do texto tem a preferência por ser a mais difícil, visto que “a análise dos manuscritos demonstra que a tendência dos copistas era sempre a de simplificar ou esclarecer o texto, nunca de torná-lo mais difícil”¹³². Assim, tendo em conta todos esses fatores, a probabilidade da leitura original recai sobre a leitura como consta no texto.

No mesmo versículo há outra variante que merece uma pequena observação. Por um lado os maiúsculos A, K e os minúsculos *f*^l, 579, 700, 1241, 1424, o *℞*, a *vg*^{cl}, a *sy*^{p,h} e uma testemunha da bo lêem τὴν παραβολήν; por outro lado a maioria da tradição apresentam τὰς παραβολάς (10c). A diferença reside no número, isto é, uma é acusativo feminino singular (τὴν παραβολήν ‘a parábola’) e a outra é acusativo feminino plural (τὰς παραβολάς ‘as parábolas’). Assim como na leitura anterior, esta pequena mudança ocasiona certa implicação exegética: a pergunta dos discípulos se referia à parábola do semeador apenas, proferida na perícopie anterior. De fato ao observar a estrutura maior, verifica-se que após 4,10-12 Jesus explica imediatamente a parábola do semeador.

Há talvez uma tentativa de arranjo intencional por parte do copista para ligar a perícopie especificamente à parábola do semeador e sua explicação (conjetura-se apenas, visto que não há como demonstrar factualmente). No entanto, considerando as limitações das testemunhas (que apoiam a leitura variante, qualidade inferior, categorias não relevantes, posteridade cronológica e a resposta equivalente, isto é, a resposta no plural concorda com a pergunta no plural) a preferência recai sobre τὰς παραβολάς, visto que suas atestações externas e internas são mais fidedignas.

¹³⁰ ALAND, K; ALAND, B. *O Texto do Novo Testamento*. São Paulo: SBB, 2013, p. 288.

¹³¹ O'CALLAGHAN, J. *Introducción a la Crítica Textual del Nuevo Testamento*. Estella: Verbo Divino, 2000, p. 64.

¹³² PAROSCHI, W. *Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento*. São Paulo: SBB, 2012, p. 185.

Semelhante variante ocorre com leitura τις ἡ παραβολή αὐτή apoiada pelas seguintes testemunhas: D, W, Θ, *f*³, 28, 565, 2542, it, Or^{lat}. Esta leitura é contestada por κ, B, C, L, Δ, 892, vgst, sy^s e co, que apóiam a leitura como consta no texto, que ganha preferência de autenticidade pela melhor qualidade de suas testemunhas (texto mais antigo, melhor categoria, apresenta um texto mais breve, sem tendência de explicação).

Os elementos de diferença (o pronome indefinido τις, o nominativo feminino singular ἡ παραβολή, e o pronome pessoal feminino singular nominativo αὐτή) provocam claramente desconcerto ao texto, pois: a) o pronome τις é um elemento estranho ao texto que provoca falta de coesão e coerência, b) a construção ἡ παραβολή, da pergunta, que é singular não concorda com a resposta de Jesus que é plural παραβολαῖς (11c), c) o pronome αὐτή, que é feminino, é completamente discordante ao seu referente αὐτὸν (10b 2x), que é masculino. Embora apresente uma compreensão mais difícil o critério da *lectio difficilior* não pode ser aplicado aqui, porque a leitura não é apenas difícil, mas muito difícil. Assim, reafirma-se a preferência pela leitura do texto.

As leituras variantes no v.11 não são tão relevantes a ponto de merecer uma discussão extensa. Elas não afetam o sentido do texto em nenhum aspecto¹³³. Leituras similares também ocorrem no v.12. As lições que diferem do texto são apoiadas por testemunhas de menor qualidade e de número limitadíssimo, e ainda mostram graves problemas de concordância. A inserção τὰ ἁμαρτήματα αὐτῶν após αὐτοῖς (12f), embora apresente numeroso apoio não deve ter preferência, pois, o fato de ter uma quantidade maior de testemunhas não indica necessariamente preferência¹³⁴. Ademais, as testemunhas que diferem desta leitura e apoiam a leitura do texto são melhor categorizadas e são mais antigas. Esta inserção, ao que tudo indica, é uma clara tentativa de esclarecimento.

¹³³A leitura ἐξῶθεν apoiada somente por B e 1424 não tem preferência sobre ἔξω que tem apoio da vasta tradição. Mesmo se admitida o sentido pretendido mantém-se pois, “ἔξω é sinônimo de ἐξῶθεν” (cf. PEPPERMÜLLER, R. ἔξω. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William D. Eermans, 1990, § 1914.5). A omissão de τὰ (11c) em κ, D, K, W, Θ, 8, 565, 1424 e 2542 tem forte oposição de A, B, C, L, Δ, *f*¹³, 33, 579, 700, 892, 1241, Û e bo. Sua omissão ou inclusão no texto também não altera o sentido do mesmo. E por fim, a variante λεγεται (pres.ind. 3 sg. m/p) sustentada por D, Θ, 28, 565, 1424, 2542, it e vg^{ms} não pode ter preferência pela leitura conforme consta no texto devido que apresenta testemunhos mais bem categorizados, de texto mais antigo, leitura mais difícil, etc. Assim, assume-se a leitura do texto como a mais confiável.

¹³⁴ Cf. COLWELL, E. C. **Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament**. Leiden: Brill, 1969, p. 65.

Conclui-se que a crítica textual da perícopé sob estudo mostrou não haver problemas textuais de grande peso, ou seja, é um texto, praticamente, sem problemas de crítica textual. Isto sugere que, historicamente, ao longo dos tempos a tradição transmitiu bem este texto. Assim, analisada a confiabilidade da perícopé em estudo, passa-se a estudá-la do ponto de vista interno, isto é, sua constituição.

3.4

A constituição do texto

A crítica textual demonstrou do ponto de vista documental, que Mc 4,10-12 é um texto de transmissão sadia. O texto foi preservado nos melhores e bem categorizados manuscritos. Está presente nos manuscritos do IV século e nos posteriores também¹³⁵, isto indica que estamos diante de um texto com altas probabilidades de confiança. Estes fatores que dizem respeito às evidências externas serão complementados pela constituição do texto. Assim, faz-se necessário marcar o início e o fim devidamente para que se obtenha o sentido pretendido e não diverso da unidade, bem como sua verificação¹³⁶. Estes são os dois passos que serão dados a seguir.

3.4.1

Delimitação da perícopé

A demarcação de uma unidade textual é importante para a análise exegética, pois “todo texto supõe o desenvolvimento de um tema, com seu princípio, seus desdobramentos e a chegada a um ponto de repouso”¹³⁷ comunicando assim o que pretende. Faz-se também necessário devido seu caráter antológico saber qual é a sua mensagem¹³⁸. Os diversos indicadores dos limites de uma unidade textual presentes na narrativa de Marcos indicam que 4,10-12 forma uma unidade literária. Há, no entanto, algumas sugestões de demarcação diferentes, com um início no v.11¹³⁹ e com um final estendido até o v.13¹⁴⁰. Porém não há razões para admi-

¹³⁵ Ver PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2012, p. 285-293; ALAND, K; ALAND, B. **O Texto do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2013, p. 116-168; PARKER, D.C. **An Introduction to the New Testament Manuscripts and their Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 319-320.

¹³⁶ Cf. LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 90.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 85.

¹³⁸ Cf. SIMIAN-YOFRE, H (coord.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000, p. 79.

¹³⁹ E.g.: MARCUS, J. **El Evangelio según Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 328-330 e MALLY, E. J. **Evangelio según san Marcos**. In: BROWN, R. E; FITZMYER, J. A; MURPHY,

tir tais sugestões, pois são propostas sem motivos razoáveis. As mesmas apresentam problemas de desorganização estrutural que exigiria muito artifício para reorganizar a estrutura do todo como apresentada no texto.

A extensão do texto, Mc 4,10-12, como unidade literária autônoma é distinguida por fatores que indicam como mudança de personagens, tempo, assunto, gênero, mudança de linguagem discursiva para narrativa. A variação e mudança de personagens são claras na narrativa. Na perícopre antecedente há uma multidão escutando Jesus (Mc 4,1), já em Mc 4,10 há apenas a presença de alguns poucos οἱ περὶ αὐτόν mais os δώδεκα, isto sugere uma redução nos ouvintes de Jesus, aspecto enfatizado pelo adjetivo μόνας (10a).

Também há uma indicação cronológica na construção ὅτε ἐγένετο (10a), composta por ὅτε, uma conjunção temporal que denota o ‘quando’¹⁴¹ e dá o tempo da ação¹⁴², e ἐγένετο, um aoristo indicativo. Isto indica que Jesus passou um tempo com a multidão, terminou e agora estava só com alguns e os doze. Observa-se também que há diferença nas temáticas que circundam Mc 4,10-12; a temática anterior é a parábola do semeador que se conclui no v.9, e a posterior, que começa no v.13, é a explicação da parábola do semeador. No entanto, não se pode ignorar a relação entre as três unidades.

Outro elemento que indica os limites desta perícopre é “a mudança de linguagem discursiva para narrativa [...]” que é “é o caso de passagens como Mc 4.3-9 (linguagem discursiva), seguida de Mc 4.10 (linguagem narrativa)”¹⁴³ que é seguida de um discurso direto (11b-12f). O que vem a seguir é novamente uma linguagem narrativa (13a) seguida de uma linguagem discursiva que retoma e continua o assunto antes de 4,10.

R. E. (Eds.). **Comentario Biblico San Jeronimo**. Tomo 3. Madrid: Crisandad, 1972, p. 80-81 colocam o v. 10 fora da perícopre, começando assim a marcar a demarcação no v. 12, estabelecendo a perícopre como Mc 4, 11-12.

¹⁴⁰E.g: BEAVIS, M. A. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011, p. 79-81 estende a unidade inserindo o v.13 na mesma, demarcando a unidade como Mc 4, 10-13.

¹⁴¹BLASS, F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, p. 237.

¹⁴²WALLACE, D. B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**, São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009, p. 677.

¹⁴³WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia**, 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; S. Paulo: Paulus, 1998, p. 86.

Esta demarcação também é assumida pelas edições críticas do Novo Testamento como o Greek New Testament¹⁴⁴, Novum Testamentum Graece (Nestle-Aland)¹⁴⁵, Greek New Testament (SBL Edition)¹⁴⁶, Cambridge Greek Testament¹⁴⁷, Novum Testament Graece¹⁴⁸. A maioria dos autores também delimita a perícopé da mesma forma¹⁴⁹. Conclui-se, portanto que não há motivos para uma demarcação diferente de Mc 4,10-12.

Em seu conteúdo, a perícopé apresenta uma introdução no v.10, que apresenta pontos de separação e relação com a perícopé anterior, e que também introduz o assunto a ser tratado, isto é, as parábolas. No v.11 se relata como o mistério do Reino de Deus é apresentado aos discípulos e aos de fora. E no v.12 se usa um dito do profeta Isaías (6,9) sobre o motivo do por que falar em parábolas. Esta pequena disposição é mais bem compreendida quando se observa a estrutura do todo.

Deve-se observar, no entanto, que esta perícopé em estudo faz parte de um todo, isto é, está inserida na estrutura maior (Mc 4,1-34). A inter-relação e dependência entre as pequenas unidades e o todo são evidentes¹⁵⁰. Há um tema que é transversal a todas as unidades que compõem 4,1-34, o tema das parábolas. No v.34 há uma clara retomada e conclusão sobre o assunto geral, as parábolas. Uma análise mais detalhada sobre a estrutura mostrará de melhor forma a organização e funcionalidade da mesma.

¹⁴⁴ NESTLE-ALAND. **The Greek New Testament**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.

¹⁴⁵ Id., **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

¹⁴⁶ HOLMES, M. W. (Ed.). **The Greek New Testament: SBL Edition**. Lexham Press: Society of Biblical Literature (Logos Bible Software), 2013.

¹⁴⁷ CAMBRIDGE UNIVERSITY. **Cambridge Greek Testament: Greek Text.**. Cambridge: Cambridge University Press. 2012.

¹⁴⁸ TISCHENDORF, C. **Novum Testament Graece**. v. 1. Lipsiae: Giesecke & Devrient, 1869.

¹⁴⁹ Ver e.g.: MANN, C.S. **Mark**. New York: Doubleday, 1986, p. 262-265; LANE, W.L.L. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1974, p. 155-157; CULPEPPER, R. A. **Mark**. Macon: Smyth & Helwys, 2007, p. 131-139; EDWARDS, J. R. **The Gospel According to Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing, 2002, [S/P]; STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 191.

¹⁵⁰ Para uma completa abordagem sobre a estrutura e organização de Mc 4, 1-34 ver FAY, G. Introduction to incomprehension: the literary structure of Mark 4:1-34. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 51, n. 1, p. 65-81, 1989.

3.4.2 Verificação da unidade

Analisando a unidade sob estudo, verifica-se que não há turbamento no desenvolvimento da temática. Há suficientes elementos que indicam continuidade no texto: a) uma pergunta (v.10) continuada em uma resposta (v.11-12); b) os três versículos começam com conjunção, elemento que enfatiza a continuidade (v.10 e 11 *Kαὶ*, v.12 *ἵνα*), visto que as conjunções relacionam unidades de pensamento entre si, e também expressam a inter-relação das sentenças e cláusulas¹⁵¹; c) a conjunção *ἵνα* que indica o alvo de uma ação e também seu motivo¹⁵² indica que o v.12 é a conclusão de uma ação anterior (v.10-11); d) *ἵνα* também indica que toda sentença após ela é subordinada à sentença anterior, enfatizando a continuidade na unidade. Assim, percebe-se, do ponto de vista morfossintático que não há nenhuma dificuldade na compreensão do texto como um todo, o que implica ausência de turbamentos ou rupturas no texto. Os aparentes turbamentos que apresentam certa dificuldade ao texto são de ordem de concordância sintática. O verbo *γίνεται* (11c), 3ª pessoa singular, não concorda em número com seu sujeito *τὰ πάντα* (11c), neutro plural, isto é, trata-se de um sujeito plural neutro com um verbo no singular. Portanto, esta aparente falta de concordância pode ser explicada. De acordo Wallace¹⁵³:

Embora falte concordância nessas construções, elas são frequentes. De fato, sujeito plural neutro *normalmente* tem verbo singular. Esse é um dos exemplos *constructio ad sensum* (construção de acordo com o sentido, em lugar de seguir a concordância gramatical restrita). Visto que o neutro geralmente se refere a coisas impessoais (incluindo animais), o verbo singular considera o sujeito plural como um todo *coletivo*. Deve-se traduzir o sujeito e o verbo como plurais, em lugar de traduzir somente este no singular.

Blass-Debruner¹⁵⁴ também pontua que se trata de uma peculiaridade sintática do grego. Assim, percebe-se que este tipo de construção não é estranha ao NT. Esta, talvez se enquadre no modo de construção lógica da época, algo que se torna estranho na construção lógica e sintática atual.

¹⁵¹ Cf. WALLACE, D. B. **Gramática grega**: uma sintaxe exegética do Novo Testamento. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009, p. 667; BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, § 438.

¹⁵² WALLACE, D. B. op.cit., p. 676; ZERWICK, M. **Il Greco Nel Nuovo Testamento**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010, § 406.

¹⁵³ WALLACE, D. B. op. cit., p. 399.

¹⁵⁴ BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, § 132.

Em suma, esses aspectos indicam não haver no texto: oposições injustificadas, interrupção no desenvolvimento do discurso, presença de tensões e interrupções na construção sintática, presença de duplicações, diversidade estilística fortes, presença de fundo histórico, institucional ou religioso não corrente com o texto¹⁵⁵. Assim, é correto afirmar que se trata de uma unidade sólida e muito bem delimitada. O elemento de estilo diferente na mesma encontra-se no v.12, portanto é explicável pelo fato de se tratar do uso de fonte literária, neste caso, uma citação de Isaías 6,9.10.

3.4.3 Uso de fontes literárias

A relação literária dentro de toda Escritura é fato concreto, principalmente quando se considera Escritura como um todo. Esse fator também indica uma relação harmônica e contínua entre o AT e o NT¹⁵⁶. E “uma das ligações teológicas entre o AT e NT são as citações do NT de passagens do AT”¹⁵⁷, e assim o faz Mc 4,12. O uso de fonte literária está presente de forma explícita nesta unidade. Trata-se de uma fonte de procedência bíblica Veterotestamentária. Esta fonte constitui a citação que compõe todo v.12.

É um consenso de que a fonte usada é Is 6,9.10¹⁵⁸. Portanto, ao se compararem os textos se verificará que a citação não é literal, palavra por palavra, pois,

¹⁵⁵ Estes indicativos são retirados de SIMIAN-YOFRE, H (coord.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000; BEAVIS, M. A. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011, p. 81-83.

¹⁵⁶ Cf. EICHRODT, W. **Theology of the Old Testament**. v. 1. Philadelphia: Westminster Press, 1960, p. 26-27; Von RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. v. 1 e 2. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006, p. 783-835; ROWLEY, H. H. **The Unity of the Bible**. London, 1953 (apud HASEL, G. **Teologia do Antigo e Novo Testamento: questões básicas no debate atual**. São Paulo: Academia Cristã, 2012, p. 364); CHILDS, B. S. **New Testament**. Minneapolis: Fortress, 1993, p. 70-79; BRUEGGEMANN, W. **Theology of the Old Testament**. Minneapolis: Fortress Press, 1997, p. 729-733; KAISER, W. C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 273-276; HOUSE, P. R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005; HASEL, G. op.cit., p. 364-380.

¹⁵⁷ HASEL, G. op.cit., p. 366.

¹⁵⁸ Cf. GUELICH, R. A. **Mark 1-8:26**. Dallas: Word Books, 1989, p. 209; MARCUS, J. **El Evangelio según Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 341; MANN, C.S.O. **Mark**. New York: Doubleday, 1986, p. 263-264; FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2002, p. 193; YOSHIMURA, H. **Did Jesus Cite Isa 6:9-10?: Jesus Saying in Mark 4:11-12 and the Isaianic Idea of Hardening and Remnant**. Åbo, 2010. 300p. Monografia (Tese) – Åbo Akademis Förlag; EVANS, C. A. On Isaianic Background of the Sower Parable. **The Catholic Biblical Quarterly**, v. 47, p. 464-468, 1985; WATTS, R. E. **Mark**. In: BEALE, G. K; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 188-194; RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007, p. 169; GOULD, E. P. **A Critical and Exegetical Commentary on**

“os autores bíblicos podem usar suas fontes de forma literal, parcial ou livre. [...] No segundo caso, ele utiliza o material alheio de forma seletiva, ou seja, não reproduz todas as partes de fonte nem todas as palavras originais. [...]”¹⁵⁹. Um quadro comparativo clarifica mais a forma de citação.

Mc 4,12	Is 6,9-10
<p>ἵνα βλέποντες βλέπωσιν καὶ μὴ ἴδωσιν, καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ μὴ συνιῶσιν, μήποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἀυτοῖς.</p>	<p>וַיֹּאמֶר לָדָּ וְאַמְרָתָ לְעַם הַזֶּה שְׁמָעוּ וְשִׁמְעוּ וְאַל-תִּבְיִנוּ וְרָאוּ וְרָאוּ וְאַל-תִּדְעוּ: הַשָּׁמַן לַבְּהֵעָם הַזֶּה וְאַזְנוֹ הַכָּבֵד וְעֵינָיו הִשָּׁע פְּנֵי-יְרֵאָה בְּעֵינָיו וּבְאַזְנוֹ שְׁמָע וּלְכַבֵּד יָבִין וְשָׁב וְרָפָא לוֹ</p>

Ao comparar paralelamente o texto grego e o hebraico se percebe que a diferença de extensão entre os dois textos salta aos olhos. Outra diferença é a que determina o tipo de citação, isto é, não se trata de uma citação na íntegra, mas de uma equivalência semântica de termos. A equivalência se percebe nos segmentos formados por seus devidos membros: 12ab ^a[...] βλέποντες βλέπωσιν ^bκαὶ μὴ ἴδωσιν ‘[...] ^avendo vejam ^be não notem’ // 9ef וְאַל-תִּדְעוּ ^fוְרָאוּ וְרָאוּ ^e ‘e vede vendo, ^fmas não percebeis’ - 12cd ^cκαὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν ^dκαὶ μὴ συνιῶσιν ‘e ouvindo ouçam, ^de não compreendam’ // 9cd וְאַל-תִּבְיִנוּ ^dוְשִׁמְעוּ וְשִׁמְעוּ ^c ‘escutai escutando, ^dmas não entendeis’ - 12ef ^eμήποτε ἐπιστρέψωσιν ^fκαὶ ἀφεθῆ ἀυτοῖς ‘a fim que não se convertam ^fe seja-lhes perdoado’ // 10ef וְשָׁב וְרָפָא לוֹ ^e ‘e retorna ^fe o cura’.

Percebe-se ainda que há uma ligeira diferença na ordem dos segmentos. No texto hebraico o segmento 9cd (וְאַל-תִּבְיִנוּ ^dוְשִׁמְעוּ וְשִׁמְעוּ ^c) está antes do segmento 9ef (וְרָאוּ וְרָאוּ ^fוְרָאוּ וְרָאוּ ^e), na equivalência do texto grego o segmento 9ef está antes de 9cd, isto é, primeiro aparece ^a[...] βλέποντες βλέπωσιν ^bκαὶ μὴ ἴδωσιν

the Gospel According St. Mark. Edinburg: T & T Clarck, 1912, p. 72-74; BEAVIS, M. A. Mark. Grand Rapids: Baker Academic, 2011, p. 80.

¹⁵⁹ WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento*: Manual de metodologia, 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; S. Paulo: Paulus, 1998, p. 106.

(12ab) depois ^cκαὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν ^dκαὶ μὴ συνιῶσιν (12cd). Portanto, observa-se que há apenas ordem inversa entre eles, e não tensão contraditória.

Outra diferença consta nos segmentos do texto de Isaías que foram omitidos na citação em Marcos. Portanto, para esta diferença considera-se apenas o conteúdo da ordem dada a Isaías como a fonte no sentido mais estrito. Assim os segmentos 9ab (הָאָמַר לְךָ וְאָמַרְתָּ לָעַם הַזֶּה^b וַיֹּאמֶר^a) visto que não são conteúdos da ordem, não se consideram uma omissão. A omissão considerável consta no trecho 10ad (וַיִּשְׁמַע לְבַרְהֶעָם הַזֶּה וַיִּזְעַק וַיִּשְׁמַע לְבַרְהֶעָם הַזֶּה^a וַיִּשְׁמַע לְבַרְהֶעָם הַזֶּה^c וַיִּשְׁמַע לְבַרְהֶעָם הַזֶּה^d). Assim, percebe-se que o texto de Is 6,9-10 está “citado de forma abreviada (e com as primeiras duas cláusulas revertidas [...]) no v.12”¹⁶⁰ de Mc 4. Também é oportuno lembrar que “as referências ao AT não foram feitas de modo sistemático”¹⁶¹ no NT, fato que é perceptível na perícopie em estudo.

Assim, essas pequenas omissões, talvez sejam o motivo que leva muitos a afirmarem que Mc 4,12 não esteja citando o TM, mas outra tradição, que alguns poucos sugerem ser a LXX¹⁶² adaptada, outros sugerem o Targum¹⁶³ e uns poucos não admitem nenhuma versão¹⁶⁴. Esta divergência sobre o tipo de tradição usada em Mc 4,12 não é muito relevante e não causa nenhuma mudança no significado do texto, ademais, para os devidos efeitos de identificação da fonte usada não há dúvida que se trata de Is 6,9-10. Um quadro comparativo entre as diversas tradições textuais torna a comparação melhor elucidada.

Gr Mc 4,12	LXX Is 6,9-11	Targ Is 6,9-10	TM Is 6,9-10
ἵνα βλέποντες	καὶ εἶπεν πορεύθητι	וַיֹּאמֶר אֵינִי לֵךְ	וַיֹּאמֶר לְךָ וְאָמַרְתָּ
βλέπωσιν καὶ μὴ	καὶ εἶπὸν τῷ λαῷ	וְתִימַר לְעַמָּא	לָעַם הַזֶּה שְׁמַעוּ
ἴδωσιν, καὶ	τούτῳ ἀκοῆ ἀκούσετε	הַדִּין דְּשְׁמַעִין	שְׁמוֹעַ וְאַל-תִּבְיִנוּ
ἀκούοντες	καὶ οὐ μὴ συνῆτε καὶ	מִשְׁמַע וְלֹא	וְרֵאוּ רְאוּ

¹⁶⁰ Cf. FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2002, p. 193.

¹⁶¹ Cf. HASEL, G. **Teologia do Antigo e Novo Testamento: questões básicas no debate atual**. São Paulo: Academia Cristã, 2012, p. 367.

¹⁶² E.g. GOULD, E. P. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Mark**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1912, p. 72.

¹⁶³ Cf. WATTS, R. E. **Mark**. In: BEALE, G. K; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 188; BEAVIS, M. A. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011, p. 80; STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 210.

¹⁶⁴ E.g. MARCUS, J. **El Evangello según Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 342.

ἀκούωσιν καὶ μὴ συνιδῶσιν, μήποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἀυτοῖς	βλέποντες βλέπετε καὶ οὐ μὴ ἴδητε	מסתכלין וְהוּן מחזן וְלֹא יִדְעוּן:	וְאַל-תִּדְעוּן:
ἐπαχύνθη γὰρ ἡ καρδία τοῦ λαοῦ τούτου καὶ τοῖς ὠσὶν αὐτῶν βαρέως ἤκουσαν καὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτῶν ἐκάμυσαν μήποτε ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς καὶ τοῖς ὠσὶν ἀκούσωσιν καὶ τῇ καρδίᾳ συνιδῶσιν καὶ ἐπιστρέψωσιν καὶ ιάσομαι αὐτούς	ἐπαχύνθη γὰρ ἡ καρδία τοῦ λαοῦ τούτου καὶ τοῖς ὠσὶν αὐτῶν βαρέως ἤκουσαν καὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτῶν ἐκάμυσαν μήποτε ἴδωσιν τοῖς ὀφθαλμοῖς καὶ τοῖς ὠσὶν ἀκούσωσιν καὶ τῇ καρδίᾳ συνιδῶσιν καὶ ἐπιστρέψωσιν καὶ ιάσομαι αὐτούς	טפיש לביה דעמא קדין וְאודנוהי יקר וְעינוהי טמטים דלמא יחזון בְעִינֵיהוֹן ¹ וּבְאֻדְנֵהוֹן ² וּבְאֻדְנֵיהוֹן יִשְׁמְעוּן וּבְלִיבֵהוֹן יִסְתַּכְלוּן ¹ וַיְתוּבוּן ² וַיִּתְיַבּוּן וַיִּשְׁתַּבֵּי קִלְהוֹן:	הִשְׁמַן לִב־הָעַם הִנֵּה וְאַזְנֵיו הִכְבֵּד וְעֵינָיו הִשַׁע פֶּן-יִרְאֶה בְעֵינָיו וּבְאֻזְנָיו יִשְׁמַע וּלְקַבּוֹ יִבִּין וְשָׁב וּרְפָא לוֹ

O objetivo desta pesquisa não é demonstrar qual a tradição textual usada em Mc 4,12. Para efeito de contextualização, as comparações acima foram apresentadas para notar que as quatro tradições têm muitas semelhanças e diferenças também (principalmente nos aspectos, modos verbais e sintaxe). Porém, a despeito das diferenças as tradições ainda compartilham do mesmo contexto e mesma configuração, o que sugere que o contexto de Isaías deve ser levado em conta e que as diferenças nas tradições textuais não afetam a compreensão do texto.

3.5 Estrutura literária

Antes de tratar da estrutura da unidade 4,10-12, é razoável tratar da estrutura maior, na qual está inserida, pois, “uma curta seção do texto nunca deve estar isolada de seu contexto largo”¹⁶⁵. Assim, convém abordar resumidamente acerca do

¹⁶⁵ Cf. WARREN, W. F. **Interpreting New Testament Narrative: The Gospels and Acts**. In: CORLEY, B; LEMKE, S. W; LOVEJOLY, G. I. **Biblical Hermeneutic**. Nashville: Broadman & Holman, 2002, p. 323.

arranjo estrutural de todo o livro, para uma devida contextualização. “Até muito pouco tempo, os comentaristas vinham aceitando sem discutir o dito de Papias, segundo o qual Marcos escreveu ‘cuidadosamente, embora não com ordem’”¹⁶⁶.

A tendência era afirmar a falta absoluta de qualquer estrutura organizada de Marcos¹⁶⁷. Portanto, mais recentemente, as posições têm sido mais moderadas, muitos autores contemporâneos têm sugerido várias formas de ver uma estrutura organizada em Marcos¹⁶⁸. Trata-se de uma questão aberta, cujo todas estas contribuições têm seu valor. No entanto, com relação à unidade maior em que está inserida Mc 4,10-12 muitos autores têm visto naturalmente estruturas definidas.

A maioria de estudiosos considera Mc 4,1-34 como uma seção, uma unidade maior na qual estão inseridas outras unidades. Esta está constituída de uma cuidadosa construção de parábolas¹⁶⁹, tendo uma introdução (4,1-2) e uma conclusão (4, 33-34)¹⁷⁰. A seção caracteriza uma sequência de narrativas, visto que descreve “acontecimentos/ações que se sucedem numa determinada ordem e que estão relacionados entre si, como também agentes que, com sua ação, causam modificações”¹⁷¹.

Após a introdução surge a primeira narrativa (v.3-9) com a temática do semeador, a semente e os diversos solos, dirigida à grande multidão. A ação desta começa no v.1, com o semeador semeando, seu momento de complicação está presente na reação negativa dos diversos solos, v.4-7, a resolução está no v.8, com a reação positiva do solo, e finalmente a conclusão no v.9. A segunda narrativa

¹⁶⁶ MALLY, E. J. *Evangelio según san Marco*. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. *Comentário Bíblico San Jerônimo*. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 61.

¹⁶⁷ LOISY, A. *L'Évangile selon Marc*. Paris: Émile Nourry, 1912, p. 9; DELORME, J. *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1982, p. 8.

¹⁶⁸ Ver discussão e propostas em: DODD, C. H. *The Framework of the Gospel Narrative*. *Expository Times*. v. 43, 1932, p. 396-400; COMBET-GALLAND, C. *O Evangelho segundo Marcos*. In: MARGUERAT, D. (Org.). *Novo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 47-49; MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 10-16; WILLIAN, J. Does Mark's Gospel Have an Outline? *Journal of the Evangelical Theological Society*. v. 49, n. 3, p. 505-25, 2006; DEWEY, J. Mark as Interwoven Tapestry: Forecasts and Echoes for a Listening Audience. *Catholic Biblical Quarterly*. v. 53, 1991, p. 221-235; HEDRICK, C. W. What is a Gospel? Geography Time and Narrative Structure. *Perspectives in Religious Studies*. v. 10, p. 254-268, 1983; BELTRAN, V. B. *El Yo-Testigo en el Evangelio de San Marcos* (Perspectiva Estructural). 1990. 250 p. Monografia (Tese) – Faculdade de Teologia, Universidade de Navarra, Navarra, 1990, p. 209-238.

¹⁶⁹ Cf. STEIN, R. H. *Mark*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 191.

¹⁷⁰ Cf. MARCUS, J. *El Evangelio según Marcos*. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 328; STEIN, R. H. loc.cit.; MALLY, E. J. *Evangelio según San Marcos*. In: BROWN, R. E; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Eds.). *Comentario Bíblico San Jerônimo*. Tomo 3. Madrid: Cristiandad, 1972 p. 80.

¹⁷¹ EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo:Loyola, 1994, p. 116.

está nos v.10-12, onde há uma redução de personagens, só estão alguns poucos e os doze, na qual há um dito sobre a razão de se falar em parábolas.

A terceira sequência (13-20) explica a parábola em v.3-9. Na quarta sequência se profere a parábola da candeia (v.21-23), começando e se tornando mais complexa no v.21, se solucionado no v.22 e concluindo-se no v.23. No v.24-25 constam ditos de sentenças. Na sequência, é descrita a parábola da semente que germina (v.26-29) com um começo da ação (v.26), um desenrolar-se (v.27-28) e um repouso (v.29). E finalmente, antes da conclusão se profere a parábola do grão de mostarda, com um início da ação (v.30), um desenvolvimento (v.31) e um repouso (v.32).

Alguns elementos sintáticos e da narrativa indicam que estes quadros estão intimamente ligados, pois, trata-se de uma unidade que foi “devidamente construída”¹⁷², assim, podem ser observáveis: A “interpretação (13-20), assim como as sentenças (21-25) [...] são introduzidas em cada caso pela típica fórmula de conexão empregada por Marcos, *kai elegen autois* (13; 21; 24), ‘lhes disse’”¹⁷³; O termo e o tema *παραβολή* se repetem ao longo da narrativa, de modo que formam um *inclúcio* (v.3 e 34); A unidade 13-20 é uma retomada, explicando, a unidade 3-9 (sendo os v.10-12 o elo entre as duas e o elemento que justifica o porquê da explicação, isto é, há uma descrição, uma pergunta sobre a descrição, e uma resposta a pergunta)¹⁷⁴;

O v.34 sintetiza tematicamente toda estrutura; há fator de contraste comum nos v.3-25¹⁷⁵; Em 3-9,13-20,26-29,30-33 há elementos morfossintáticos, semânticos e temáticos comuns; o tema da semente que germina e cresce¹⁷⁶, correspondente à lâmpada colocada no lampadário, está presente em toda unidade, funcio-

¹⁷² MARCUS, J. *El Evangelio según Marcos*. Salamanca: Sígueme, 2010, p. 328.

¹⁷³ MALLY, E. J. *Evangelio según San Marcos*. In: BROWN, R. E; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Eds.). *Comentario Bíblico San Jeronimo*. Tomo 3. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 80.

¹⁷⁴ Aqui se analisa do ponto de vista narrativo-semântico do texto como um todo, isto é, a sua forma final, isto pelo motivo da natureza narrativa do texto.

¹⁷⁵ solo bom-solo ruim; Semeador-satanás; oculto-manifesto; secreto-manifesto; o que tem-o que não tem.

¹⁷⁶ Visto que no diálogo estão presentes os discípulo de Jesus, logo se percebe a clara ênfase na importância do crescer, o dar o fruto, como condição para o Reino de Deus em toda unidade. Uma abordagem mais elaborada sobre esta relação pode ser encontrada em GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo*: uma relação semântica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 119-135.

nando como elemento comum e unificador. Esta unidade tem sido esquematizada como um quiasmo por alguns autores¹⁷⁷ como se segue:

A Introdução (1-2)

B Parábola do Semeador (3-9)

C Explicação do ensinamento em parábola (10-12)

D Interpretação da parábola do Semeador (13-20)

C´ ditos parabólicos (21-15)

B´ Parábolas de sementes (26-32)

A´ Conclusão (33-34)

Outras formas de arranjo estruturais também são sugeridas, por exemplo, Williamson, baseado nos indícios literários do próprio texto, sugere outra forma de arranjo¹⁷⁸. Tolbert¹⁷⁹ sugere uma estrutura tripartida. France¹⁸⁰ observa que “este discurso é delineado por Marcos para ser lido como um todo” e subdivide a unidade em 4,1-2 + 4, 3-9 + 4,10-12 + 4,13-20 + 4,21-25 + 4,26-32 + 4,33-34. Stein¹⁸¹ apresenta uma subdivisão mais extensa, subdividindo a unidade em 4,1-2 + 4,3-9 + 4,10-12 + 4,13-20 + 4,21-22 + 4,24-25 + 4,26-29 + 4,30-32 + 4,33-34.

Estes diferentes olhares e as próprias informações literárias indicam que Mc 4,1-34 é uma unidade bem articulada. A presença abundante de parábolas nestas unidades e suas subunidades demonstram a importância que as parábolas têm no ensino de Jesus. E especificamente na unidade em estudo o arranjo estrutural mos-

¹⁷⁷ Sugerem esta construção: FAY, G. Introduction to incomprehension: the literary structure of Mark 4:1-34. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 51, n. 1, p. 65-81, 1989, p. 69; CUVILLIER, E. Le concept de ΠΑΡΑΒΟΛΗ dans le second evangile. **Études Bibliques**, v. 19, n. 1, 1993, Paris: Gabalda, p. 117; HEIL, J. P. Reader-Response and the Narrative Context of the Parables about Growing Seed in Mark 4:1-34. **Catholic Biblical Quarterly**. v. 54, n. 2, p. 271-286, 1992; outros citados por BEAVIS, M. A. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011, p. 76 são: DONAHUE, J. R. **The Gospel in Parable**. Philadelphia: Fortress, 1988; MARCUS, J. **The Mystery of the Kingdom of God**. Society of Biblical Literature Dissertation Series 90. Atlanta: Scholars Press, 1986; MOLONEY, F. J. **The Gospel of Mark**. Peabody, MA: Hendrickson, 2002; outros também citados por BEAVIS, M. A. op.cit., p. 76 sugerem um quiasmo mais simplificado: cf. DEWEY, J. **Markan Public Debate**. Society of Biblical Literature Dissertation Series 40. Chico, CA: Scholars Press, 1980; LAMBRECHT, J. **Once More Astonished: The Parables of Jesus**. New York: Crossroad, 1981; STOCK, A. **The Method and Message of Mark**. Wilmington, DE: Michael Glazier, 1989.

¹⁷⁸ Ver WILLIAMSON, L. **Mark**. Atlanta: J. Knox Press, 1983, p. 88.

¹⁷⁹ Ver TOLBERT, M. A. **Sowing the Gospel: Mark's World in Literary-Historical Perspective**. Minneapolis: Fortress, 1989 (apud BEAVIS, M. A. op. cit, p. 76).

¹⁸⁰ FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark :A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 2002, p. 187.

¹⁸¹ STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 191.

trou que o uso de parábola para ensinar é um elemento fundamental. As pequenas unidades que compõem a maior seguem a mesma dinâmica. Assim, feita a análise estrutural da unidade maior, cabe analisar a estrutura da unidade 4,10-12 que está inserida em seu contexto.

3.5.1

A estrutura da unidade menor 4,10-12

Como visto acima, a unidade sob estudo é parte de uma unidade maior. A ligação entre as partes e o todo é evidente pelos elementos morfosintáticos comuns e também pela temática. O mesmo ocorre com Mc 4,10-12. Os elementos morfosintáticos que ligam esta perícope às outras podem ser: a conjunção καί (v.10) no início da unidade, indicando continuidade da narrativa; o verbo γίνομαι (2x na unidade menor, v.10 e 11 e 5x na unidade maior, v.4.17.19.22.32); a locução verbal Καὶ ὅτε ἐγένετο (v.10) que sugere tempo decorrido, isto é, sucessão de fatos; o substantivo παραβολή (παραβολάς v.10) é transversal a todas as unidades de 4,1-34¹⁸².

A locução καὶ ἔλεγεν no v.11 ocorre outras vezes ao longo da unidade maior (7x, v.2.9.13.21.24.26.30); o verbo δίδωμι no v.11 também aparece nos v.7.8.25; a locução βασιλεία τοῦ θεοῦ no v.11 é repetido nos v.26 e 30; o verbo βλέπω no v.12 (2x) também ocorre no v.24; o verbo ἀκούω no v.12 (2x) ocorre novamente nos v. 3. 9 (2x).15.16.18.20.23(2x).24.33; a construção ἀκούοντες ἀκούωσιν no v. 12 semanticamente equivale a oração εἴ τις ἔχει ὅτα ἀκούειν ἀκουέτω no v.23; todo discurso depois do v.10 é causado pela pergunta no mesmo versículo; semanticamente o v.10 é complementado no v.34. Estes aspectos e outros indicam a ligação de 4,10-12 com a unidade maior 4,1-34. Por sua vez, esta, também apresenta a própria dinâmica.

O texto nesta perícope se apresenta como uma unidade muito bem definida e estruturada. Do ponto de vista da narrativa podem ser identificadas as seguintes partes: 10a-c comentário do narrador; 11a narrador/abertura de discurso direto; 11b-12f discurso direto. O v.10 pode ser considerado como o começo da trama, aqui se apresenta ou se traz uma questão, a pergunta sobre as parábolas. A trama

¹⁸² Segundo CUVILLIER, E. Le Concept de ΠΑΡΑΒΟΛΗ dans le second Evangile. *Études Bibliques*, v. 19, n. 1, 1993, Paris: Gabalda, p. 83 o termo παραβολή ocorre treze vezes em Marcos, e oito destas treze ocorrências estão na unidade 4,1-34.

alcança sua complexidade no v.11, no qual se fala sobre o mistério do Reino de Deus, o ensino em parábolas para alguns e a explicação para outros, há um antagonismo entre ὑμῖν e ἐκείνοις.

No v.12 há um repouso natural da trama, uma resolução da tensão é apresentada. Ainda se percebe que estruturalmente os v.11 e 12 estão subordinados ao v.10, pois são respostas à ação do verbo ἠρώτων, cuja ação recai diretamente sobre τὰς παραβολάς, isto é, seu objeto direto, indicando a temática que amarra as partes tanto da unidade menor como da maior.

A forma estrutural que predomina nesta unidade é o paralelismo. Num aspecto geral, a disposição em paralelo é perceptível entre os v.10 e v.11. Visto que o v.12 ainda é parte do discurso direto começado em 11b, é coerente considerá-lo em junto com o v.11. Assim, a disposição paralela da unidade pode ser A (10bc)∥B (11a-12f), isto é, A:B¹⁸³. Dentro desta disposição maior é possível notar uma disposição concêntrica no v.12 como se segue: ala' ∥b, isto é, a-b-a'¹⁸⁴, sendo a (composto pelo segmento bimembre 12ab), b (12e) e a' (composto pelo segmento bimembre 12cd), assim a estrutura pode ser disposta como abaixo.

A ἵνα βλέποντες βλέπωσιν καὶ μὴ ἴδωσιν

B μήποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἰαὐτοῖς

A' καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν καὶ μὴ συνιῶσιν

Ou

A ἵνα βλέποντες βλέπωσιν

B καὶ μὴ ἴδωσιν

¹⁸³ FAY, G. Introduction to Incomprehension: The Literary Structure of Mark 4:1-34. *The Catholic Biblical Quarterly*. v. 51, n. 1, p. 65-81, 1989, p. 81 sugere uma estrutura concêntrica da unidade como se segue, a-b-c-a'-b', sendo a (v.10, questão-compreensão), b (v.11a, resultado positivo-discípulos), c (v. 11b, método parabólico), b'(v. 12, resultado negativo-os de fora), a'(v. 13, questão-compreensão). O que se percebe é a inclusão do v. 13 como parte da unidade, portanto este arranjo apresenta algumas dificuldades: como já foi visto acima o v. 13 deve ser parte de outra unidade; a segmentação usada não é clara e parece arbitrária, visto que há elementos sintáticos que permitem e requerem uma divisão em mais membros (ver segmentação acima). Todavia, esta sugestão ainda é uma tentativa positiva que indica que estrutura tem um esquema organizado, indicando o tema parabólico como o central.

¹⁸⁴ DORSEY, D. A. *The Literary Structure of the Old Testament*. Grand Rapids: Baker Books, 1999, p. 29, observa que este tipo de arranjo pode ocorrer “quando um esquema paralelo tem um número excedente de unidades, a unidade inigualável pode ser colocado no final (a-b-c ∥ a'-b'-c' - d), centralizando (a-b-c-d-a'-b'-c')”.

C μήποτε ἐπιστρέψωσιν καὶ ἀφεθῆ ἀὐτοῖς
 Β´ καὶ μὴ συνιῶσιν
 Α´ καὶ ἀκούοντες ἀκούωσιν

Estas disposições indicam que: há um nexos entre as diversas partes da unidade; há relações de complementaridade na unidade; a unidade tem uma finalidade, que é comunicada por meio de parábola, a temática central da mesma. Todos estes elementos compõem um conjunto que indicam a forma como o texto está arranjado e organizado.

3.5.2 A organização do texto

Como visto acima, a forma como a unidade em estudo está esquematizada descreve muito de sua organização. Assim como o texto está bem estruturado também está bem organizado. Visto que um “texto possui uma organização que é dada pela sua sintaxe, no modo como os morfemas se relacionam”¹⁸⁵ então se torna necessário e proveitoso observar estes elementos na unidade. Para observar a organização do texto será destacada a correspondência, complementaridade e fluxo verbal; a função das conjunções na tessitura da unidade; a alternância e relação dos pronomes e a constatação das amarras na unidade.

a) Correspondência, complementaridade e fluxo verbal

Os verbos na unidade se correspondem, e também se complementam, do ponto de vista sintático e semântico. A unidade apresenta um total de treze verbos (considerando os participios e as repetições). Dois no v.10 (ἐγένετο e ἠρώτων), três no v.11 (ἔλεγεν, δέδοται, γίνεται) e oito no v.12 (βλέποντες, βλέπωσιν, ἴδωσιν, ἀκούοντες, ἀκούωσιν, συνιῶσιν, ἐπιστρέψωσιν, ἀφεθῆ). Todos estes verbos se relacionam diretamente formando uma cadeia de ações. Os três primeiros verbos constituem fala do narrador.

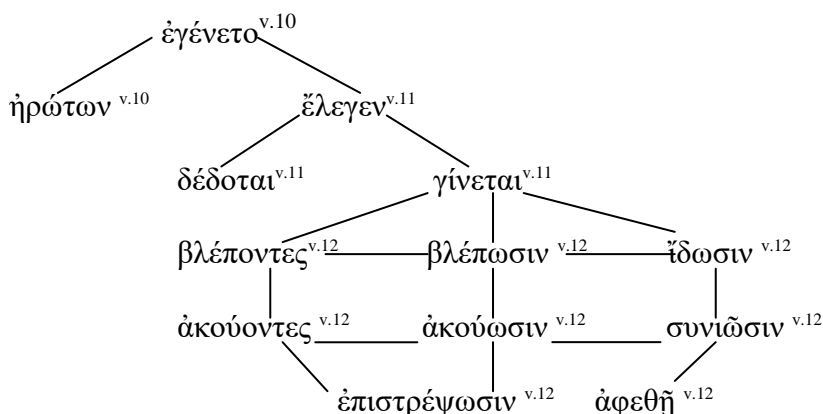
O verbo ἐγένετο introduz a narrativa, o verbo ἠρώτων forma um par com o verbo ἔλεγεν (pergunta-resposta), o verbo δέδοται faz parte do discurso introduzido pelo verbo anterior e juntamente com os anteriores se referem ao grupo que

¹⁸⁵ GUEDES, J. O. O. *A gênese do discípulo: uma relação semântica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 25.

ficou com Jesus. Os outros verbos restantes da unidade se referem aos de fora. O verbo γίνεται é uma correspondência de δέδοται no paralelismo do v.11, e como sugere o teor conclusivo de ἵνα todos os verbos que a procedem complementam e concluem a ação dos verbos anteriores e também são complementares entre si.

O particípio βλέποντες tem sua ação e ideia completada no verbo βλέπωσιν, e ambos são complementados (relação indicada pela conjunção καὶ) na ação do verbo ἴδωσιν formando assim uma relação trinômia. Da mesma forma ocorre com o particípio ἀκούοντες que de igual maneira tem sua ação e ideia completada no verbo ἀκούωσιν e ambos complementados (relação indicada pela conjunção καὶ) na ação do verbo συνιῶσιν, formando também uma relação trinômia.

Todas estas ações, como sugere a conjunção μήποτε, têm sua ideia concluída e complementada nos verbos ἐπιστρέψωσιν e ἀφεθῆ (ligados pela conjunção καὶ). Estas correspondências e complementaridades demonstram que os sujeitos, as ações e os predicados na unidade estão muito bem encadeados e concatenados. O diagrama abaixo ilustra graficamente o exposto.



Assim, se observa que a costura do narrador e da narrativa, entre os verbos do discurso direto, está bem feita deixando o texto mais coeso e coerente. Esta costura é melhor visível quando se observa o uso de conjunções na unidade.

b) A função das conjunções na tessitura da unidade

O uso de conjunções são um meio importante de concatenação de um texto¹⁸⁶. E estas estão presentes expressivamente na unidade. Esta contém dez conjunções ao todo. Estas estão distribuídas da seguinte forma: Καὶ: 1x (10a), 1x (11a), 4x (12bcd); ὅτε: 1x (10a); δὲ: 1x (11c); ἵνα: 1x (12a); μήποτε: 1x (12e). A

¹⁸⁶ EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 77.

conjunção predominante na unidade é Καί que ocorre 6x no total. No v.10a καί tem uma função aditiva, estabelecendo uma relação de coordenação com a oração anterior, pois uma conjunção coordenada conecta “elementos na estrutura da frase que estão em par com outras”¹⁸⁷.

A conjunção ὅτε desempenha claramente uma função adverbial temporal. No v.11 a conjunção καί parece ter a mesma função que no v.10, ao que tudo indica. A conjunção δὲ em 11d é uma coordenada adversativa, que estabelece a oposição entre ὑμῖν e ἐκεῖνοις. Em 12a ἵνα é uma subordinada adverbial final, que pode expressar também “indicar uma consequência lógica”¹⁸⁸ indicando neste caso a convergência do que se tratou antes.

No v.12, pela sugestão do paralelismo, parece funcionalidade por par, em 12b e 12d a conjunção καί desempenham uma função aditiva na relação de coordenação. Visto que καί também pode ser empregado com significado adversativo¹⁸⁹, é cabível admitir esta possibilidade aqui, pois a mesma responde perfeitamente ao contexto. Já a função da mesma conjunção em 12c funciona como uma coordenada aditiva. E finalmente, a conjunção μήποτε funciona como uma subordinada adverbial final. Em suma, a análise do uso das conjunções na unidade indicou que há uma relação organizada entre as diversas orações que compõem a unidade. Esta organização também é reforçada pela alternância de pronomes na mesma.

c) Alternância e relação dos pronomes

Os pronomes têm destaque na unidade e estão bem distribuídos. Estes indicam dentro da narrativa quem fala, para quem se fala e sobre quem se fala. A primeira ocorrência é do pronome pessoal de 3ª pessoa αὐτὸν (10b) indicando que seu referente sofre a ação de οἱ περὶ. Αὐτὸν de 10b se repete em 10c reforçando e tornando mais claro a ação que sofre de οἱ περὶ.

A partir de 11a as funções se invertem, οἱ περὶ é retomado por αὐτοῖς e sofre a ação de αὐτὸν, isto é, responde ao questionamento feito anteriormente, constituindo uma relação ação-reação. Em 11b o pronome da 2ª plural ὑμῖν também é uma

¹⁸⁷ BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, p. 225.

¹⁸⁸ Cf. LAMP, P. ἵνα. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 1. Grands Rapids: William D. Eermans, 1990, § 2525. 1. b.

¹⁸⁹ ZERWICK, M. **Il Greco Nel Nuovo Testamento**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010, p. 185.

retomada de οἱ περὶ, no entanto esta mudança indica a troca do narrador para o discurso direto, isto é, a fala de αὐτὸν. Esta permuta sugere uma aproximação do ouvinte-leitor, pois “a alternância número-pessoal dá ao texto um forte impacto comunicativo [...] quem escuta e lê tal texto como seu destinatário naturalmente se percebe envolvido [...] atitudes requeridas são indicadas pelo texto na sua gramática”¹⁹⁰.

Em 11d o demonstrativo plural ἐκείνοις ocorre pela primeira vez, e como sugere a conjunção adversativa δὲ, está em uma relação de antítese com ὑμῖν. E por fim, o pronome de 3ª masculino plural αὐτοῖς retoma o demonstrativo ἐκείνοις, que aqui em 12f funciona como objeto direto. Esta relação entre os pronomes demonstra que existe complementaridade e continuidade entre eles e consequentemente unidade, enfatizando sua sólida organização.

d) Constatação das amarras na unidade

Alguns elementos gramaticais na unidade indicam que a mesma está muito bem tecida. Elementos que criam coesão como conjunções, repetições e proformas¹⁹¹ são encontradas na unidade. As conjunções que são abundantes e distribuídas uniformemente na unidade, como já foi observado acima, conectam as diferentes partes da unidade estabelecendo as conexões por coordenação e subordinação. Também ocorrem alguns elementos que se repetem, tais como o verbo γίνομαι (2x, 10a e 11e), o substantivo παραβολάς (10c e 11d), a raiz βλέπω (2x, 12a) e a raiz ἀκούω (2x, 12c).

A temática definida pelo substantivo παραβολάς funciona como o principal fio condutor que integra todos os elementos nesta unidade e também a própria unidade com as outras, como já foi observado. Retomadas e proformas também são abundantes na unidade. Além das retomadas pronominais analisadas acima, outras retomadas e proformas também constam no texto.

As locuções βλέποντες βλέπωσιν (12a), ἀκούοντες ἀκούωσιν (12c), e os verbos ἴδωσιν (12b), συνιῶσιν (12d), ἐπιστρέψωσιν (12e) funcionam como proforma de ἐκείνοις (11c). O pronome ὑμῖν (11b) também pode ser lido como uma

¹⁹⁰ GUEDES, J. O. O. **A gênese do discípulo: uma relação semântica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 25-26.

¹⁹¹ Cf. EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005, p. 76 (entende-se aqui por proforma uma palavra que faz a retomada. Substitui outras palavras que normalmente tem o fim de evitar repetições).

proforma de οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα. Também há relações binomiais que indicam relação de continuidade, complementaridade e demonstram a forte tessitura na unidade, são estas: (10b) ἡρώτων- ἔλεγεν (11a); (11b) ὑμῖν- ἐκείνοις (11d); (12a) βλέπωσιν- ἴδωσιν (12b); (12c) ἀκούωσιν- συνιῶσιν (12d); (12e) ἐπιστρέψωσιν- ἀφεθῆ (12f). Em suma, se observa que a trama está muito bem tecida e organizada.

3.5.3

Contexto literário-teológico do dito em Mc 4,12

A narrativa descrita em Mc 4,10-12 começa informando que Jesus a partir daquele momento se encontrava apenas com os Doze e mais alguns (cf. 10b), e que os mesmos levantaram uma pergunta a respeito do ensino em parábolas (10b), continuando a trama Jesus responde-lhes proferindo um dito (v.11-12). Este dito (concentrado especificamente no v.12) é uma citação Veterotestamentária de Isaías 6,9-10. A imagem também está presente, direta e indiretamente, em outros lugares do AT. Além da unidade primária de Isaías 6,1-13, o conceito do dito aparece também em Dt 29,4; Jr 5,21; Ez 12,2.

No relato de vocação em Isaías 6,1-13, que é a fonte usada por Marcos, Deus dá ordens ao profeta para proclamar Sua mensagem. O dito usado em Marcos era parte desta mensagem (Is 6,9.10). Nesta, Deus fala ao povo de coração endurecido, portanto ao final da mensagem se percebe que se trata de um convite de retorno ao SENHOR, finalizando com um oráculo de um remanescente. Esta ação pode ser observada de forma prática na experiência do profeta que “não é apenas um veículo impessoal, mas um que se identifica com seu povo cuja limpeza pelo fogo e cuja restauração faze-o paradigma do novo surgimento do velho”¹⁹². Esta mesma dinâmica está presente também em Mc 4,10-12, visto que esta passagem de Isaías sobre o “endurecimento de Israel desempenha um papel importante na interpretação do ministério de Jesus Cristo”¹⁹³. Assim em Marcos esse quadro parece se repetir, visto que Deus envia Seu Servo, o Filho do Homem, para fazer um convite do retorno a um povo obstinado.

A estrutura em que Dt 29,4 (3) está contido descreve o discurso que Moisés proferiu diante do povo, exortando-o a ser fiel à Aliança. Este texto demonstra

¹⁹² CHILDS, B.S. *Isaiah*. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001, p. 58-59.

¹⁹³ *Ibid.*, p. 59.

alguns contatos com a unidade em estudo. Morfológicamente os contatos se observam em: $\eta\eta$ (TM, 3a)/ $\epsilon\delta\omega\kappa\epsilon\nu$ (LXX, 3a)/ $\delta\acute{\epsilon}\delta\omicron\tau\alpha\iota$ (NT, 11b); $\eta\delta\lambda\omicron\gamma$ (TM, 3b)/ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\epsilon\iota\nu$ (LXX, 3b)/ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\omicron\nu\tau\epsilon\varsigma$ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\omega\sigma\iota\nu$ (NT, 12a); $\psi\eta\psi$ (TM, 3b)/ $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\epsilon\iota\nu$ (LXX, 3c)/ $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omicron\nu\tau\epsilon\varsigma$ $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omega\sigma\iota\nu$ (NT, 12c). O *status* paradoxal também está presente em ambos, pois em ambos se descreve que Deus é a causa da não compreensão, do não ver e ouvir, porém deve-se compreender que o povo é o sujeito da própria ação.

Aqui o dito se refere ao povo de Israel, o povo de Deus, em Mc 4,12 se refere a um grupo fora dos seguidores de Jesus. Portanto, a ação do próprio povo de Deus confirmou que eles mesmos também são os obstinados, quando violaram a aliança, indicando assim que o dito se refere a eles também, isto é, para todos que apresentam as mesmas características. Assim, a dinâmica dos textos permanece harmônica, isto é, Deus através de seus servos lida com corações obstinados. Em ambas narrativas se apela para destinatários obstinados e se oferece nova oportunidade.

Semelhante situação ocorre em Jr 5,21. As duas narrativas também compartilham morfológicamente alguns elementos, a saber: $\eta\delta\lambda\omicron\gamma$ (TM, 21b)/ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\omicron\upsilon\sigma\iota\nu$ (LXX, 21b)/ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\omicron\nu\tau\epsilon\varsigma$ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\omega\sigma\iota\nu$ (NT, 12a); $\psi\eta\psi$ (TM, 21c)/ $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omicron\upsilon\sigma\iota\nu$ (LXX, 21c)/ $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omicron\nu\tau\epsilon\varsigma$ $\acute{\alpha}\kappa\omicron\upsilon\omega\sigma\iota\nu$ (NT, 12c). Aqui em Jeremias Deus fala contra a obstinação do povo, que endurece seu coração não vendo e não ouvindo. “O envelope de Jr 5,21 se move de ‘shema’ para ‘shema’ [...]. Porque ‘ouvir’ é a palavra base de resposta da aliança”¹⁹⁴, o que sugere a quebra da mesma por parte do povo de Deus (Judá e Jacó, v.), daí o ‘não ver e não ouvir’, este “vocabulário de sabedoria negativo é usada para repreender a comunidade, aqui pela falha de aprender uma lição óbvia”¹⁹⁵. Assim, observa-se que a dinâmica é a mesma que em Mc 4,12, há uma mensagem de advertência e nova oportunidade para um povo de coração endurecido.

Em Ezequiel 12,2 também se observa o mesmo padrão dos observados acima¹⁹⁶. Os seguintes vocábulos são comuns: $\eta\delta\lambda\omicron\gamma$ - $\eta\delta\lambda\omicron\gamma$ (TM, 2b)/ $\beta\lambda\acute{\epsilon}\pi\epsilon\iota\nu$ $\kappa\alpha\iota$ -

¹⁹⁴ BRUEGGEMANN, W. **A Commentary on Jeremiah: Exile and Homecoming**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998, p. 67.

¹⁹⁵ ALLEN, L.C. **Jeremiah**. Louisville, KY; London: Westminster John Knox Press, 2008, p. 80.

¹⁹⁶ ALLEN, L. C. **Ezekiel 1-19**. Dallas: Word Books, 1994, p. 178 sugere uma relação entre esta passagem com Is 6, 9-10 e Jr 5,21; também TAYLOR, J. B. **Ezequiel: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 105. ZIMMERLI, W. **A Commentary on the Book of Prophet**

βλέπουσιν (LXX, 2b)/ βλέποντες βλέπωσιν (NT, 12a); יִשְׁרָאֵל - יִשְׁרָאֵל (TM, 2c)/ ἀκούειν καὶ οὐκ ἀκούουσιν (LXX, 2c)/ ἀκούοντες ἀκούωσιν (NT, 12c). O discurso é dirigido a Ezequiel, mas se refere ao povo, que como acima, não permanece fiel a Deus, antes O resiste. “A evidência da rebelião é uma recusa em escutar a apresentação de Ezequiel da vontade divina”¹⁹⁷, sendo a rebelião, o motivo do endurecimento do coração contra Deus.

Ainda assim, como ocorre também nas passagens acima, há uma oportunidade de retorna, pois “Deus agora fala a Ezequiel e expressa a esperança: *Bem pode ser que o entendem*”¹⁹⁸. Percebe-se pelo exposto que o dito encontra vasto uso no AT. Zimmerli afirma que além dos textos supracitados também usam o dito¹⁹⁹ os seguintes textos: Is 43,8; Sl 115,5; 135,16 e Mc 4,12; 8,18. Assim, conclui-se que o dito usado em Mc 4,12 tem sua raiz no AT, onde é usado vastamente, de forma explícita ou implícita.

Ezekiel: Chapter 1-24. Philadelphia: Fortress, 1979, p. 270 relaciona esta passagem com Jr 5,21 e Dt 29,3 e a ideia também aparece em Mc 4,12; 8,12; Sl 115,5; 135,16.

¹⁹⁷ ALLEN, L. C. **Ezekiel 1-19**. Dallas: Word Books, 1994, p. 178.

¹⁹⁸ TAYLOR, J. B. **Ezequiel**. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 105.

¹⁹⁹ ZIMMERLI, W. op.cit., p. 269.

4 Comentário exegético

A partir da exegese se realçam os seguintes pontos: os títulos οἱ περὶ αὐτὸν e os δώδεκα (10c), os ὑμῖν e ἐκεῖνοις - τοῖς ἔξω (11bd), o μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ (v.11c), o motivo de falar em parábolas e a temática do endurecimento. Estas temáticas constituem a essência da perícopie, por este motivo serão analisados e comentados nesta seção.

4.1 οἱ περὶ αὐτὸν e os δώδεκα (v.10c)

A preposição σὺν sugere que οἱ περὶ αὐτὸν e δώδεκα se referem a dois grupos distintos. Os autores identificam οἱ περὶ αὐτὸν como: membros da multidão descrita em 4,1-2 que foram desafiados pela parábola de Jesus a serem Seus discípulos²⁰⁰, os futuros fiéis²⁰¹, os discípulos no geral distinguidos da multidão, mas também distintos dos doze²⁰², aqueles que em algum momento estão acompanhando ou associados com a figura central da narrativa²⁰³. O que se observa é que certos autores diferem ligeiramente uns dos outros, portanto um acordo de que se trata de dois grupos distintos que constituem um grupo maior é perceptível. Uma análise da ocorrência de οἱ περὶ αὐτὸν lançará luz sobre a identificação dos mesmos.

O sintagma com pronome pessoal masculino, com suas variações de caso, referindo-se a pessoas em Marcos ocorre em 3,32.34; 7,25; 4,10. Em 3,32 ocorre no acusativo singular sem artigo, e περὶ se refere a ὄχλον e αὐτὸν a Jesus; Em 3,34 ocorre no acusativo singular com artigo (τοὺς περὶ αὐτὸν), nesta τοὺς περὶ também se refere a ὄχλος e αὐτὸν a Jesus, e de acordo 3,7-10.20.32 ὄχλος é uma grande multidão que vai a busca dos milagres de Jesus.

No entanto, em 4,10 o sintagma οἱ περὶ αὐτὸν não se refere mais à grande multidão do capítulo anterior, pois os v.1 e 10 indicam que houve uma redução no

²⁰⁰ Cf. MARCUS, J. **Mark 1-8** (The Anchor Bible). New York: Doubleday, 1999, p. 302.

²⁰¹ Cf. SCHNACKENBURG, R. **O Evangelho Segundo Marcos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 111.

²⁰² Cf. GOULD, E. P. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Mark**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1912, p. 9; BULTAMANN, R. **Historia de La Tradición Sinóptica**. Salamanca: Sigueme, 2000, p. 125.

²⁰³ Cf. FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 2002, p. 191.

grupo ao redor de Jesus, tanto que no v.10 não se menciona mais ὄχλος. Em 3,1-35 Jesus apresenta um conceito do que é οἱ περὶ αὐτὸν (visto que a definição se aplica a eles), ‘o que faz a vontade de Deus’ (3,35a).

Se este conceito se aplica para aqueles que estão escutando a Jesus, então ganha mais densidade com aqueles que são seus seguidores comprometidos, ou seja, οἱ περὶ αὐτὸν em 4,10 indica um grupo que rompe os laços sanguíneos e tem uma relação muito próxima com Jesus²⁰⁴, isto é, uma ilustração concreta de experiência mestre que define a modulação para o discípulo²⁰⁵. Assim, o fato de οἱ περὶ αὐτὸν (Mc 4,10) estarem a sós com Jesus juntamente com os doze, a parte da multidão, sugere naturalmente que οἱ περὶ αὐτὸν deve ser identificado com o grupo maior dos discípulos de Jesus, dentro do qual estavam os δώδεκα.

A preposição σύν na unidade 4,10-12 indica que os δώδεκα estão associados com os περὶ αὐτὸν. A identificação de τοῖς δώδεκα é uma questão já esclarecida, “são os doze que foram selecionados em 3,13-19”²⁰⁶, é um termo técnico para se referir a este grupo²⁰⁷, não primariamente ao número. Mais que um número é um título²⁰⁸. Compreende-se a partir de Mc 3,13-19 que o termo se refere ao grupo dos homens escolhidos por Jesus dentro de um grupo maior de seguidores, esta “simples forma ‘os doze’ mostra que uma tarefa especial está em questão mais do que dignidade especial”²⁰⁹. Não é necessário elaborar somente sobre a identificação de δώδεκα, visto que, como descrito, é uma questão muito bem definida. Para a presente pesquisa a identificação e a análise da essência deste grupo parece ser mais viável.

A descrição da essência do grupo dos doze, juntamente com outro grupo de discípulos, desempenha um papel importante neste capítulo²¹⁰. Esta, ajuda a compreender outros aspectos desta unidade. Holtz afirma que a “a tradição da com-

²⁰⁴ Cf. TAYLOR, E. L. **The Disciple of Jesus in the Gospel of Mark**. Louisville, 1979. 346p. Monografia (Tese) – Southern Baptist Theological Seminary, p. 132.

²⁰⁵ Cf. GUELICH, R. A. **Mark 1-8:26**. Dallas: Word Books, 1989, p. 204.

²⁰⁶ FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2002, p. 190.

²⁰⁷ Cf. CUVILLIER, E. **Le Concept de ΠΑΡΑΒΟΛΗ dans Le second Évangile**. Paris: J. Gabalda ET Cie, 1993, p. 96.

²⁰⁸ Cf. BRATCHER, R. G; NIDA, E. A. **A Handbook on the Gospel of Mark**. New York: United Bible Societies, 1993, p. 134.

²⁰⁹ RENGSTORF, K. H. **δώδεκα**. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grands Rapids: William B. Eerdmans, 1985, § 203.

²¹⁰ TAYLOR, E. L. op. cit., p. 118 observa que este capítulo “é de significado primário para interpretação do papel dos discípulos no Segundo Evangelho”.

plementação do círculo dos doze (Atos 1:[15],21-26) indica a precedência da instituição sobre o número na mesma necessidade de completar este número”²¹¹. Esta ênfase na essência e não no número está muito bem relacionada com a função que Jesus dá aos seus discípulos.

Winn observa que talvez Marcos tenha criado um paradigma para o discipulado ao fazer descrições positivas dos discípulos, pretendendo que seus leitores imitassem, tais descrições são: disposição de abandonar seu modo antigo de vida para seguir Cristo, comprometer a vida presente para estar com Jesus, proclamar a mensagem de arrependimento e o Reino de Deus, executar as instruções que Jesus lhes deu²¹², porém os mesmos também apresentam descrições negativas.

As seguintes descrições negativas podem ser destacadas no grupo dos doze: falta de fé, falta de habilidade em reconhecer a verdadeira identidade de Jesus, falha em confiar no poder de Jesus, falha em compreender os ensinamentos de Jesus, preocupação pelo poder e posição de autoridade²¹³. Porém, mais do que funcionar polemicamente, as descrições negativas de Marcos sobre os discípulos promovem seu ensinamento sobre discipulado²¹⁴.

Relacionado as limitações dos discípulos Guedes observa que “o discípulo deverá acostumar-se com os limites do ‘ainda não’, esses limites estão neles e noutros discípulos e, conseqüentemente na comunidade dos discípulos; sempre vão precisar ser podados para produzir mais frutos”²¹⁵. Assim, ao analisar os aspectos positivos do discipulado se observa que a função dada a eles desempenha papel importante na compreensão dos demais elementos na unidade. A narrativa do evangelho de Marcos mais adiante indica que a estes doze foi dada uma missão especial, a de pregar as Boas Novas, confirmando que eles compartilharam o que viram e ouviram de Jesus. Este aspecto que enfatiza a essência dos *περὶ αὐτὸν* e os *δώδεκα*.

4.2

²¹¹ HOLTZ, T. *δώδεκα*. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 1. Grands Rapids: William D. Eermans, 1990, § 1473.

²¹² WINN, A. **The Purpose of Mark's Gospel**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008, p. 140.

²¹³ *Ibid.*, p. 14-145.

²¹⁴ *Ibid.*, p. 145.

²¹⁵ GUEDES, J. O. O. **A gênese do discípulo: uma relação semântica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3, 1-16 e João 15, 1-8**. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 71.

ὕμῃν e os ἐκείνοις, τοῖς ἔξω (v.11bd)

Com relação a identificação dos ὕμῃν não há muito que se deter, pois a sintaxe e a narrativa do texto não deixam margem para dúvidas. A narrativa indica que há apenas três personagens ativas nesta unidade, Jesus retomado por αὐτὸν (10b), os οἱ περὶ αὐτὸν (10b) que são o grupo maior de seguidores de Jesus como visto acima, e os δώδεκα (10b). O diálogo é estabelecido entre Jesus, οἱ περὶ αὐτὸν e δώδεκα, logo é neste grupo que se deve identificar os ὕμῃν.

O antecedente que concorda com este em número e gênero são os οἱ περὶ αὐτὸν e os δώδεκα. O verbo ἡρώτων (10b) também concorda com estes em número e gênero e os tem como sujeito. Assim, fica claro que ὕμῃν é uma retomada de οἱ περὶ αὐτὸν σὺν τοῖς δώδεκα (10b). No entanto, a definição que Jesus dá em 3,35 sugere que a ênfase está no conceito que caracteriza, e não tanto no grupo ou nas pessoas que formam o grupo.

Os ὕμῃν, por contraste implícito a ἐκείνοις-τοῖς ἔξω, são considerados ‘de dentro’ porque se enquadram na definição dada por Jesus em 3,35. Estes “querem conhecer mais e converter-se em Seus [de Jesus] discípulos [...], foram estimulados o suficiente pelo que ouviram das boas novas a fazer esforço para aprender mais”²¹⁶.

Estes possuem este *status* porque seguem Jesus, estão ao redor dEle, se tornaram família ao fazer a vontade de Deus, seguem Jesus ao tomar a cruz e persistir até o fim²¹⁷. Mally afirma que se trata de uma nova comunidade que substitui o antigo Israel²¹⁸. De fato, quando se analisa a dinâmica dos personagens no conjunto de Marcos, e também nos outros sinóticos, se observa que os que se dispuseram em seguir a Jesus viveram realmente o conceito expresso em 3,35.

A identificação de ἐκείνοις-τοῖς ἔξω não é facilitada pela sintaxe assim como ὕμῃν. Muitos autores consideram que a tensão entre ὕμῃν e ἐκείνοις- τοῖς ἔξω é um forte indicativo de uma mão redatora²¹⁹, outros na mesma dinâmica sugerem

²¹⁶ MARCUS, J. **Mark 1-8: A New Translation with Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 1999, p. 302.

²¹⁷ Cf. AHEARNE-KROLL, S. P. Audience Inclusion and Exclusion as Rhetorical Technique in the Gospel of Mark. **Journal of Biblical Literature**. v. 129, n. 4, p. 717-735, 2010, p. 735.

²¹⁸ MALLY, E. J. **Evangélio según San Marcos**. In: BROWN, R. E; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. (Orgs.). **Comentario Bíblico San Jerónimo**. Tomo 3. Madrid: Crisandad, 1972, p. 82.

²¹⁹ Ver e.g.: MALLY, E. J. **Evangélio según San Marco**. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A;

que a citação de Is 6,9-10 seja uma inclusão²²⁰, portanto Mazzarolo observa que esta proposta não soluciona a tensão entre ὑμῖν e ἐκεῖνοις²²¹. Alguns autores observam que ἐκεῖνοις-τοῖς ἔξω relembra a mãe e os irmãos de Jesus que de acordo 3,31-32 estavam do lado de fora²²². Räisänen afirma que é uma referência a multidão²²³, similarmente Balz e Schneider sugerem que se trata da massa que não pertence aos discípulos, os não cristãos, os gentios²²⁴.

Outros sugerem que são os escribas ou alguma oposição endurecida similar²²⁵. No entanto, uma análise do conjunto do Evangelho de Marcos sugere que ἐκεῖνοις-τοῖς ἔξω “não se trata apenas de uma designação físico-espacial, porém mais como uma designação simbólica”²²⁶, o que é confirmado pela atitude de cada indivíduo ou grupo diante da exortação que Jesus faz, o que leva a identificá-los como aqueles que têm uma postura resistente ao convite e ensinamento de Jesus.

Algumas das identificações sugeridas acima são difíceis de assumir como primárias e específicas quando se analisa a narrativa de Marcos, os outros sinóticos e todo NT. Ademais, o pronome demonstrativo ἐκεῖνος embora possa designar uma pessoa já mencionada, também pode fazer uma menção não específica (cf. Mt 7,22; 2 Ts 1,10)²²⁷, o que talvez pode ser o caso aqui. Como já visto acima, de

MURPHY, R. E. Comentário Bíblico San Jerônimo. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 80-81; LÉGASSE, S. L'Évangile de Marc. I-II. Paris: Cerf, Coll, 1997, apud MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 137; GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos**: Me 1, 1-8,26. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 54.

²²⁰ Ver e.g.: TAYLOR, V. *The Gospel According to St. Mark*. London: Macmillan, 1966, p. 254-258; GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos**: Me 1, 1-8,26. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 56; CUVILLIER, E. Le concept de ΠΑΡΑΒΟΛΗ dans le second Evangile. **Études Bibliques**, v. 19, n. 1, 1993, Paris: Gabalda, p. 97.

²²¹ Cf. MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 137.

²²²Veja e.g. BROOKS, J. A. **Mark**. Nashville: Broadman & Holman, 2001, p. 82; GOULDER, M. D. Those outside. **Novum Testamentum**, v. 33, n. 4, p. 289-302, 1991, p. 298.

²²³ Cf. RÄISÄNEN, H. **The 'Messianic Secret' in Mark's Gospel**. Edinburgh: T & T Clark, 1990, p. 78.

²²⁴ Cf. PEPPERMÜLLER, R. ἔξω. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1990, § 1914; também ANDERSON, H. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: William. B. Eerdmans, 1976, p. 131.

²²⁵ Ver alguns nomes em GOULDER, M. D. Those outside (Mk 4:10-12). **Novum Testamentum**, v. 33, n. 4, p. 289-302, 1991, p. 291, nota 8; também WATTS, R. E. **Isaiah's New Exodus in Mark**. Grand Rapids: Baker Academy, 1997, p. 197-198; MALLY, E. J. **Evangelio según San Marco**. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. Comentário Bíblico San Jerônimo. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 82 afirma que são os Judeus que por ter rejeitado a Jesus perderam seus privilégios; GOULDER, M. D. op.cit., p. 298 identifica os escribas juntamente com a família de Jesus.

²²⁶ Cf. STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 207.

²²⁷ Cf. BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, § 291.

acordo Mc 3,34-35 pertencer a família de Jesus (ser ‘de dentro’) e não pertencer (ser ‘de fora’) está mais relacionado a aceitação ou rejeição dos ensinamentos de Jesus, e não tanto ao grupo ou pessoa específica.

Assim, a família sanguínea de Jesus não pode ser identificada como os ἐκείνοις-τοῖς ἔξω pois a narrativa dos sinóticos e Atos descreve claramente Maria tanto como membro da família sanguínea como da família dos fiéis, da mesma forma Tiago tornou-se um dos principais na comunidade dos fiéis (cf. Gl 1,19). Em muitas ocorrências são alguns fora do grupo dos discípulos e os gentios que entendem o que Jesus fala e faz (e.g.: A Sirofenícia, o cego Bartimeu, o Centurião). Estes fatos sugerem que o sintagma ἐκείνοις-τοῖς ἔξω não pode servir como fórmula para se referir primariamente aos de fora do grupo dos discípulos ou aos gentios.

Snodgrass observa que “aqueles de fora não são um grupo predeterminado, mas aqueles que não responderam com obediência à mensagem de Jesus”²²⁸. Em 1Cor 5,12f.; Cl 4,5 e 1Tm 3,7 ‘aqueles de fora’ são pessoas que permanecem fora da fé cristã²²⁹. De fato, pela dinâmica das antíteses e correspondências na grande narrativa (4,1-35) é possível observar que solos maus (v.3-7), os de fora (v.11) e os que não permanecem com a Palavra (v.15-19) se correspondem dinamicamente, é o que Stein entende quando expressa que ὁ μὴν (11a) corresponde ao bom solo²³⁰ (8a), enquanto τοῖς ἔξω corresponde aos três primeiros solos maus (v.4-7)²³¹.

Manson sugere que o semeador (v.3-9) é uma parábola sobre o ensino parabólico (v.10-12), isto é, “a eficácia das parábolas não depende das parábolas, mas do caráter dos ouvintes”²³². O quadro abaixo sobre as correspondências dinâmicas antitéticas em 4,1-35 lança mais luz sobre tal equivalência, pois sugere

²²⁸ SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. *Bulletin for Biblical Research*. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 74.

²²⁹ Cf. TAYLOR, E. L. *The Disciples of Jesus in the Gospel of Mark*. 1979. 366p. Monografia (Tese) - Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1979, p. 132-133.

²³⁰ JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 81 afirma que a parábola é uma “exortação aos convertidos no sentido que eles testem suas disposições de coração para verem se levam ou não a sério a conversão”, o que confirma o aspecto positivo da última parte da parábola (o solo bom), contrastada com o negativo de outras partes (os solos maus).

²³¹ STEIN, R. H. *Mark*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 207, semelhantemente HOOKER, M. D. *Mark's Parables of the Kingdom (Mark 4:1-34)*. In: LONGENECKER, R. N. (Ed.). *The Challenge of Jesus' Parables*. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, p. 90.

²³² MANSON, T. W. *The Teaching of Jesus: Studies in its Form and Content*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967, p. 76-77.

que a unidade tem um enfoque especial nestas correspondências, indicando que a postura negativa diante dos ensinamentos de Jesus tem predominância na caracterização do grupo ou pessoa que constituem ἐκείνοις-τοῖς ἔξω.

Correspondências antitéticas em Mc 4,1-35

O que semeia a Palavra v.14	O que tira a Palavra v.15
O solo bom v.8	O solo mau v.3-7
Semente que germina e dá muito fruto v.8	Semente que não germina ou germina e dá pouco fruto v.3-7
Vós v.11	Os de fora v.11
Os que permanecem com a palavra v.20	Os que não permanecem com a Palavra v.15-19
Candeia vista v.21	Candeia oculta v.21
Mostrado v.22	Oculto v.22
Visível v.22	Escondido v.22
Ouvidos para ouvir v.23	Ouvidos que não ouvem v.12
Os que medem os outros v.24	Os que serão medidos v.24
O que tem e receberá v.25	O que não tem e será tirado v.25

Em suma, se observa aqui que embora ὑμῖν e ἐκείνοις-τοῖς ἔξω se refiram a grupos, respectivamente os que estão ao redor de Jesus e os que se opõem a Ele, os termos são mais conceitos que caracterizam pessoas ou grupos do que uma especificação de grupos predeterminados. Assim, os ὑμῖν ou os ‘de dentro’ são aqueles que responderam ao convite de Jesus, já os de fora “são os que no Evangelho de Marcos recusam-se a reconhecer em Jesus a presença operante do Reino de Deus”²³³. Mais do que grupos este contraste pretende descrever a atitude de cada ouvinte frente ao convite de Jesus relacionado ao Reino de Deus.

²³³ BARBAGLIO, G; FABRIS, R; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 463.

4.3

τὸ μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ (v.11c)

Sobre o significado do substantivo μυστήριον não há necessidade de uma tentativa de elaboração exaustiva, visto já haverem excelentes pesquisas²³⁴, o que será apresentado aqui é uma breve análise com fim de contextualização e complementação de outras questões desta pesquisa. O substantivo μυστήριον tem sido conceituado por muitos de diversas formas. Alguns sugerem que o substantivo se refere a enigma, algo velado mesmo com a presença de Jesus²³⁵. Para Brown “‘mistério’ no mundo semítico não se refere ao que é misterioso e desconhecido, mas [se refere] à revelação, ao que seria desconhecido se Deus não revelasse”²³⁶, consiste no conhecimento de que o Reino de Deus surgiu com Jesus²³⁷.

Seria difícil conciliar o caráter do Evangelho com a ideia de algo não revelado. Marcus observa que o perfeito δέδοται limita μυστήριον a algo já mencionado no Evangelho²³⁸, isto é, algo que não é desconhecido dos ouvintes, o que bem representa a ideia do perfeito, a continuação de uma ação que já foi completada²³⁹.

A sintaxe de Mc 4,11bc tem levado muitos autores a ver certo privilégio (receber o mistério do reino) para os ὑμῖν, não estendido aos ἐκείνοις-τοῖς ἔξω. Mann sugere que é o segredo íntimo da providência divina que foi garantido aos discípulos por ouvirem obedientemente²⁴⁰; Baird chega a afirmar que “há um contraste aqui entre os discípulos e aqueles de fora, tanto no propósito pelo qual o

²³⁴ Uma extensiva indicação bibliográfica pode ser encontrada em GUELICH, R. A. **Mark 1-8:26**. Dallas: Word Books, 1989, p. 198; e GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos**: Me 1, 1-8,26. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 189.

²³⁵ Cf. e.g. GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos**: Mc 1 1-8,26. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 192; GOULD, E. P. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According St. Mark**. Edinburg: T & T Clarck, 1912, p. 71-72; SCHMID, J. **El Evangelio según San Marcos**. Barcelona: Herder, 1973, p. 138-139 (sugere que é um aspeto do reino ocultado ao povo e revelado somente aos discípulos, o começo do Reino de Deus).

²³⁶ BROWN, R. **The Semitic Background of the Term "Mystery" In the New Testament**. Philadelphia: Fortress, 1968, apud SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. **Bulletin for Biblical Research**. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 74.

²³⁷ MALLY, E. J. **Evangelio según San Marcos**. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. **Comentário Bíblico San Jerônimo**. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 83.

²³⁸ Cf. MARCUS, J. Marc 4:10-12 and Marcan Epistemology. **Journal of Biblical Literature**. v. 103, n. 4, p. 557-574, 1984, p. 565.

²³⁹ Cf. BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, § 340.

²⁴⁰ MANN, C.S. **Mark: A New Translation with Introduction and Commentary** (The Anchor Bible). New York: Doubleday, 1986, p. 263.

ensinamento é dado como no método de sua apresentação”²⁴¹. Outros chegam a sugerir que há uma predestinação expressa no texto²⁴², o que de certa forma, limita o privilégio da revelação aos discípulos fazendo o texto soar exclusivismo, algo que criaria uma auto contradição no Evangelho de Marcos. Porém, outros autores pensam de forma diferente: Mazzarolo observa que “Jesus não privatiza a Boa Nova e, desde a convocação dos discípulos inclui publicanos, pecadores e mulheres na sua missão”²⁴³, Stein observa que o mistério do Reino de Deus é abertamente proclamado a todos²⁴⁴. Este pensamento se solidifica quando se considera o sujeito dos verbos δέδοται (11b) e γίνεται (11c).

A identificação dos sujeitos dos verbos no v.10 lança luz sobre a questão em análise. A interrogação ‘quem dá?’ se feita ao verbo δέδοται indica que se trata de uma referência indireta a Deus, o que alguns chamam de passivo teológico²⁴⁵, ou *passivum Divinum*²⁴⁶ o que estabelece Deus como o sujeito subentendido (teológico) da ação de dar o mistério do reino. Semelhante aspecto ocorre com o verbo γίνεται.

No entanto, de acordo a narrativa, visto que a pergunta se refere ao ato de Jesus ao ensinar em parábolas²⁴⁷, então a resposta naturalmente também pode ser entendida como ação de Jesus, o que também O qualifica como sujeito dos verbos. Assim, tendo em conta isto, visto que a ação descreve uma ação tanto de Deus como de Jesus, é mais viável compreender que esta ação não é ocultada. O NT testemunha constantemente sobre o dom gratuito de Deus concedido a todos na Pessoa de Jesus.

O paralelismo no v.11bc também sugere as seguintes correspondências: ὑμῖν // ἐκείνοις-τοῖς ἔξω; μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ // τὰ πάντα [τῆς βασιλείας

²⁴¹ BAIRD, J. A. A Pragmatic Approach to Parable Exegesis: Some New Evidence. **Journal of Biblical Literature**. v. 76, n. 3, p. 201-207, 1957, p. 202.

²⁴² Cf. GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos**: Me 1, 1-8,26. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 191; HOOKER, M. D. **Mark's Parables of the kingdom (Mk 4:1-34)**. In: LONGENECKER, R. N. (Ed.). **The Challenge of Jesus Parables**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2000, p. 90.

²⁴³ Cf. MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004, p. 137.

²⁴⁴ Cf. STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 208.

²⁴⁵ Cf. ZERWICK, M. **Il Greco Nel Nuovo Testamento**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010, p. 107.

²⁴⁶ Cf. JEREMIAS, J. **Teología Del Nuevo Testamento**. Salamanca: Sígueme, 1974, p. 21-17; STEIN, R. H. op.cit., p. 207; Para uma análise crítica sobre a identificação de passivos Divinos em Marcos ver PASCUT, B. The so-called Passivum Divinum in Mark's Gospel. **Novum Testamentum**. v. 54, n. 4, 2012, p. 313-333.

²⁴⁷ A narrativa de Mateus indica claramente que a pergunta feita a Jesus aponta a ele como sujeito das ações de ‘falar’. O que naturalmente a pergunta subtende que Jesus justificará Sua ação.

τοῦ θεοῦ]; δέδοται// γίνεται e para ἐν παραβολαῖς Baird²⁴⁸ sustenta que o correspondente deve ter ‘com explanação’ como correspondente²⁴⁹. Estas correspondências indicam que ambos os grupos recebem informação, pois δέδοται // γίνεται. Ademais o verbo γίνεται sugere que não se oculta nada para ‘aqueles de fora’, pelo contrário, se apresenta. “Jeremias admite que ἐν παραβολαῖς se refere a ‘forma’ na qual o ensino é apresentado”²⁵⁰, visto que ἐν com dativo pode designar também o modo²⁵¹, isto é, a forma didática como Jesus se dirige a cada um dos grupo.

Talvez Jesus se refira a Sua presença constante com os discípulos, sendo uma revelação direta de Deus. É importante lembrar que “a exclusão ou inclusão da audiência de Marcos procura maximizar a participação da audiência em sua narrativa da revelação do Reino de Deus [...]”²⁵². Stein observa que em 3,27; 12,10–11; Mt. 11,18–19; 21,31b–32; 22,14; Lc 7,43–47; 10,36–37; 13,28–30; 14,11.33; 15,7.10; e 18,14b a interpretação de várias parábolas é dado ‘aos de fora’²⁵³, aspecto que se opõe a ideia de exclusividade dos discípulos no recebimento das coisas do Reino de Deus.

Assim, ao se observar a sintaxe e teologia da unidade da seção maior e de todo o conjunto de Marcos é razoável concluir que receber o ‘mistério do Reino de Deus’ não é privilégio dos discípulos, sendo que a expressão ‘mistério’ aqui se refere a “providência divina e Seu trabalho em referência a salvação do homem”²⁵⁴, e “este mistério é o próprio Jesus, com aquilo que faz e diz”, sua

²⁴⁸ Cf. BAIRD, J. A. A Pragmatic Approach to Parable Exegesis: Some New Evidence. *Journal of Biblical Literature*. v. 76, n. 3, p. 201-207, 1957, p. 202. também concordam com este arranjo BROWN, R. *The Semitic Background of the Term "Mystery" In the New Testament*. Philadelphia: Fortress, 1968, p. 13, apud SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. *Bulletin for Biblical Research*. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, SNODGRASS, K. Between Text and Sermon. *Interpretation*. v. 67, n. 3, p. 284-286, 2013, p. 285.

²⁴⁹ JEREMIAS, J. *As parábolas de Jesus*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 10, e também GNILKA, J. *El Evangelio segun San Marcos*: Me 1, 1-8,26. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999, p. 190 sustentam que μυστηριον deve corresponder a παραβολή, porém BAIRD, J. A. op.cit., p. 202 observa que Jeremias falha neste ponto, visto que em Mc 4,34 πάντα se refere as coisas apresentadas aos discípulos.

²⁵⁰ BAIRD, J. A. op. cit., p. 202.

²⁵¹ Cf. ZERWICK, M. *Il Greco Nel Nuovo Testamento*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010, § 64.

²⁵² AHEARNE-KROLL, S. P. Audience Inclusion and Exclusion as Rhetorical Technique in the Gospel of Mark. *Journal of Biblical Literature*. v. 129, n. 4, p. 717-735, 2010, p. 735.

²⁵³ STEIN, R. H. *Mark*. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 208.

²⁵⁴ BROWN, R. *The Semitic Background of the Term "Mystery" in the New Testament*. Philadelphia: Fortress, 1968, apud MARCUS, J. Marc 4:10-12 and Marcan Epistemology. *Journal of Biblical Literature*. v. 103, n. 4, p. 557-574, 1984, p. 564.

palavra “que torna atual a possibilidade de salvação e libertação”²⁵⁵, ações que não podem se limitar aos discípulos. Portanto, “dizer ‘o mistério do Reino de Deus tem sido dado à vocês’ é dizer que a revelação de Deus acerca do reino tem sido dado à vocês (cf. Mt 13,16-17/Lc 10,23-24)”²⁵⁶.

Em suma, não há privatização da revelação do Reino de Deus. Todos recebem a informação do Reino de Deus. No entanto a teologia do conjunto da narrativa de Marcos, observando Mc 4,11, sugere que para aqueles que ouvem e respondem positivamente esta revelação é contínua, mas para aqueles que não respondem positivamente não é contínua, isto é, o fato de resistirem dificulta a ação daquilo que já lhes foi dado, o que acaba sendo improdutivo, como demonstra a parábola em 4,1-9 e o dito em 4,25. A reação de cada solo também deixa claro que a atitude de não receber mais revelação de Deus parte da postura de não se tornar discípulo ou ouvir positivamente a exortação de Jesus. Embora haja um *passivum divinum*, deve-se entender este a partir da escolha de cada ouvinte. Tais aspectos auxiliam na compreensão do motivo de falar em parábolas e o dito do endurecimento.

4.4

O motivo de falar em parábolas e a temática do endurecimento

A pergunta em 10b e a conjunção ἵνα em 12a unem naturalmente o motivo de falar em parábolas e a temática do endurecimento. Por isto, serão abordados em conjunto neste tópico. Primeiramente será abordado o tema do motivo ou propósito de falar em parábolas e em seguida se abordará a temática do endurecimento. E visto que Marcos faz uso de Is 6,9.10 então se analisará também de forma breve esta fonte Veterotestamentária em seu contexto.

4.4.1

O motivo de ensinar em parábolas

Alguns afirmam que Jesus no atual contexto de Mc 4,10-12 teria usado parábolas para ocultar o mistério do Reino de Deus e endurecer o coração aos de

²⁵⁵ BARBAGLIO, G; FABRIS, R; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 1990, p. 462-463.

²⁵⁶ MARCUS, J. Marc 4:10-12 and Marcan Epistemology. **Journal of Biblical Literature**. v. 103, n. 4, p. 557-574, 1984, p. 74.

fora²⁵⁷, ao que Jeremias acrescenta que as mesmas são afirmações enigmáticas e ininteligíveis para os de fora²⁵⁸. Outros chegam a sugerir que o objetivo é ofuscar o mistério aos que não estão destinados ou predestinados²⁵⁹. Outros, no entanto, entendem que a unidade como se encontra não sugere que Jesus usou parábolas para ocultar o mistério de Reino de Deus aos de fora ou endurecer o coração de Seus ouvintes, pelo contrário, usou para revelar²⁶⁰. Uma observação no material que Jesus usa nas parábolas indicará que o segundo grupo tem uma probabilidade maior de preferência.

Quando se observa o conteúdo das parábolas é natural perceber certo propósito didático²⁶¹, o que parece ser corroborado por Mc 4,33, e também por uma fórmula introdutória de equiparação ou comparação nas parábolas²⁶², pois a conjunção ὡς (Mc 4,26.31) evidencia o aspecto de analogia, o que sugere uma adaptação de conteúdo. De fato, a tentativa de adaptar a forma de falar do Reino de

²⁵⁷ E.g.: DIBELIUS, M. **From Tradition to Gospel**. Cambridge: James Clarke, 1971, p. 228; JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 10; DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p. 15-16; HASTING, J. (Ed.). **A Dictionary of the Bible**. v. 3. New York: Scribners, 1903, p. 663; CROSSAN, J. D. **The Power of the Parables**. New York: HarperOne, 2012, p. 36-37 afirma que “Marcos contrariou-se sobre a função das parábolas criando incompreensão garantido assim condenação”. A maioria destes autores, com pequena variação, defende que a unidade provoca uma tensão estranha acrescentada posteriormente por motivação teológica. Outros afirmam que Marcos deslocou as palavras de Jesus. Nesta pesquisa procura-se analisar o texto como se encontra, pelo fato de que: a) não há nenhuma testemunha que apresenta o texto como pretendido pelos que rejeitam a atual configuração, b) o texto como está possui um aspecto comunicativo importante no conjunto do Evangelho, c) o texto oferece uma possibilidade de entender a tensão presente, e d) a impossibilidade de adotar a emenda de um autor, pois cada um retalha subjetivamente o texto a seu modo, não havendo unanimidade na questão.

²⁵⁸ Cf. JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 69 (Jeremias crê que o sentido original das parábolas não têm este propósito).

²⁵⁹ E.g.: DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p. 15 (observa que os judeus que rejeitaram a Cristo, não a multidão); BARRY, C. The Literary and Artistic Beauty of Christ's Parables. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 10, n. 4, p. 376-386, 1948, p. 379.

²⁶⁰ E.g.: MANSON, T. W. **The Teaching of Jesus: Studies in its Form and Content**. Cambridge: Cambridge University Press, 1967, p. 79; MALLY, E. J. **Evangelio según San Marco**. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. **Comentário bíblico San Jerônimo**. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 83); ANDERSON, H. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: William. B. Eerdmans, 1976, p. 131 (afirma que para Marcos as parábolas são dirigidas para todos); RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007, p. 169 observa que se as parábolas são convites escondidos, “então depara no nosso caminho uma palavra de Jesus que nos irrita”.

²⁶¹ Alguns autores enxergam este propósito nas parábolas, ver e.g.: HULTGREN, A. J. **The Parables of Jesus**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2000, p. 15; CROSSAN, J. D. **Parable**. In: FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. v. 5. New York: Doubleday, 1992, p. 146-152; DODD, C. H. op. cit., p. 20 observa que nas parábolas não há mera analogia, mas uma afinidade entre a ordem natural e espiritual.

²⁶² Em Mc 4,1-14 há duas fórmulas introdutória de equiparação ou comparação: ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ ὡς (Mc 4,26) e πῶς ὁμοιωσωμεν τὴν βασιλείαν τοῦ θεοῦ (Mc 4,30).

Deus adaptando a elementos conhecidos e comuns de Seus ouvintes indica um processo didático.

Dodd afirma que “Jesus não sentiu a necessidade de fazer ilustrações artificiais para a verdade, Ele queria ensinar”²⁶³. Também se percebe que o “material das imagens é retomado da vida na Palestina [... e], levam os ouvintes a um mundo que lhes é familiar, tudo é tão simples e claro”²⁶⁴, trazem ao conhecimento o que era desconhecido para os ouvintes²⁶⁵, sendo uma “forma para a mensagem de Seu reino celestial”²⁶⁶.

Assim, é natural perceber que o objetivo de Jesus ao ensinar por parábolas era confrontar e persuadir os recalcitrantes a ouvir positivamente a mensagem de Deus²⁶⁷, suscitar a atenção de seus ouvintes²⁶⁸, convidar o ouvinte a fazer um juízo sobre si mesmo²⁶⁹ e dar uma chance de genuína decisão²⁷⁰ relacionada ao Reino de Deus, ilustrar verdades espirituais e provocar reflexão e decisão²⁷¹. Este objetivo de mostrar e não ocultar serve de base para a compreensão do dito em 4,12, e visto que se trata de uma citação do profeta Isaías, como bem observa Ratzinger, para compreender as palavras de Jesus aqui se deve fazê-lo a partir do próprio profeta²⁷², especificamente em Is 6,9-10.

²⁶³ DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p. 20, embora sugerir que no atual contexto de Marcos as parábolas ocultam.

²⁶⁴ JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. São Paulo: Paulus, 1986, p. 7, 9. DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p. 19 afirma que “nas parábolas [...] tudo é autêntico da natureza e da vida. Cada similitude ou história é uma descrição perfeita de alguma coisa que pode ser observada no mundo de nossa experiência”.

²⁶⁵ Cf. RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007, p. 171.

²⁶⁶ Cf. BARRY, C. The Literary and Artistic Beauty of Christ's Parables. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 10, n. 4, p. 376-386, 1948, p. 376. RATZINGER, J. op. cit., p. 171 observa que as parábolas falam do mistério da cruz e também lhe pertencem.

²⁶⁷ SNODGRASS, K. Between Text and Sermon. **Interpretation**. v. 67, n. 3, p. 284-286, 2013, p. 284.

²⁶⁸ Cf. JEREMIAS, J. op. cit., p. 23.

²⁶⁹ REISER, M. **Eschatology in the Proclamation of Jesus**. In: LABAHN, M; SCHMIDT, A. (Eds.). **Mark and Q**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001, p. 182.

²⁷⁰ Cf. LINNEMANN, E. **Parables of Jesus: Introduction and Expositioin**. London: SPCK, 1966, p. 22; DODD, C. H. op.cit., p. 21.

²⁷¹ Cf. BROOKS, J. A. **Mark**. Nashville: Broadman & Holman, 1991, p. 77.

²⁷² Cf. RATZINGER, J. op. cit., p. 170.

4.4.2

O contexto literário-teológico do *mashal* do endurecimento

Está claro que Mc 4,12 cita Is 6,9-10, conforme já foi visto no capítulo dois desta pesquisa. Por isto uma breve análise desta fonte veterotestamentária será de grande proveito, começando pelo contexto narrativo. Os capítulos antecedentes e posteriores de Isaías 6 proporcionam uma boa chave para interpretação do capítulo seis, especialmente o dito do endurecimento. Desde o capítulo um a reclamação de YHWH acerca da rejeição do povo é constante. No capítulo cinco o povo é descrito com a imagem da vinha que produziu uvas azedas (v.2.4) em vez de uvas boas (v.2.4), mesmo sendo plantada como boa vide e em local muito fértil (v.1), imagem que corresponde aos ‘ouvidos que não ouvem’, ‘olhos que não vejam’ e ‘coração endurecido’.

Ainda no capítulo cinco YHWH também denuncia os delitos do povo (v.8.11-13.18-24), que de acordo o v.7 é a temática representada pela imagem das uvas bravas, isto é, o povo em vez de praticar a retidão praticou a transgressão. Por causa desta postura YHWH alerta o povo ao anunciar o exílio através de um exército que viria contra eles (v.26-30). É para este povo obstinado que YHWH envia o profeta Isaías numa tentativa de levá-los ao arrependimento no capítulo seis.

Os diversos critérios que permitem averiguar os limites de uma unidade indicam que Is 6,1-13 é uma unidade literária. Esta unidade, baseando-se na temática e personagens, pode ser subdividida em cinco partes: introdução (v.1), seção I (v.2-4), seção II (v.5-7) e seção III (v.8-10), seção IV (v.11-13). A introdução situa e contextualiza a cena. A seção I apresenta um discurso do profeta (2a-2e) e um discurso dos serafins e sua subsequente ação. Nesta seção os serafins são os protagonistas. Na seção II se descreve a reação do profeta diante do que observa e a ação de um serafim sendo portador da purificação do profeta. Nesta seção há uma interação entre todos os personagens ativos na unidade.

A seção III narra o diálogo entre o profeta e YHWH. Neste, YHWH procura a quem enviar e o profeta se disponibiliza, então é comissionado. Aqui nesta seção YHWH e o profeta são protagonistas, o segundo é o agente do Primeiro para executar Suas ações. A seção IV narra outro diálogo entre YHWH e o profeta. Aqui há uma ênfase na devastação ao que o profeta questiona a YHWH sobre a

duração da postura obstinada do povo que levará a tal consequência. YHWH concede resposta ao profeta anunciando um oráculo de devastação e também um de esperança para o remanescente.

As imagens e elementos na unidade tais como templo (1c), serafins (2a), impureza-purificação (5cd, 7de), brasa (6b), altar (6c), casa (4b) evocam o santuário e seus serviços sugerem a presença das tradições do êxodo e do deserto. Sweeney afirma que “Embora 6:1-13 não faz menção explícita do êxodo e da tradição do deserto, um número de seus temas e motivos correspondem aqueles do êxodo e das tradições do deserto”²⁷³.

A ordem dada a Isaías para endurecer o coração do povo corresponde a ordem que YHWH dá a Moisés para endurecer o coração de Faraó²⁷⁴, a resposta de YHWH que fez o mudo, o surdo, o que vê, e o cego (Ex 4,11) antes de enviar Moisés identifica-se com a comissão de Isaías²⁷⁵. Também as imagens de escutar, mas não entender (v.9de); ver, mas não perceber (9fg) expressam o tema do coração obstinado do povo. A impureza também talvez seja uma chave para entender a ordem do v.10, indicando que se trata de uma metáfora que descreve a obstinação do próprio povo²⁷⁶, informado desde o começo do livro (1,2).

Considerando os elementos acima se compreende que a ordem dada a Isaías no v.10 para ‘tornar pesado, endurecer e cegar’ é um recurso retórico usado por YHWH para exprimir a obstinação do próprio povo, no entanto não pode ser entendido no sentido literal. Ao se observar a estrutura desta unidade se percebe que a descrição do endurecimento é prévia à ordem em 9defg. Ao fazer uma observação conjunta de Is 6,9.10, Dt 29,3; Jr 5,21 Kaiser conclui que “a doença do povo consiste de uma falta de temor de Deus e um temor inapropriado do homem, e todas as consequências que na prática surgem desta”²⁷⁷. Em Dt 29,4 Moisés lembra ao povo sobre sua natureza obstinada mesmo tendo presenciado grandes sinais de YHWH.

²⁷³ SWEENEY, M. A. *Isaiah 1-39: With Introduction to Prophetic Literature*. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1996, p. 119.

²⁷⁴ Cf. WATTS, J. D. W. *Isaiah 1-33*. Waco: Word Book, 2005, p. 75.

²⁷⁵ Cf. *Ibid.*, p. 118.

²⁷⁶ Para uma complementação ver a exposição de ROBINSON, G. D. The Motif of Deafness and Blindness in Isaiah 6:9-10: A Contextual, Literary, and Theological Analysis. *Bulletin for Biblical Research*. v. 8, p. 167-186, 1998.

²⁷⁷ KAISER, O. *Isaiah 1-12*. 2th. Philadelphia; Westminster Press, 1983, p. 131.

A menção de Faraó no v.2 aponta para uma semelhança de comportamento com o povo, a de ter coração obstinado indicando que o endurecimento é ação do povo e não de Deus. Jr 5,21 descreve o povo como sujeito das ações da falta de entendimento, de não ver e de não ouvir, nada lhes é imputado. Em Ez 12,2.3 a queixa de YHWH indica claramente que é o povo que se obstina, ainda assim, no v.3 YHWH envia o profeta a um povo que de antemão sabe que não corresponderá, porém o faz na esperança de haver um arrependimento. Assim, se conclui que a ordem de endurecimento em Is 6,9-10 é uma forma retórica de se referir ao povo que já tem coração obstinado, não há determinismo no texto. É com esta configuração que se deve ler a temática do endurecimento em Mc 4,12.

4.4.3 A temática do endurecimento

O tema do endurecimento está descrito aqui na unidade pelos motivos do ‘ver que não nota’ (12ab) e do ‘ouvir que não compreende’ (12cd). Este tema é recorrente em toda Escritura, sendo representado também pelos motivos da: ‘dura cerviz’²⁷⁸, ‘dureza de coração’²⁷⁹, ‘coração de pedra’²⁸⁰, ‘incircuncisão de coração’²⁸¹, ‘não dar ouvido/ouvido incircunciso’²⁸², ‘olhos que não vê/cegueira’²⁸³ e outros. Em sua recorrência se observa que a temática é usada em sentido figurado para expressar a resistência obstinada do povo aos apelos de Jesus.

Nas passagens em que o tema e seus motivos ocorrem se verifica sempre que o povo é o sujeito ativo da ação, ou seja, nunca lhe é imputado ou levado a tal, é uma atitude e ação levada a cabo voluntariamente (em Mc 8,17-18; 6,52; 3,5 o tema é aplicado aos discípulos). Ainda pode se observar que a causa desta obstinação está na resistência à palavra de Deus por parte do povo.

Ademais o caráter teológico do evangelho de Marcos não permite uma interpretação que afirma que Jesus pretendia ocultar as coisas do Reino de Deus ou endurecer o coração de alguns. A ideia de mostrar e não ocultar ou endurecer é

²⁷⁸ Cf. Ex 32,9; 33,3.5; 34,9; Dt 10,16 etc.

²⁷⁹ Cf. Ex 4,21; 7,13.22; 8,15; 9,12.35; 10,20.27; 11,10; 14,4.8.17; Jr 3,17; 7,24; 13,10; 16,12; 23,17; Ez 2,4; 3,7 Mt 19,18; Mc 16,14; Jo 12,40; At 28,27; Ef 4,18, etc.

²⁸⁰ Cf. Ez 11,19; 36,26 etc.

²⁸¹ Cf. Lv 26,41; Jr 9,25; Ez 44,7.9 etc.

²⁸² Cf. Dt 28,15.45.62; 29,4; 30,17; Jz 2,20; 6,10; 1Sm 12,15; 15,19; 28,18; 2Re 17,14; 22,13; Sl 106,25; Is 6,10; 42,24; Jr 3,13.25; 6,10; Ez 3,7; 12,2; At 7,51; 28,27; Rm 11,8 etc.

²⁸³ Cf. Is 6,10; 29,10; 44,18; Jr 5,21; Ez 12,2; Jo 12,40 At 28,27; Rm 11,8, 1Jo 2,11 etc.

reforçada na grande seção (v.1-34) por vários elementos narrativo-semânticos, estes são:

a) A fórmula exortativa conclusiva

Em dois momentos Jesus conclui apresentando uma fórmula de exortação para ‘ouvir’, ὅς ἔχει ὅτα ἀκούειν ἀκουέτω (Mc 4,9b) e εἴ τις ἔχει ὅτα ἀκούειν ἀκουέτω (Mc 4,23). Este convite para ouvir é enfatizado em toda seção, nesta, “a ênfase é colocada no ouvir produtivamente”²⁸⁴. O verbo ἀκούω ocorre treze vezes em Mc 4,1-35, estas recorrências “mostram que a intenção é encorajar o ouvir”²⁸⁵. Este verbo expressa audição de apropriação que tem a fé e obediência como marca²⁸⁶, também conota o sentido de “dar atenção cuidadosa”²⁸⁷, obedecer e ouvir para entender²⁸⁸. Também pode significar entender ou ouvir e entender uma mensagem²⁸⁹, entender no sentido de retenção de sentido ou significado, reconhecer, discernir, concordar com, aceitar, ou acreditar no que é dito²⁹⁰.

Snodgrass observa que “ao invés de guardar as pessoas de ouvir, impedindo assim o perdão de Deus, a intenção elocucional [em Mc 4,12] é justamente o oposto”²⁹¹. As fórmulas conclusivas, de certa forma, também retomam o dito do v.12, e estão ligadas intimamente com o tema da dureza de coração, sugerindo que o coração endurecido é aquele que não quer escutar ou obedecer voluntariamente. Assim, estas fórmulas exortativas conclusivas se configuram como um convite, e este convite no evangelho de Marcos exclui qualquer ideia de ocultação ou endurecimento.

²⁸⁴ HATING, P. J. The Role of the Disciples in the Jesus Story Communicated by Mark. *Koers*. v. 58, n. 1, p. 35-52, 1993, p. 41.

²⁸⁵ SNODGRASS, K. Between Text and Sermon. *Interpretation*. v. 67, n. 3, p. 284-286, 2013, p. 285.

²⁸⁶ Cf. SCHMIDT, L. ἀκούω. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Orgs.). *Theological Dictionary of the New Testament*. v. 1. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1985, § 43.

²⁸⁷ DANKER, F. W (Rev. Ed.). *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3th. Chicago: Chicago University Press, 2000, § 278.

²⁸⁸ Cf. LIDDEL, H. G; SCOTT, R. *Greek-English Lexicon*. 9th. ed. add. Oxford: Clarendon Press, 1996, § 1505, IV. 2. 3.

²⁸⁹ DANKER, F. W. (Rev. Ed.). *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. 3th. Chicago: Chicago University Press, 2000. § 278.

²⁹⁰ Cf. SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. *Bulletin for Biblical Research*. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 59.

²⁹¹ Id., loc. cit.

b) A função ou essência da candeia (v.21-23)

A parábola da candeia aponta para uma intenção de revelar e não de ocultar. A pergunta no v.21 requer uma resposta negativa como sugere a partícula interrogativa μήτι²⁹², isto é, ninguém pode ocultar uma candeia, impedindo que execute sua função natural, ‘iluminar’. Esta ênfase é confirmada por outra oração interrogativa οὐχ ἵνα ἐπὶ τὴν λυχνίαν τεθῆ; (21c) que requer uma resposta positiva, isto é, a candeia deve estar no lugar adequado, o suporte, a fim de iluminar e não ser ocultada. O v.23 conclui com a fórmula exortativa, que retoma o tema do ouvir presente em 12c.

Além de ter esta temática em comum, Mc 4,21-13 e Mc 4,10-12 também têm alguns termos em comum: ἐγένετο (10a/21a); αὐτοῖς (12f, 10b (αὐτὸν)/21a); ἔλεγεν (11a/21a); o verbo ἀκούω (12c/23) e a conjunção ἵνα (12a/21bc/22d). Estes pontos em comum também reforçam que há uma intenção de mostrar e não ocultar (cf. v.22). Este versículo “mostra que mesmo que a parábola não seja entendida seu propósito se manterá, e este propósito é revelar a Deus”²⁹³, o que equivale a intenção em comum, a de tornar sensível o coração dos ouvintes ao invés de endurecer.

c) O que todos receberam (v.25)

Este versículo retoma a dinâmica de distinção dos dois grupos de ouvintes do v.11. “O provérbio nesta passagem descreve os esforços de Deus em conceder luz espiritual para o homem”²⁹⁴. O verbo ἔχει (21acd) sugere que todos receberam ou têm algo, o que se opõe a ideia de que Jesus ocultou ou endureceu para alguns e revelou para outros.

d) As símiles da semente e do grão de mostarda (v.26-32)

A recorrência da conjunção ὥς (v.26b e 31a) indica claramente uma símile. O Reino de Deus é equiparado ou ilustrado por meio de um homem que lança semente na terra e esta frutifica; e com a dimensão diminuta do grão de mostarda que quando é lançado a terra se torna grande. As símiles mostram claramente uma intenção de revelar por parte de Jesus, pois estas ilustrações traduzem a linguagem

²⁹² Cf. BALZ, H; SCHNEIDER, G. μήτι In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1990, § 3418; μήτι. In: DANKER, F. W (Rev. Ed.). **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3th. Chicago: Chicago University Press, 2000, § 4910; BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961, § 427.

²⁹³ SCHWEIZER, E. **The Good News According to Mark**. London: SPCK, 1971, p. 100.

²⁹⁴ Ibid., p. 99.

do Reino de Deus para a linguagem que é conhecida aos ouvintes, caso houvesse intenção de endurecer ou ocultar a adaptação certamente seria evitada.

e) O ensino por muitas parábolas

Há duas expressões iguais na seção maior que enfatizam o ensino por meio de muitas parábolas (παραβολαῖς πολλὰ -v.2a; e παραβολαῖς πολλαῖς-v.33a). Estas expressões sugerem que as parábolas foram elementos costumeiros no ensino de Jesus, como bem indica a oração ἐν τῇ διδασκίᾳ αὐτοῦ (v.2b), o que, se a ideia de que Jesus endureceu ou ocultou em suas parábolas for admitida, então equivaleria dizer que costumeiramente Jesus ocultou e endureceu em Seus ensinamentos. Tal ideia não se harmoniza com as declarações do conjunto do Evangelho de Marcos e de todo NT, principalmente com aquelas que declaram a missão de Jesus. Também não se harmoniza com a expressão καθὼς ἠδύναντο ἀκούειν (33b), pois esta sugere claramente que as parábolas só eram proferidas em moldes que poderiam ser compreendidas, o que implica numa facilidade e abertura de Jesus e não o oposto.

Em suma, se observa que o tema do endurecimento está presente metaforicamente em todo bloco (Mc 4,1-34) de forma explícita e implícita. Em Mc 4,1-9 o tema do endurecimento pode ser observado nos vários motivos da semente que não germina e a que não frutificou como deveria. Em 4,10-12 o tema é expresso pelo motivo dos ‘olhos que não vejam’ e dos ‘ouvidos que não escutam’. Em 4,13-20 o tema é expresso pelo motivo do ser ‘infrutífero’ (v.19). Em Mc 4,21-25 o endurecimento pode ser visto no motivo hipotético da ‘lâmpada colocada debaixo do alqueire ou da cama’, ilustrando que há uma alienação na função da mesma, ou seja, uma rejeição da função de iluminar.

Em 4,26-29 o tema não está presente explicitamente, pode ser deduzido por contraste no motivo da semente que germina e dá muitos frutos. Assim o tema do endurecimento pode ser visto o oposto, isto é, não germinar. Semelhante observação se percebe em 4,30-34, em que o tema do endurecimento é expresso pelo oposto, o motivo do ‘pequeno grão de mostarda que se torna em grande árvore e dá muitos ramos’. Essas equivalências sugerem que o endurecimento nos v.10-12 é a negação de algo, neste caso das palavras de Jesus, tal como ocorre com Isaías, o qual ele cita. Assim, visto que há uma equivalência de contextos, é plausível observar que a conclusão que se chegou sobre Is 6,9 deve ser similar à da unidade em estudo.

Tal como Isaías, Jesus fala para um povo com histórico de obstinação, isto sugere que o dito sobre o endurecimento usado em Mc 4,12 é um modo tradicional de se referir à obstinação do próprio povo. E tal como Isaías é comissionado a um povo que previamente se sabia que rejeitaria, mas ainda assim foi enviado na tentativa de despertar arrependimento, tal também ocorre com Jesus. Assim, a temática do endurecimento, tanto em Isaías como em Marcos ao invés de expressar uma ideia oposta as boas novas, ela expressa em seu sentido o caráter misericordioso de um Deus que tenta salvar um povo cego por sua obstinação.

5 Leituras Teológicas da perícopes

Este capítulo se baseará nos dois capítulos antecedentes, principalmente o último. Será abordada, de forma sintética, as três grandes teorias relativas ao propósito das parábolas de Jesus expressa em Mc 4,10-12, a saber, a proposta do endurecimento, a facilitadora e a harmonizante. Este capítulo será uma síntese dos diversos autores, associada a uma análise teológica de cada uma das teorias.

5.1 Leitura dificultante

Esta leitura sugere que no atual contexto de Mc 4,10-12, o propósito das parábolas seria endurecer o coração, ocultar ou dificultar as coisas referentes ao Reino de Deus a determinado grupo. São muitos os autores que dão suporte a esta posição.

Começando pelos três primeiros pioneiros destacados da pesquisa científica sobre parábolas, observa-se que Jülicher rejeita Mc 4,10-12 como autêntico, e propõe que os evangelistas são os culpados por uma ideia de que as parábolas ocultam²⁹⁵. Esta posição é adotada pelos autores pioneiros da pesquisa científica sobre as parábolas. Para Jülicher o “propósito de Jesus com parábolas era unicamente fazer seus pensamentos claros e convincentes”²⁹⁶, ou seja, ele entende que a atual configuração de Mc 4,10-12 sugere ocultação, o que para ele não se harmoniza com a postura de Jesus, que acredita ser a oposta, isto é, revelar.

Similarmente, Dodd expressa que a ideia de que a parábola é uma revelação velada está expressa em Mc 4,11-12²⁹⁷. Este ainda afirma que estes versículos foram ditos a fim de impedir o entendimento dos ensinamentos de Jesus aos que não foram predestinados para a salvação²⁹⁸. Assim, Dodd atribui os v.11-12 a tradição apostólica e não a Jesus, afirmando que não pode ser crível em nenhuma

²⁹⁵JÜLICHER, A. *Die Gleichnisreden Jesu*, v. 1, p. 135-48, apud SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. *Bulletin for Biblical Research*. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 65.

²⁹⁶ Ibid., p. 65.

²⁹⁷ Cf. DODD, C. H. *The Parables of the Kingdom*. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p. 15

²⁹⁸ Ibid., p. 15; também BARRY, C. The Literary and Artistic Beauty of Christ's Parables. *The Catholic Biblical Quarterly*. v. 10, n. 4, p. 376-383, 1948, p. 379.

leitura razoável dos Evangelhos que Jesus desejou não ser entendido pelo povo em geral²⁹⁹.

Com alguma diferença Jeremias sustenta que Mc 4,11b.12 diz, no seu atual contexto, que Jesus usou parábolas para ocultar aos de fora o mistério do Reino de Deus e endurecê-los³⁰⁰. No entanto, reconhece que Mc 4,11b.12 apresenta as palavras autênticas de Jesus que originalmente eram independentes, sendo inseridas por Marcos no capítulo das parábolas³⁰¹. Jülicher, Dodd e Jeremias embora admitam que no atual contexto as parábolas tenham o sentido de ocultar, assumem que em seu contexto original têm o propósito oposto, isto é, revelar.

Os autores que se seguiram a Dodd e Jeremias, usando suas pesquisas ou baseando-se nelas, partilham da mesma opinião, com pequenas diferenças. Marcus observa que a citação de Is 6,9 em Mc 4,12 concede aos de fora uma forma de percepção superficial, pois para os de fora Jesus frequentemente retinha as explicações evitando deles o arrependimento e perdão³⁰².

Marcus ainda sugere que o texto de Mc 4,11-12 mostra a mesma dualidade [Deus temível e fantástico] já expressa no AT nos casos de Faraó e outros. O autor porém, observa que a condenação dos de fora à cegueira e obstinação em 4,12 é justamente uma ratificação de um processo já começado anteriormente, concluindo que os oponentes de Jesus se excluem a eles mesmos do círculo da salvação pela sua atitude de hostilidade contra Jesus³⁰³. Em suma, para Marcus, o contexto atual de Mc 4,11-12 apresenta endurecimento, porém deve ser entendido nos moldes dos relatos semelhantes no AT.

Para Mann, o atual contexto de Mc 4,12 apresenta uma leitura como se fosse propósito deliberado de Jesus obscurecer o significado de Seu ensino³⁰⁴. Para Mann, tal leitura ignora duas considerações importantes: o contexto da passagem

²⁹⁹ Cf. DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961, p. 15.

³⁰⁰ JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986, p. 10; Dibelius apresenta ideia similar quando afirma que nesta seção o elemento divino nas parábolas não é visível para o secular, mas apenas para o olho aberto (cf. DIBELIUS, M. **From Tradition to Gospel**. Cambridge & London: James Clarke & Co., 1971, p. 228).

³⁰¹ Cf. JEREMIAS, J. op.cit., p. 10-11. Assim também pensa SCHMID, J. **El Evangelio según San Marcos**. Barcelona: Herder, 1973, p. 137-138, e SIEGMAN, E. F. **Teaching in Parables: Mk 4:10-12; Lk 8:9-10; Mt 13:10-15**. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 23, n. 2, p. 161-181, 1961, p. 165.

³⁰² MARCUS, J. **Mark 1-8: A New Translation With Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 1999, p. 305.

³⁰³ Ibid., p. 306.

³⁰⁴ Cf. MANN, C. S. **Mark: A New Translation with Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 1986, p. 263-264.

de Isaías e o uso da ordem para expressar resultado como algo tipicamente semítico³⁰⁵. Mann, por fim, sugere duas saídas: 1) talvez Marcos tenha sido induzido, entendendo ‘parábola’ como ‘enigma’, 2) originalmente o dito talvez não tivesse nada a ver com as parábolas como todo, mas talvez tenha sido trazido ao contexto pelo uso de parábolas no v.11³⁰⁶. E conclui que sob qualquer hipótese Mc 4,11 é um *crux interpretum*.

Stein expressa ideia similar ao observar que “Marcos explica que ‘aqueles de fora’ da comunidade de crentes, embora escutando a palavra e vendo as obras do reino, não entendem o que está ocorrendo”, enquanto que para os discípulos e outros seguidores Deus deu o entendimento e a convicção do Seu Reino no ministério de Jesus³⁰⁷. Estes últimos autores afirmam que o atual contexto de Mc 4,10-12 de fato endurece o coração dos de fora, no entanto, procuram apresentar uma explicação dentro da estrutura do texto como se encontra, sem o corte da unidade.

Esta proposta contém um aspecto positivo e também algumas limitações. A consideração detalhada à tensão presente no texto é um aspecto positivo desta proposta, pois não ignora um dos principais dados do texto. No entanto, suas limitações, que também acarretam sérias implicações teológicas, são numerosas, destacam-se aqui as seguintes:

a) interpretação literalista

A interpretação dos proponentes desta proposta tem uma tendência literalista ao interpretar a perícopé em questão. Seu foco tem se concentrado na tensão existente no texto entre ὑμῖν e ἐκείνοις - τοῖς ἔξω, e também com o fim dos últimos. Eles sugerem que o atual texto afirma que Jesus omite propositalmente as verdades do Reino aos de fora, a fim de que não se convertam nem sejam perdoados. Para eles as palavras em 11c-12f são entendidas literalmente, o que para eles, não se harmoniza com a postura de Jesus, pelo fato de excluir. Assim, para esses proponentes estas palavras estão deslocadas. Ora, se assim fosse, haveria de se considerar que as parábolas são dirigidas também aos discípulos, tanto aqui como em muitas outras ocasiões, e isto não os qualifica como ‘de fora’.

O contexto, a semântica e a forma fixa do dito sugerem que o texto não deve ser entendido literalmente. Por exemplo, os verbos ἴδωσιν (12b) ‘olhar, ver, per-

³⁰⁵ Cf. MANN, C.S. **Mark**: A New Translation with Introduction and Commentary. New York: Doubleday, 1986, p. 264.

³⁰⁶ Cf. *Ibid.*, p. 265.

³⁰⁷ STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008, p. 191.

ceber, notar³⁰⁸, e συνιῶσιν (12d) ‘compreender, entender’³⁰⁹, não podem ser entendido simplesmente no sentido físico do ato, o contexto sugere que se referem a um ato de aceitação, sentido que é melhor compreendido quando se consideram os verbos ἐπιστρέψωσιν (retornar, voltar)³¹⁰, ἀφεθῆ (despedir, deixar, afastar, perdoar)³¹¹ e todo o contexto, aspectos não considerados nesta proposta.

b) Desconsideração do contexto

O contexto da estrutura maior (4,1-34) e também de todo o Evangelho parece não ter sido bem observado nesta postura. Uma observação na estrutura maior demonstra que há inter-relação e dependência entre as pequenas unidades e o todo³¹². Esta ligação indica que Jesus usa antítese frequentemente e de forma natural³¹³, mas isto não provoca nenhuma contradição dentro do Evangelho. Parece não ter havido uma tentativa de explicar a tensão dentro da estrutura do contexto atual para verificar se a aparente dificuldade na compreensão do texto é natural dentro do todo³¹⁴. O contexto indica claramente que a linguagem na unidade é uma forma fixa para se referir a obstinação do próprio povo.

c) Desconsideração do contexto de Is 6,1-13

O contexto da fonte do AT citada por Marcos parece que não foi observada com detalhe pelos autores que defendem esta postura. O contexto de Mc 4,10-12, embora com algumas poucas diferenças, pode ser considerado paralelo ao contexto de Is 6,1-13³¹⁵. Snodgrass observa que Mc 4,10-12 não pode ser interpretado de forma literal, visto que o texto citado de Isaías também não pode³¹⁶. Outrossim, é que o texto de Isaías citado aqui apresenta uma linguagem mais dura, mas não é

³⁰⁸ LIDDEL, H. G; SCOTT, R. **Greek-English Lexicon**. 9th. ed. add. Oxford: Clarendon Press, 1996, § 31127; DANKER, F. W (Rev. Ed.). **A Greek-English lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3th. Chicago: Chicago University Press, 2000, § 5358.

³⁰⁹ DANKER, F. W. (Rev. Ed.). **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3th. Chicago: Chicago University Press, 2000, § 7107.

³¹⁰ LIDDEL, H. G; SCOTT, R. op.cit., § 17052; DANKER, F. W. op.cit., § 3042.

³¹¹ DANKER, F. W. op.cit., § 1327; LIDDEL, H. G; SCOTT, R. op.cit., § 7560; BULTMANN, R. ἀφίημι. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Eds.). **Theological Dictionary of the New Testament**. v. 1. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1985, § 115.

³¹² Ver o tópico 3.5 desta pesquisa.

³¹³ Ver correspondências antitéticas em Mc 4,1-35 no tópico 3.2 que trata sobre os ὁμίη e os ἐκείνοις - τοῖς ἕξω.

³¹⁴ LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014, p. 95 observa que não se pode procurar indícios de ruptura no texto, estes devem ser naturais, não se deve impor sobre o texto. E ainda recomenda que deve haver uma tentativa de se explicar a tensão que provoca dificuldade de compreensão do texto dentro do todo.

³¹⁵ Ver o tópico 3.5.3 acima sobre o contexto teológico-literário do dito do endurecimento.

³¹⁶ SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. **Bulletin for Biblical Research**. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 70.

entendido de forma literal, o que seu próprio contexto também indica que se trata de uma forma já tradicionalmente aceita para se referir à resistência do povo em obedecer às diretrizes de Deus, assim como acontece em Marcos também.

d) Justificativa ou fundamentação subjetiva

Como visto acima, para justificar sua postura, alguns proponentes desta posição afirmam que a unidade foi uma inserção da Igreja primitiva, e outros, embora admitindo que sejam palavras de Jesus, afirmam que foram ditas em outro contexto, deslocadas aqui por Marcos. No entanto, nenhuma fundamentação com base em evidências da tradição manuscrita ou evidência interna é apresentada. Com relação aos que sugerem que Marcos não soube interpretar o aramaico Edwards observa que não há evidência textual de má tradução ou mal entendido em Mc 4,12, pois se houvesse, esperaríamos variantes e emendas na tradição textual. Pelo contrário, a evidência manuscrita nos v.10-12 está notavelmente de acordo³¹⁷. O que apresenta-se em defesa dos remanejamentos e arranjos são suposições ou argumentações baseadas num subjetivismo supervalorizado. Consequentemente o número de explicações para tal varia tanto quanto o número dessas suposições.

e) Insinuação de contradição no próprio Evangelho ignorando as implicações da mesma

Muitos autores que apóiam esta vertente afirmam direta ou indiretamente que esta unidade no Evangelho de Marcos é uma autocontradição. Crossan, por exemplo, afirma que “Marcos contrariou-se sobre a função das parábolas criando incompreensão, garantido assim condenação”³¹⁸. Esses autores quando afirmam sobre a contradição que a unidade provoca não analisam as implicações que tal afirmação traz sobre o Evangelho e posteriormente sobre todo NT. Levantam uma problemática, porém não apresentam sugestões sobre como a mesma problemática se encaixaria dentro do Evangelho.

Manson, embora admitindo a inserção dos v.11-12, observa que a “intrusão deste dito é perfeitamente natural [...] Marcos interpretou corretamente as

³¹⁷ Cf. EDWARDS, J. R. **The Gospel According Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2002, p. 134.

³¹⁸ CROSSAN, J. D. **The Power of Parable: How Fiction by Jesus Became Fiction about Jesus**. San Francisco: HarperOne, 2012, p. 37.

parábolas nos termos da resposta feita ao próprio Jesus”³¹⁹. Assim, a insinuação de que esta unidade contradiz a proposta do próprio Evangelho não é correta.

5.2 Leitura facilitadora

Esta leitura propõe que a presente configuração de Mc 4,10-12 não pretende dificultar o acesso às coisas do Reino de Deus ou endurecer o coração dos de fora. Pelo contrário, afirma que o atual contexto da perícopé sugere um ato de facilitar a compreensão dos ouvintes de Jesus, tanto os de dentro, como os de fora. Muitos autores que abordam o texto desta forma já foram indicados no capítulo quatro desta pesquisa. Dentre muitos proponentes desta postura menciona-se Brooks que observa que Jesus não falou em parábolas com o propósito de estorvar a verdade para alguns³²⁰. Nesta mesma dinâmica, France comenta que o teor das parábolas de Jesus, tanto em Mc 4,10-12 como na tradição sinótica é transmitir a verdade ao invés de ocultar³²¹.

Para Snodgrass a teoria de Marcos sobre parábola não é ininteligível ou ofuscante³²², pois a maneira enigmática de falar não era apreciada por Jesus³²³, e esta de fato não seria sua intenção³²⁴. Pelo contrário, seu objetivo era confrontar e persuadir os resistentes a ouvirem positivamente sua mensagem³²⁵ ou fazer um juízo de si mesmo³²⁶. Esta mensagem é aberta a todos não sendo misteriosa, esotérica ou enigmática³²⁷, logo não pode haver ocultação na tentativa de levar seus ouvintes a responder positivamente. Comparada à primeira proposta, esta segunda proposta se harmoniza melhor com a teologia do Evangelho de Marcos e também

³¹⁹ Cf. MANSON, T. W. **The Teaching of Jesus: Studies in its Form and Content**. Cambridge: Cambridge University Press, 1967, p. 76,90.

³²⁰ Cf. BROOKS, J. A. **Mark**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1991, p. 82.

³²¹ Cf. FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2002, p. 193.

³²² Cf. SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. **Bulletin for Biblical Research**. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004, p. 71.

³²³ Cf. PAGOLA, J. A. **Jesus: aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 149.

³²⁴ Cf. MALLY, E. J. **Evangelio según San Marco**. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. **Comentário Bíblico San Jerônimo**. Madrid: Cristiandad, 1972, p. 83.

³²⁵ Cf. SNODGRASS, K. Between Text and Sermon. **Interpretation**. v. 67, n. 3, p. 284-286, 2013, p. 284.

³²⁶ Cf. REISER, M. **Eschatology in the Proclamation of Jesus**. In: LABAHN, M; SCHMIDT, A. (Eds.). **Mark and Q**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001, p. 182.

³²⁷ Cf. PAGOLA, J. A. op.cit., p. 49.

de todo o NT. Dentre seus muitos aspetos positivos se podem destacar os seguintes:

a) Interpretação não literalista

Esta abordagem procura interpretar o texto respeitando os recursos retóricos presentes no mesmo, o que implica que procura entender as figuras de linguagem presentes na unidade. Isto leva a uma leitura sem tendência literalista, o que parece se encaixar melhor com os dados sintáticos, semânticos e teológicos presentes no texto como já foi visto acima.

b) A tensão no texto é explicada dentro do contexto

A tensão que provoca dificuldade na compreensão do texto não é ignorada, antes é explicada dentro do contexto do todo do texto. Esta explicação se harmoniza com o conjunto do livro de Marcos e também todo o NT.

c) Consideração do contexto

O contexto, tanto da unidade como de todo Evangelho, é levado em consideração nesta proposta. Ratzinger³²⁸ observa que

É deste modo que o inquietante esclarecimento de Jesus sobre o sentido das suas parábolas nos conduz para o seu sentido mais profundo, apenas se lermos — como é correto a partir da essência da palavra de Deus escrita — a Bíblia, e especialmente os Evangelhos, como uma unidade e como um todo que exprime em todas as suas camadas históricas uma mensagem que está interiormente interligada.

O contexto de todo Evangelho indica claramente uma tensão entre aqueles que creem nos sinais e ensinamento de Jesus e aqueles que mesmo vendo não creem. E este mesmo contexto indica que a proposta do Evangelho é para todos, sem predeterminação ou exclusivismo. Isto implica que, como visto ao longo de todo Evangelho, são os ouvintes que se excluem por decisão própria.

d) Consideração do contexto do texto do AT que foi citado

Já observou-se acima que o contexto de Mc 4,10-12 assemelha-se ao contexto de Is 6,1-13³²⁹. Em ambos há um povo obstinado, um mensageiro de Deus com uma palavra de advertência e convite para mudanças³³⁰. Estes horizontes paralelos orientam uma melhor leitura do texto, o que é visível aqui nesta proposta. Logo, se o texto do AT não tinha o propósito de ocultar, então o de Marcos também não pode ter. Se o texto de Isaías é uma demonstração da misericórdia de

³²⁸ RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007, p. 171.

³²⁹ WATTS, R. E. **Isaiah's New Exodus Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2000, p. 188-198 e KERNAGHAN, R. J. **Mark**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2007, p. 87-90 apresentam uma excelente analogia de contextos entre Mc 4,12 e Isaías.

³³⁰ BRUCE, F. F. **The Harding Says of Jesus**. Illinois: IVP Press, 1983, p. 122 observa que a “experiência de Isaías foi reproduzida no ministério de Jesus”.

Deus que tenta resgatar um povo que, de antemão, já se sabe de sua obstinação, então semelhante aspecto ocorre em Marcos.

e) Fundamentação em bases concreta

Sem ignorar o processo histórico do texto, esta proposta busca se basear no elemento mais concreto disponível, que é o próprio texto. Não há uma tentativa ou múltiplas tentativas de aplicar ao texto categorias subjetivas. A tradição manuscrita informa que não só em Marcos, como também nos paralelos de Mateus e Lucas, que o texto não apresenta variação considerável, o que implica que a história da transmissão do texto assegura que a estabilidade do texto como segura, sem variação considerável, o que implica que qualquer sugestão que ignore este dado material deve ser evitada.

5.3 Leitura harmonizante

Uma terceira abordagem a ser considerada é a que poder-se-ia designar por leitura ou abordagem múltipla. Não é uma proposta sistematizada como as duas anteriores. Algumas vezes é apresentada dentro de uma das anteriores. Esta proposta traz uma abordagem que unifica as duas anteriores, ou seja, ela propõe que no atual contexto de Marcos as parábolas têm tanto o propósito de revelar como o de ocultar ou endurecer.

Segundo Kermode, o evangelho tanto revela como oculta³³¹. Similarmente Cranfield comenta que estes dois aspetos podem ser vistos no ministério de Jesus, que por um lado ensina a multidão, envia os discípulos para pregar, demonstra poder e compaixão, e por outro lado ensina a multidão indiretamente através de parábolas, procurando ocultar seus feitos³³². Neste sentido, Brooks expõe que existe tensão em Marcos entre o Jesus revelado e ocultado³³³.

Ainda nesta linha de pensamento, Hengel comenta que o que se observa nas parábolas é uma ‘ocultação reveladora’, isto é, a “revelação pode ocultar e a ocul-

³³¹ KERNODE, F. **The Genesis of Secrecy**. Cambridge: Harvard University Press, 1979, apud BOMBLERG, C. L. **The Historical Reliability of the Gospels**. Leicester: Inter-Varsity Press, 1987, p. 64.

³³² Cf. CRANFIELD, C.E.B. **The Gospel According to Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977, p. 157.

³³³ Cf. BROOKS, J. A. **Mark**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, 1991, p. 82.

tação pode revelar”³³⁴. Schnackenburg afirma que se ao termo ‘em parábola’ for aplicado o sentido de ‘mistério’, então este último pode ser desvendado e também ocultado, isto é, desvenda-se para os que têm fé e oculta-se para os que não têm³³⁵.

Concorda com este pensamento Edwards quando observa que o Deus que dá o mistério, também cega os olhos do relutante, tal como as parábolas, que são ocultas e misteriosas³³⁶. Observa-se que estes autores embora possam pender para uma das propostas acima, ainda admitem esta possibilidade. No entanto, esta abordagem apresenta muitas limitações das quais destacam-se:

a) Não considera as implicações da ambivalência

Os proponentes que adotam esta abordagem não se detêm na questão se a unificação das duas ideias é possível ou não à luz do objetivo e da teologia de Marcos. A admissibilidade desta proposta aplica naturalmente ao ensino de Jesus um caráter predeterminista e seletivo ou exclusivista, o que não se harmoniza com a teologia de Marcos e de todo NT. Esta unificação ainda se torna impossível diante dos objetivos ou missão do Filho do Homem expressos pelos temas cristológicos em Marcos.

O fato do ouvinte rejeitar não implica que a mensagem da parábola o endureceu. Pelo contrário, é a negação que endurece o próprio ouvinte, pois a resistência sempre parte de dentro do ouvinte e não vem de fora com a parábola. Outrossim, o teor da estrutura 4,1-34 indica preferência pelo tema da revelação e não da ocultação ou de ambos³³⁷.

b) Justificativa deficitária

A abordagem múltipla apresenta uma explicação que justifica a unificação das propostas muito deficitária. As explicações que seus proponentes apresentam para admitirem tal possibilidade não têm plausibilidade, principalmente quando analisadas no conjunto de Marcos e do NT. Não responder positivamente não im-

³³⁴ HENGEL, M. **Studies in the Gospel of Mark**. London: SCM Press, 1985, p. 95–96, apud EDWARDS, J. R. **The Gospel According Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2002, p. 119.

³³⁵ SCHNACKENBURG, R. **O Evangelho de segundo Marcos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 112.

³³⁶ EDWARDS, J. R. **The Gospel According Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2002, p. 119.

³³⁷ Sobre estes detalhes ver alíneas a,b,c,d, e do tópico 4.4.3.

plica em um ato de não entender o que foi dito. Esta abordagem não apresenta uma explicação que se enquadre na dinâmica desta ambivalência, dentro das declarações de Marcos e do NT sobre, por exemplo, o convite aberto a participar do Reino de Deus.

c) desconsideração do antagonismo das duas propostas

A proposta mista desconsidera a contradição natural entre as abordagens. Confunde a rejeição do ouvinte com dificuldade imposta pela mensagem da parábola. Não reflete no aspecto de que a entrada no reino não é barrada por Jesus ou Deus, mas pela própria escolha ou decisão do ouvinte. O ato de convidar, através das parábolas, não pode ser um ato excludente ao mesmo tempo acolhedor; são ideias incompatíveis.

A ênfase dada no verbo ἀκούω sugere que a conduta de endurecer parte do próprio ouvinte e não lhe é imputado, o que sugere também que há na estrutura, indiretamente, uma antítese entre a ação endurecer e aceitar (escutar). Assim, percebe-se que, embora a proposta dificultante e a múltipla sejam propostas feitas com seriedade acadêmica, ainda assim perdem preferência diante da proposta facilitadora, principalmente quando os aspetos que envolvem cada uma delas são levados em conta.

6 Conclusão

Esta pesquisa se ocupou no estudo sobre as parábolas de Jesus, especificamente sobre a teoria do propósito das parábolas de Jesus expressa na atual configuração da perícopa de Mc 4,10-12. A pesquisa procurou responder por qual motivo Jesus usou parábolas em Seus ensinamentos, e concluiu que Jesus não usou parábolas para endurecer o coração aos de fora nem lhes dificultar o acesso às coisas do Reino de Deus. Nesta, se admitiu a possibilidade de que a tensão no atual texto não expressa uma contradição ao contexto geral da narrativa de Marcos, mas que a mesma pode ser explicada dentro da dinâmica da narrativa. Esta possibilidade evita a imposição ao texto de dados pré-estabelecidos, que talvez leve a desconsideração dos aspectos históricos do texto, como por exemplo, a intenção do que o texto pretendia comunicar e ainda o pretende.

A pesquisa se constituiu de quatro capítulos. No primeiro capítulo se resumiu a história da interpretação das parábolas desde o período patrístico até a contemporaneidade, percebendo-se que o processo interpretativo das parábolas é dinâmico e não estático. No segundo capítulo se analisou os aspectos exegéticos da perícopa, as questões introdutórias do Evangelho de Marcos e os procedimentos da análise do texto. Neste, a análise crítico textual demonstrou que o texto não apresenta problemas relevantes, o que sugere que o texto foi transmitido de forma segura. Também se verificou que a unidade de Mc 4,10-12 é verificável, coesa e coerente e se enquadra perfeitamente na estrutura maior (Mc 4,1-34) e em toda narrativa do Evangelho. Estes dois primeiros capítulos serviram como horizontes da pesquisa para outros dois que se seguiram.

No terceiro capítulo se colheu os resultados do capítulo anterior, e constituiu o comentário exegético da perícopa. Neste comentário se concluiu que: οἱ περὶ αὐτὸν (10c) são um grupo maior de seguidores e os δώδεκα (10c) são o grupo dos apóstolos escolhidos em Mc 3,13-19 caracterizados pela disposição de seguir a Jesus; que ὑμῶν e ἐκείνοις-τοῖς ἔξω se referem a grupos distintos, respectivamente os que estavam ao redor de Jesus e os que se opunham a Ele, no entanto os termos são primariamente conceitos que caracteriza, pessoas ou grupos, e não uma fórmula aleatória ou predeterminação de pessoas ou grupos; que ο μυστήριον τῆς βασιλείας τοῦ θεοῦ (v.11c) não se refere a algo algo misterioso revelado apenas

ao grupo dos discípulos, se refere ao conhecimento das coisas do Reino de Deus dadas por intermédio de Jesus a todos, sendo contínua aos que respondem continuamente e limitada a quem responde negativamente; que Jesus não usou parábolas para ocultar o mistério de Reino de Deus aos de fora ou endurecer o coração de Seus ouvintes, pelo contrário, usou as parábolas por motivos didáticos de forma a facilitar o processo de compreensão e aumentar a possibilidade de garantia de aceitação dos ouvintes.

E finalmente, no quarto capítulo se apresentou a síntese e uma breve análise teológica das três grandes teorias relativas ao conceito do propósito das parábolas de Jesus expresso em Mc 4,10-12, a proposta do endurecimento, a facilitadora e a harmonizante, se concluindo que: a teoria de que a proposta do endurecimento, que Jesus usou parábolas para endurecer o coração dos ouvintes, não tem apoio dentro da estrutura da própria perícopie nem da narrativa de Marcos, e nem do conjunto de todo o NT; que a proposta facilitadora parece ser a melhor opção por se harmonizar melhor com a teologia da unidade, de Marcos e com todo o conjunto do NT; que a leitura harmonizante, a semelhança da primeira, também não parece ser adequada por apresentar algumas limitações e não se enquadrar no contexto apresentado pelo texto, o Evangelho de Marcos e todo NT.

Reafirma-se, portanto, a preferência da leitura facilitadora sobre a dificultante e harmonizante, isto é, Jesus não usou parábolas em Seus ensinamentos para endurecer o coração dos de fora e ocultar-lhes as coisas do Reino de Deus, pelo contrário, usou parábolas para facilitar o processo de compreensão a todos que O ouviam, trazendo à compreensão as coisas do Reino de Deus através de uma linguagem que era familiar e natural aos Seus ouvintes.

Novas pesquisas poderiam se deter não num exame das parábolas e da teoria de Mc 4,10-12 em si, mas numa análise cuidadosa das metodologias que têm sido usadas para a interpretação de ambos. As metodologias poderiam ser testadas e verificadas a fim de observar se sua relação com o objeto de estudo (as parábolas e o texto de Mc 4,10-12) é adequada ou não, se seus resultados são imputados às parábolas e ao texto ou se são extraídos deles mesmos, se os dados e procedimentos que estas metodologias usam são tangíveis e verificáveis, se são metodologias adequadas para essa natureza de material e por fim, se são relevantes ou não.

7

Referências bibliográficas

7.1

Obras de referência

- BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1990.
- BLASS F.; DEBRUNNER, A. **A Greek Grammar of the New Testament and Other Early Christian Literature**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.
- CAMBRIDGE UNIVERSITY. **Cambridge Greek Testament: Greek Text.** Cambridge: Cambridge University Press. 2012.
- DANKER, F. W. (Rev. Ed.). **A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature**. 3th. Chicago: Chicago University Press, 2000.
- EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. v. 1. London: Yale University Press, 1992.
- HOLMES, M. W. (Ed.). **The Greek New Testament: SBL Edition**. Lexham Press: Society of Biblical Literature (Logos Bible Software), 2013.
- KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Grands Rapids: William B. Eerdmans, 1985.
- LIDDEL, H. G; SCOTT, R. **Greek-English Lexicon**. 9th. ed. add. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.
- METZGER, B. M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. 3th. London: United Bible Societies, 1971.
- NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- _____. **The Greek New Testament**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2014.
- PAROSCHI, W. **Origem e transmissão do Texto do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2012.
- ROBERTSON, A. T. **A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research**. London: Hodder & Stoughton, 1919.
- SIMIAN-YOFRE, H (Coord.). **Metodologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Loyola, 2000.
- TISCHENDORF, C. **Novum Testament Graece**. v. 1. Lipsiae: Giesecke & Devrient, 1869.
- WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento: Manual de metodologia**, 5. ed. São Leopoldo: Sinodal; S. Paulo: Paulus, 1998.
- WALLACE, D. B. **Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**, São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009.
- ZERWICK, M. **Il Greco Del Nuovo Testamento**. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2010.

7.2

Livros/partes de livros e verbetes de dicionário

- ALAND, K; ALAND, B. **O Texto do Novo Testamento**. São Paulo: SBB, 2013.
- ALLEN, L.C. **Ezekiel 1-19**. Dallas: Word Books, 1994.
- ALLEN, L.C. **Jeremia**. Louisville, KY; London: Westminster John Knox Press, 2008.
- ANDERSON, H. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: William. B. Eerdmans, 1976.
- BALZ, H; SCHNEIDER, G. μήτι. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1990, § 3418.
- BARBAGLIO, G; FABRIS, R; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos I**. São Paulo: Loyola, 1990.
- BEAVIS, M. A. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2011.
- BELO, F. **A Materialist Reading of the Gospel of Mark**. Maryknoll: Orbis, 1981.
- BELTRAN, V. B. **El Yo-Testigo en el Evangelio de San Marcos** (Perspectiva Estructural). 1990. 250 p. Monografia (Tese) – Faculdade de Teologia, Universidade de Navarra, Navarra, 1990.
- BENOIT, P; BOISMARD, M.E; MALILLOS, J. L. **Sinopsis de los Cuatro Evangelios**. Tomo II. Bilbao: Desclee de Brouwer, 1977.
- BLOMBERG, C. **Interpreting the Parables**. Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1990.
- _____. **The Historical Reliability of the Gospels**. Leicester: Inter-Varsity Press, 1987.
- BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento: história, literatura e teologia**. v. 1. São Paulo: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2016.
- BOVON, F. **The Parable of the Prodigal Son, Luke 15:11–32, Read by an Analyst**. In: BOVON, F; ROUILLER, G. (Eds.) **Exegesis: Problems of Method and Exercises in Reading** (Genesis 22 and Luke 15). Pittsburg: Pickwick, 1978, p. 441-466.
- BRATCHER, R. G; NIDA, E. A. **A Handbook on the Gospel of Mark**. New York: United Bible Societies, 1993.
- BROOKS, J. A.: **Mark**. Nashville: Broadman & Holman, 1991.
- BROWN, R. **The Semitic Background of the Term "Mystery" in the New Testament**. Philadelphia: Fortress, 1968.
- BRUCE, A. B. **The Parabolic Teaching of Christ: A Systematic and Critical Study of the parables of our Lord**. 4th. New York: Hodder & Stoughton. 1882.
- BRUCE, F. F. **The Harding Says of Jesus**. Illinois: IVP Press, 1983.
- _____. **Merece confiança o Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- BRUEGGEMANN, W. **A Commentary on Jeremiah: Exile and Home-Coming**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1998.
- _____. **Theology of the Old Testament**. Minneapolis: Fortress Press, 1997.
- BUGGE, A. C. **Die Haupt-Parabeln Jesu**. Giessen: Ricker'sche Verlagsbuchhandlung, 1908.

- BULTAMANN, R. **Historia de La Tradicion Sinóptica**. Salammanca: Sigueme, 2000.
- BULTMAN, R. **The History of the Synoptic Tradition**. Michigan: Blackwell, 1963.
- CADOUX, A. T. **The Parables of Jesus: Their Art and Use**. London: James Clarke & Co, 1930.
- CARSON, D.A.; MOO, D.J; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CASSIDY, R. J. **Jesus, Politics and Society**. Maryknoll: Orbis, 1978.
- CHILDS, B. S. **New Testaments**. Minneapolis: Fortress, 1993.
- _____. **Isaiah**. Louisville, KY: Westminster John Knox Press, 2001.
- COLWELL, E.C. **Studies in Methodology in Textual Criticism of the New Testament**. Leiden: Brill, 1969.
- COMBET-GALLAND, C. **O Evangelho segundo Marcos** in: MARGUERAT, D. (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2009, p. 45-81.
- CRANFIELD, C. E. B. **The Gospel According to Mark**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- CROSSAN, J. D. **Raid on the Articulate: Comic Eschatology in Jesus and Borges**. New York: Harper & Row, 1976.
- _____. **The power of the Parables**. New York: HarperOne, 2012.
- CROSSLEY, J. G. **The Date of Mark's Gospel: Insight From the Law in Earliest Christianity**. London: T & T Clark International, 2004.
- CULLMAN, O. **A formação do Novo Testamento**. São Leopoldo: Sínodal, 1979.
- CULPEPPER, R. A. **Mark**. Macon: Smyth & Helwys, 2007.
- CUVILLIER, E. Le Concept de ΠΑΡΑΒΟΛΗ dans le second Evangile. **Études Bibliques**, v. 19, n. 1, 1993, Paris: Gabalda.
- DELORME, J. **Leitura do Evangelho segundo Marcos**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 1982.
- DEWEY, J. **Marcan Public Debate**. Society of Biblical Literature Dissertation Series 40. Chico, CA: Scholars Press, 1980.
- DIBELIUS, M. **From Tradition to Gospel**. Cambridge & London: James Clarke & Co., 1971.
- DODD, C. H. **The Parables of the Kingdom**. rev. ed. Glasgow: Fontana Books, 1961.
- DONAHUE, J. R. **The Gospel in Parable**. Philadelphia: Fortress. 1988.
- DORSEY, D. A. **The Literary Structure of the Old Testament**. Grand Rapids: Baker Books, 1999.
- EDWARDS, J. R. **The Gospel According Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2002.
- EICHRODT, W. **Theology of the Old Testament**. v. 1. Philadelphia: Westminster Press, 1960.
- FIEBIG, P. **Altjüdische Gleichnisse und die Gleichnisse Jesu**. Tübingen: Mohr, 1904.
- FORD, J. M. **The Parable of the Foolish Scholars**, 1967.
- FRANCE, R. T. **The Gospel of Mark: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids: W.B. Eerdmans, 2002.
- FUCHS, E. **Studies of the Historical Jesus**. Napperville: A. R. Allenson, 1964.

- GNILKA, J. **El Evangelio segun San Marcos: Mc 1, 1-8,26**. 4. ed. Salamanca: Sígueme, 1999.
- GOULD, E. P. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Mark**. Edinburgh: T. & T. Clark, 1912.
- GOWLER, D. B. **What they are Saying about the Parables**. New York: Paulist Press, 2000.
- GUEDES, J. O. O. **A gênese do discípulo: uma relação semântica de Paulo e João a partir do estudo de Filipenses 3,1-16 e João 15,1-8**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GUELICH, R. A. **Mark 1-8:26**. Dallas: Word Books, 1989.
- HAGNER, D. A. **The New Testament: A Historical and Theological Introduction**. Grand Rapids: Baker Academic, 2012.
- HAUSER, A. J; WATSON, D. F (Eds.). **A History of Biblical Interpretation**. v. 1. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 2003.
- HENAUT, B. W. **Oral Tradition and Gospels: The Problem of Mark 4**. Sheffield: Sheffield Press, 1993.
- HENGEL, M. **Studies in the Gospel of Mark**. London: SCM Press, 1985.
- HOLLADAY, C. R. **A Critical Introduction to the New Testament: Interpreting the Message and Meaning of Jesus Christ**. Nashville: Abingdon, 2005.
- HOLTZ, T. **δῶδεκα**. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 1. Grand Rapids: William D. Eermans, 1990, § 1473.
- HOOKER, M. D. **Mark's Parables of the Kingdom (Mk 4:1-34)**. In: LONGENECKER, R. N. (Ed.). **The Challenge of Jesus' Parables**. Grand Rapids; Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Company, 2000, p. 79-101.
- HOUSE, P. R. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida, 2005.
- HUNTER, A. M. **Interpreting Parables**. London: SCM Press, 1960.
- JEREMIAS, J. **As parábolas de Jesus**. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1986.
- KAISER, O. **Isaiah 1-12**. 2th. Philadelphia: Westminster Press, 1983.
- KAISER, W. C. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- KERNAGHAN, R. J. **Mark**. Downers Grove: InterVarsity Press, 2007.
- KERNODE, F. **The Genesis of Secrecy**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- KHATRY, R. **The Autenticity of the Parables of the Wheat and Tare and its Interpretations**. 1991. 276f. Monografia(Tese) – Council for National Academic Awards, Reino Unido,1991.
- KISSINGER, W. S. **The Parables of Jesus: A History of Interpretation and Bibliography**. London: The Scarecrow Press, 1979.
- KÜMMEL, W. G; FEINE, P; BEHM, J. **Introdução ao Novo Testamento**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- LAMBRECHT, J. **Once More Astonished: The Parables of Jesus**. New York: Crossroad, 1981.
- LAMP, P. **ἵνα**. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.). **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 1. Grand Rapids: William D. Eermans, 1990, § 2525. 1. b.

- LANE, W. L. L. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1974.
- LÉGASSE, S. **L'Évangile de Marc**. I-II. Paris: Cerf, Coll, 1997.
- LINNEMANN, E. **Parables of Jesus**: Introduction and Exposition. London: SPCK, 1966.
- LOISY, A. **L'Évangile selon Marc**. Paris: Émile Nourry, 1912.
- MALINA, B. J. **Christian Origins and Cultural Anthropology**. Atlanta: John Knox, 1986.
- MALLY, E. J. **Evangelio según San Marco**. In: BROWN, R; FITZMYER, J. A; MURPHY, R. E. *Comentário Bíblico San Jerônimo*. Madrid: Cristianidad, 1972, p. 59-162.
- MANN, C. S. **Mark**: A New Translation with Introduction and Commentary. New York: Doubleday, 1986.
- MANSON, T. W. **The Teaching of Jesus**: Studies in its Form and Content. Cambridge: Cambridge University Press, 1967.
- MARCUS, J. **El Evangelio según Marcos**. Salamanca: Sígueme, 2010.
- _____. **Mark 1-8**: A New Translation with Introduction and Commentary. New York: Doubleday, 1999.
- _____. **The Mystery of the Kingdom of God**. Society of Biblical Literature Dissertation Series 90. Atlanta: Scholars Press, 1986.
- MARIE, L. E; LANGRAGE, J. **Évangele selon Sant Marc**. Paris: Librairie, 1947.
- MARSHALL, I. Howard. **New Testament Interpretation** : Essays on Principles and Methods. Milton Keynes, UK: Paternoster, 1977.
- MARTIN, D. B. **New Testament History & Literature**. New Haven-London: Yale University Press, 2012.
- MAZZAROLO, I. **Evangelho de Marcos**. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2004.
- MOLONEY, F. J. **The Gospel of Mark**. Peabody, MA: Hendrickson, 2002.
- MONASTERIO, R. A. **Evangelho Sinóticos e Atos dos Apóstolos**. São Paulo: Ave-Maria, 2000.
- O'CALLAGHAN, J. **Introducción a La Crítica Textual Del Nuevo Testamento**. Estella: Verbo Divino, 2000.
- ODEN, T. C; HALL, C. A. (Orgs.). **La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y Otros Autores de la Época Patrística**: Evangelio según San Marcos. Madrid: Ciudad Nueva, 2000.
- PAGOLA, J. A. **Jesus**: aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2010.
- PARKER, D. C. **An Introduction to the New Testament Manuscripts and their Texts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- PEPPERMÜLLER, R. **ἔξω**. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.) **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William D. Eerdmans, 1990, § 1914. 5.
- PEPPERMÜLLER, R. **ἔξω**. In: BALZ, H; SCHNEIDER, G. (Orgs.) **Exegetical Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1990, § 1914.
- PERRIN, N. **Jesus and the Language of the Kingdom**. Philadelphia: Fortress Press, 1976.
- RAD, G. V. **Teologia do Antigo Testamento**. v. 1 e 2. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

- RÄISÄNEN, H. **The 'Messianic Secret' in Mark's Gospel**. Edinburgh: T & T Clark, 1990.
- RATZINGER, J. **Jesus de Nazaré**. São Paulo: Planeta, 2007.
- REISER, M. **Eschatology in the Proclamation of Jesus**. In: LABAHN, M; SCHMIDT, A. (Eds.). **Mark and Q**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2001, p. 216-238.
- RENGSTORF, K. H. **δῶδεκα**. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological Dictionary of the New Testament**. v. 2. Grands Rapids: William B. Eerdmans, 1985, § 203.
- RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.
- ROSKAM, H. N. (Ed.). **The Purpose of the Gospel of Mark its Historical and Social Context**. Leiden: Brill, 2004.
- ROWLEY, H. H. **The Unity of the Bible**. London: Carey Kingsgate, 1953.
- SANDERS, J. A. **The Ethic of Election in Luke's Great Banquet Parable**. In: CRENSHAW, J. L; WILLIS, J. T. (Eds.) **Essays in Old Testament Ethics**. Michigan: Ktav, 1974, p. 245-271.
- SCHAFF, P. (Ed.). **The Nicene and Post-Nicene Fathers**. v. 10. Oregon: Sage Software, 1996.
- SCHMID, J. **El Evangelio según San Marcos**. Barcelona: Herder, 1973.
- SCHMIDT, L. **ἀκούω**. In: KITTEL, G; FRIEDRICH, G. (Orgs.). **Theological Dictionary of the New Testament**. v. 1. Grands Rapids: William B. Eerdmans, 1985, § 43.
- SCHNACKENBURG, R. **O Evangelho de segundo Marcos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SCHOTTROFF, L. **As parábolas de Jesus: uma nova hermêutica**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- SCHREINER, J; DAUTZENGER, G. **Forma e exigência do Novo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1977.
- SCHWEIZER, E. **The Good News According to Mark**. London: SPCK, 1971.
- SCOTT, B. B. **Hear Then the Parable**. Minneapolis: Fortress Press, 1990.
- SMITH, B. T. **The Parables of the Synoptic Gospels**. Cambridge: Cambridge University Press, 1937.
- STEIN, R. H. **An Introduction to the Parables of Jesus**. Philadelphia: Westminster Press, 1981.
- STEIN, R. H. **Mark**. Grand Rapids: Baker Academic, 2008.
- STOCK, A. **The Method and Message of Mark**. Wilmington, DE: Michael Glazier, 1989.
- SWEENEY, M. A. **Isaiah 1-39: With Introduction to Prophetic Literature**. Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1996.
- TALBERT, C. H. **Martyrdom in Luke-Acts and the Lukan Social Ethic**. In: CASSIDY, R. J; SCHARPER, P. J. (Eds.) **Political Issues in Luke-Acts**. Maryknoll: Orbis, 1983, p. 99-110.
- TAYLOR, E. L. **The Disciples of Jesus in the Gospel of Mark**. 1979. 366 p. Monografia (Tese) - Southern Baptist Theological Seminary, Louisville, 1979.
- TAYLOR, J. B. **Ezequiel**. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- TENNEY, M. C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- THEISSEN, G; MERZ, A. **O Jesus histórico**. São Paulo: Loyola, 2002.

- TIDBALL, D. **An Introduction to the Sociology of the New Testament**. Exeter: Paternoster, 1983 (=The **Social Context of the New Testament**. Grand Rapids: Zondervan, 1984).
- TOLBERT, M. A. **Sowing the Gospel: Mark's World in Literary-Historical Perspective**. Minneapolis: Fortress, 1989.
- TOLBERT, M. A. **Perspectives on the Parables**. An Approach to Multiple Interpretations. Philadelphia: Fortress, 1979.
- TUCKER, J. **Example Stories: Perspectives on Four Parables in the Gospel of Luke**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.
- VIA, D. O. **The Parable of the Unjust Judge: A Metaphor of the Unrealized Self**. In: PATTE, D. (Ed.). **Semiology and Parables**. Oregon: Pickwick, 1976, p. 1-32.
- _____. **The Parables: Their Literacy and Existential Dimension**. Philadelphia: Fortress, 1967.
- VIA, D. O. The Prodigal Son: A Jungian Reading. **Semeia**, v. 9, p. 21–43, 1977.
- WARREN, W. F. **Interpreting New Testament Narrative: The Gospels and Acts**. In: CORLEY, B; LEMKE, S. W; LOVEJOLY, G. I. **Biblical Hermeneutic**. Nashville: Broadman & Holman, 2002, p. 316-330.
- WATTS, J. D. W. **Isaiah 1-33**. Waco: Word Book, 2005.
- WATTS, R. E. **Isaiah's New Exodus in Mark**. Grand Rapids: Baker Academy, 1997.
- WATTS, R. E. **Marcos**. In: BEALE, G. K; CARSON, D. A. (Orgs.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 139-316.
- WHITMAN, J. (Ed.). **Interpretation and Allegory: Antiquity to the Modern Period**. Leiden: Brill, 2000.
- WILLIAMSON, L. **Mark**. Atlanta: J. Knox Press, 1983.
- WILLIS, J. T. (Eds.) **Essays in Old Testament Ethics**. Michigan: Ktav, 1974.
- WINN, A. **The Purpose of Mark's Gospel**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2008.
- WITTIG, S. A Theory of Multiple Meanings. **Semeia**, v. 9, p. 75–103, 1977.
- WITTIG, S. **Meaning and Modes of Signification: Toward a Semiotic of the Parable**. In: PATTE, D. (Ed.). **Semiology and Parables**. Pittsburgh: Pickwick, 1976, p. 319–347.
- YOSHIMURA, H. **Did Jesus Cite Isa 6:9-10?: Jesus Saying in Mark 4:11-12 and the Isaianic Idea of Hardening and Remnant**. Åbo, 2010. 300 p. Monografia (Tese) – Åbo Akademis Förlag.
- ZIMMERLI, W. **A Commentary on the Book of Prophet Ezekiel: Chapter 1-24**. Philadelphia: Fortress, 1979.

7.3

Artigos

- AHEARNE-KROLL, S. P. Audience Inclusion and Exclusion as Rhetorical Technique in the Gospel of Mark. **Journal of Biblical Literature**. v.129, n. 4, p. 717-735, 2010.

- BAIRD, J. A. A Pragmatic Approach to Parable Exegesis: Some New Evidence. **Journal of Biblical Literature**. v. 76, n. 3, p. 201-207, 1957.
- BAIRD, W. **New Testament Criticism**. In: FREEDMAN, D. N. **The Anchor Bible Dictionary**. v. 1. London: Yale University Press, 1992, p. 730-736.
- BARRY, C. The Literary and Artistic Beauty of Christ's Parables. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 10, n. 4, p. 376-383, 1948.
- DEWEY, J. Mark as Interwoven Tapestry: Forecasts and Echoes for a Listening Audience. **Catholic Biblical Quarterly**. v. 53, 1991, p. 221-235.
- DODD, C. H. The Framework of the Gospel Narrative. **Expository Times**. v. 43, 1932, p. 396-400.
- EVANS, C. A. On Isaianic Background of the Sower Parable. **The Catholic biblical Quartely**, v. 47, p. 464-468, 1985.
- FAY, G. Introduction to Incomprehension: The Literary Structure of Mark 4:1-34. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 51, n. 1, p. 65-81, 1989.
- GOULDER, M. D. Those Outside. **Novum Testamentum**, v. 33, n. 4, p. 289-302, 1991.
- HARRINGTON, D. J. Second Testament Exegesis and the Social Sciences: A Bibliography. **Biblical Theology Bulletin**, v. 18, p. 77-85, 1988.
- HATING, P. J. The Role of the Disciples in the Jesus Story Communicated by Mark. **Koers**. v. 58, n. 1, p. 35-52, 1993.
- HEDRICK, C. W. What is a Gospel? Geography Time and Narrative Structure. **Perspectives in Religious Studies**. v. 10, p. 254-268, 1983.
- HEIL, J. P. Reader-Response and the Narrative Context of the Parables about Growing Seed in Mark 4:1-34. **Catholic Biblical Quarterly**. v. 54, n. 2, p. 271-286, 1992.
- KINGBURRY, J. D. Major Trends in the Parables Interpretation. **Concordia Theological Monthly**, Missouri, v. 42, n. 9, p. 579-596, 1971.
- MARCUS, J. Marc 4:10-12 and Marcan Epistemology. **Journal of Biblical Literature**. v. 103, n. 4, p. 557-574, 1984.
- PARSONS, M. C. Allegorizing Allegory: Narrative Analysis and Parable Interpretation. **Perspectives in Religious Studies**. v. 15, n. 2, p. 147-164, 1988.
- PASCUT, B. The So-Called Passivum Divinum in Mark's Gospel. **Novum Testamentum**. v. 54, n. 4, 2012, p. 313-333.
- PERRIN, N. Historical Criticism, Literary Criticism, and Hermeneutic: The Interpretation of the Parables of Jesus and the Gospel of Mark Today. **The Journal of Religion**. Chicago, v. 52, n. 4, p. 361-375, 1972.
- PLUMMER, R. Parables in the Gospels: History of Interpretation and Hermeneutical Guidelines. **Souther Baptist Journal of Theology**, Louisville, v. 13, n. 3, p. 4-11, 2009.
- ROBINSON, G. D. The Motif of Deafness and Blindness in Isaiah 6:9-10: A Contextual, Literary, and Theological Analysis. **Bulletin for Biblical Research**. v. 8, p. 167-186, 1998.
- SIEGMAN, E. F. **Teaching in Parables: Mk 4:10-12; Lk 8:9-10; Mt 13:10-15**. **The Catholic Biblical Quarterly**. v. 23, n. 2, p. 161-181, 1961.
- SNODGRASS, K. A Hermeneutic of Hearing. **Bulletin for Biblical Research**. v. 14, n. 1 p. 59-79, 2004.
- _____. Between Text and Sermon. **Interpretation**. v. 67, n. 3, p. 284-286, 2013.

STEIN, R. The Parables of Jesus in Recent Study. **Word & World**, Minnesota, v. 5, n. 3, p. 248-257, 1985.

WILLIAN, J. Does Mark's Gospel Have an Outline? **Journal of the Evangelical Theological Society**. v. 49, n. 3, p. 505-25, 2006.